FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 4 DE ABRIL DE 1959

ANO 38.º — NÚMERO 13 046

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O PROBLEMA AFRICANO — 3

Política da terra

por AUGUSTO CASIMIRO

A África vive uma hora de grande perturbação. Lá, como na Europa, há populações miseráveis, sem poder de compra, sacrificadas a condições de vida que não são as mais desejáveis.

Ás causas da subversão tinhamos, temos de acudir com intervenções construtivamente revolucionárias, que melhorem o homem, que da terra madrasta corrijam os males e a defendam.

Nos países menos evoluídos e subversão revolucionária, as autonomias precoces, a desordem e a miséria sob as mais enganadoras fachadas, evitam-se corrigindo as suas causas, erros de política ou carências dos homens ou da terra.

A mera repressão nada resolve. Agrava tudo.

Mais que em nenhuma parte, em África é necessário colocar no primeiro plano de acção:

— A correcção e a defesa da terra. O melhoramento do homem, defendendo-lhe a saude, alimentando-o melhor, colocando-o ao abrigo da avidez de lucro dos que julgam servir a Pátria servindo-se.

«A prática agrícola, a fixação no solo, a organização de uma forma definida de Governo, são o princípio, a base de uma Civilização. E o meio

(Continua na página seguinte)

O ministro das Obras Públicas visitou hoje obras em curso entre Vila Franca e Alhandra

O sr. ministro das Obras Publicas visitou, esta manhã, as importantes obras em curso entre Vila Franca de Xira e Alhandra, ligadas á Auto-Estrada, que incluem viadutos, pontes e estradas. Alguns destes trabalhos devem estar concluidos até o fim do ano e outros no próximo.

Abordado pelos representantes da Imprensa, o sr. eng.º Arantes e Oliveira disse-lhes:

— A vossa missão hoje é bastante ingrata, pois não vão ver obras novas, mas inteirar-se da solução de vários problemas que surgiram, como sucede em todas as obras importantes como estas, em que se tem que resolver, estudar e modificar projectos em curso.

E acrescentou:

— Trata-se de uma série de pequenos problemas difíceis, mas todos eles com solução, que obrigam a novos estudos. Muitos destes problemas são de ordem técnica.

A visita começou pela estrada do Porto Alto, em Vila Franca, que fica com ligação á ponte, cujos trabalhos estavam suspensos em relação ao acesso e alargamento da estrada, e vão recomeçar dentro de três dias, para estarem concluídos até o fim do ano.

O ministro, que era acompanhado

(Continua na página central)

O ministro junto de um viaduto da auto-estrada Lisboa-Vila Franca

Diario de Lisbôa
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Clube suiço de cozinheiros amadores

BERNA, 4. — Na Suíça foi fundado recentemente um «Clube de Cozinheiros Amadores», que já possui delegações em oitenta e duas localidades. O clube é particularmente dedicado aos homens que cozinham por passatempo e já organizou um curso, distribuindo, ainda, gratuitamente, aos sócios, uma revista.

Na mesa de direcção do clube sentam-se algumas personalidades conhecidas. E' secretário um cozinheiro de Zurich muito popular. — (A. N. I.).

O Governo de Pequim vai enviar 100 mil homens para o Tibet

TAIPEH, 4 — Próximos colaboradores dos Serviços de Informação da China Nacionalista declaram que as autoridades militares de Pequim vão mandar reforços de tropas no total de 100.000 homens para o Tibet, a fim de pôr termo á revolta. — (F. P.).

A Formosa quer dar asilo ao Dalai Lama

TAIPEH, 4 — O Governo nacionalista deu instruções ao seus representantes para tomarem contacto com o Dalai Lama, na India, ao que anunciou Li Yung Hsin, presidente da Comissão dos Negócios Tibetanos e Mongois. Embora a China Nacionalista tenha grande empenho em receber na Formosa o chefe espiritual dos Tibetanos, as autoridades competen-

(Continua na ultima página)

Visado pela Comissão de Censura

Dezasseis bandeiras desfraldadas ao vento

Foram içadas as bandeiras dos quinze países da N.A.T.O. no alto do Parque Eduardo VII assinalando o 10.º aniversário da organização

Comemora-se hoje o 10.º aniversário da assinatura em Washington do Pacto do Atlantico. A ideia da criação de uma aliança das nações ocidentais, cujas afinidades e tradições as identificam, não era nova embora geralmente se reconhecessem as dificuldades da sua realização. Essas dificuldades resultavam, sobretudo, da orientação da política externa americana. Os dirigentes dos Estados Unidos sempre haviam visto com desconfiança os instrumentos diplomáticos de cláusulas automáticas e compromissos militares rígidos. Desejavam conservar uma liberdade de acção que, em duas guerras mundiais, lhes permitiram intervir no momento que julgaram mais oportuno e nas condições que lhes pareceram mais convenientes.

A sua decisão de colaborar activamente na elaboração do Pacto do Atlantico representa uma modificação profunda dessa orientação, a qual se não conseguiu sem um prolongado debate em que se destacou o senador republicano Artur Vandenberg, cuja conversão do isolacionismo intransigente, que sempre defendera, á colaboração com as nações europeias foi um acontecimento de transcendentes consequências.

Embora as primeiras diligências para a sua assinatura partissem do Canadá o nome do senador Vanderberg ficou indissoluvelmente ligado á história do Pacto do Atlantico de que foi o mais operoso artifice.

Nos dez anos que decorreram,

(Continua na página central)

A política britânica em relação a Berlim é causa de preocupação na Alemanha Federal

BONN, 4. — Os círculos políticos desta cidade não dissimulam quanto os preocupa a evolução que parece esboçar-se no campo ocidental, nas vésperas da conferência quadripartida.

As divergências de opinião entre o chanceleu Adenauer e o primeiro-ministro britanico são hoje do domínio publico. A publicação pelo «Times» de um artigo em que se afirma que as relações germano-britanicas nunca foram tão precárias como agora, confirma que, para os Britanicos, a fragilidade das relações entre Bonn e Londres é tão certa como para os Alemães.

Crê-se que o chanceler federal censura os dirigentes britanicos por se afastarem do princípio, segundo o qual o Ocidente não deve fazer qualquer concessão sem contrapartida de Moscovo: há a impressão em Bonn de que Londres está pronta a conceder reduções de efectivos na Europa Central tendo unicamente em vista a conservação dos direitos aliados em Berlim,

(Continua na ultima página)

A's 2 da madrugada adiante o relógio!

E' de hoje para amanhã que entramos na hora de Verão. A's 2 horas da madrugada, os relógios serão adiantados sessenta minutos, adiantamento que se manterá até 4 de Outubro, no continente português e nas ilhas adjacentes.

Eisenhower apontou os perigos de um abrandamento na questão de Berlim

GETTYSBURGO (Pensilvania), 4 — No discurso que proferiu ao inaugurar o Congresso da Primavera da Faculdade de Gettysburgo, Eisenhower afirmou que procurar precipitadamente o apaziguamento da crise de Berlim, não só seria desonroso, mas viria a constituir um grave perigo.

A propósito, Eisenhower recordou o caso de Munich, dizendo: «O Mundo pagou um preço elevado pela lição de Munich, mas aprendeu-a bem».

Disse que a ameaça comunista na antiga capital alemã está integrada num esforço permanente dos comunistas, que têm por objectivo dominar o Mundo.

«De resto, ainda que consentissemos no inconcebível sacrifício de dois milhões de Alemães livres, uma tal confissão de fraqueza desanimaria os nossos amigos e constituiria um estímulo para que os comunistas prosseguissem com a campanha de domínio».

Eisenhower sublinhou que a firmeza não significa «rigidez» ou «teimosia», e garantiu que as nações livres não desejam a guerra.

«Pretendemos substituir a força pela lei, e os campos de batalha pelas mesas das conferências».

Para explicar e defender a sua política externa — origem de constantes discórdias no Congresso — o presidente referiu-se ao Vietnam ao Japão e a Berlim, como exemplos que exigem as seguintes decisões:

—Firmeza perante as acusações dos Russos.

—Auxílio ao estrangeiro para evitar a fragmentação dos postos avançados do mundo livre.

—Comércio com o exterior para evitar que os países amigos fiquem dependentes dos mercados comunistas.

Eisenhower disse ainda que o preço de defender a liberdade deve ser pago de muitas formas e em muitos lugares. — (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

O saber médico de Maimónides

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O maior de todos foi Maimónides (Lux Occidentis), o arabi Moshé Ben Maimón, natural de Córdova (30 de Março 1135), teólogo, filósofo, humanista e médico dos mais letrados e sabedores do seu tempo, comentador da Bíblia e do Talmude, além de matemático, astrónomo e jurista.

Era filho de Maimón, dayan de Córdova, juiz do Supremo Tribunal Rabínico, e foi muito cedo iniciado nos segredos e mistérios da Teologia mosaica, na filosofia e medicina. Córdova, ao tempo, era um dos centros intelectuais das Espanhas. Foi dali, através da vasta obra de Maimónides, que saiu a luz, a ciência que iluminou Alberto, o Magno, e S. Tomás de Aquino, dando á

(Continua na 7.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

NO PAÍS DO VINHO

TEMOS muitos e bons vinhos de mesa, licorosos e generosos. A terra, o clima e a assistência técnica dão-se as mãos para manter a tradição deste nostálgico e alegre país das uvas. Mas como chega esse vinho á exportação? O problema, com todas as interrogações e conclusões foi posto na Associação Comercial de Lisboa pelo seu director, sr. António Pontes Santos Moita. Bem hajam as cooperativas que dão o máximo do justo lucro ao produtor. Mas a genuinidade produzida, a partir da sua origem? Da união inter-profissional (lembrou o orador) muitos e largos benefícios poderiam nascer. Um Fundo de Fomento de Exportação de Vinhos de Consumo podia estar na base das melhores soluções. Os mercados da América, da Suíça, da Alemanha e do Brasil aguardam algo de novo que dinamize a nossa exportação minimizada. E isto sem falar das peias, exigências, dificuldades que entravam o comércio de vinhos com o Ultramar. Tudo isto faz parte do nosso mundo exportador. Foi discutido calorosamente pela assistência mas, no final ficou-se com a impressão de que algo de novo pode surgir de novo neste país de uvas e de vinhos.

FEIXE DE NOTÍCIAS

O governador-geral do Estado da India anunciou as realizações previstas no Plano de Fomento para aquela província. Importarão em 1.207.565 contos, dos quais no primeiro quadriénio serão dispendidos 311.944 contos. A que se destinam, enunciou-o o governador geral: edifícios publicos, assistência hospitalar e social, instituições desportivas, C. T. T., instrução, iluminação, estradas, abastecimento de água, fomento, portos, pontes e farois, casas, polícia, padrões e monumentos. O plano está dividido em três quadriénios e constitui admirável política de progresso ultramarino.

*** Agostinho Perinha Guedelha (25 anos, Ranginha, Santo António das Areias) saiu de casa e disse: «Vou á lenha». Por onde andou? Onde o levaram os passos da desventura? Sabe-se apenas que só no dia seguinte deram com ele debaixo de uma sobreira. Estava sem fala e ferido na cabeça. E' que o pobre tinha ás vezes ataques epilépticos e andava entregue á doença e á sua sorte. E daí a sua morte.**

*** Morreu em Ponta Delgada uma ilustre e generosa senhora. Era D. Maria Sofia Martins Ferreira, viuva do dr. Adolfo Martins Ferreira. Tinha fortuna e legou-a. Com a sua morte, o Asilo de Mendicidade de Ponta Delgada vai receber para cima de dois mil contos constituídos por bens rusticos e urbanos. Legara-os aquele casal que assim deu novos alentos a uma bela instituição decadente por falta de donativos.**

*** Começaram as festas por aí fora e com elas os foguetes de lágrimas. Lágrimas daquetes que são deformados pela explosão de foguetes. E assim ficaram com as mãos esfaceladas: Francisco Mendes Teixeira (14 anos, de Boucinha, Celorico de Basto); António Ferreira (40 anos, Casal de Sapos, Marco de Canaveses); Silvino Almeida Dias (17 anos, Estrada, Adaufe, Braga); Manuel Travaços (45 anos, Oitava, Meinedo); Celso Manuel da Cunha Pinheiro (10 anos, Sabugosa); e Joaquim Avelino Valério (8 anos, Ermelo, Mondim de Basto).**

*** Era de noite, alta madrugada, e Maria Margarida Rocha Mesquita (Outeiro, Régua) dormia a sono solto. Foi, então, que o ladrão lhe entrou em casa. Roubou-lhe 2.700 escudos (toda a sua fortuna de moça solteira) e vibrou-lhe seis navalhadas, sem que ela acordasse. Foi só á sétima que o meliante se cansou e a Margarida acordou. Estranho, que lhes parece?**

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu os drs. Francisco Cortês Pinto, Manuel Lucas de Sousa e Fernando Cruz, da direcção da Associação Industrial Portuguesa, e Virgilio Pereira da Silva. No seu livro de cumprimentos inscreveram-se o visconde de Riba Tamega e comandante André Leon Fleury Nazareth, adido naval brasileiro. * O Presidente do Conselho trabalhou com os ministros da Presidência e das Finanças, e recebeu o embaixador de Inglaterra. * Faleceu em casa, devido a doença subita, Hortênsio Ferreira Gonçalves, de 22 anos, sapateiro (Azinhaga do Alto do Varejão). * Acácio Lopes (65 anos, Venda do Brasil, Ansião), que sofria de perturbações mentais, saiu de casa sem que a família o visse. Quando deram com ele no quintal do vizinho João da Silva, estava morto.

O problema africano

(Continuação da página anterior)

físico favorável, e a transmissão dos conhecimentos adquiridos». (Huntington).

Ontem (a previdência deve ser a força essencial, primeira, de qualquer política), o problema africano impunha-nos cuidassemos da terra subtropical. Ela é ainda madrasta, exceptuando certas manchas, vales de aluvião e solos florestais onde pôde acumular-se humos. Madrasta e inimiga. Pelas suas carências próprias, pela assoladora acção dos agentes meterológicos, pela insuficiência da técnica agrícola do indígena, pela permanência, no que respeita a nativos e a brancos, de uma mentalidade que não combate estes males fundamentais.

O Africano procurou minorá-los e, do que tradicionalmente faz, muito há a conservar quanto á defesa da terra. Já o reconheceram agrónomos da Europa.

Temo-nos descuidado, porém. Nem sempre procurámos manter e melhorar as fontes produtoras. Do sector tornado escasso passava-se a outro. A meteorologia devastava a terra. Harroy ao seu livro, deu este título trágico: **Afrique, terre qui meurt.** E nós deixávamo-la morrer.

Nas regiões tropicais o solo cultivável é de pequena espessura, repousa sobre uma camada inimiga, esgota depressa a sua fertilidade se lha não renovam. É ácido ou faltam-lhe humos e elementos básicos. É inferior, de uma maneira geral, aos solos agrícolas das zonas temperadas. Falta-lhe a matéria organica que, sob a acção erosiva da água, em solos mal protegidos pela vegetação, reteria aqueles elementos. A água das chuvas empobrece o humos das zonas florestais que sofre a decomposição das suas materias organicos. (**Pierre Gourou. The tropical World**).

A terra africana degrada-se, agoniza. Os homens defendem-na mal. Sem a ajuda do adubo, cansa-se, exausta. Torna-se em deserto. E o deserto é a fome, a doença e a morte. O primeiro capítulo de um grande plano de fomento em África, com imediatas repercussões no campo económico, político e social — tem de servir a terra. Cremos, escrevíamos no **Angola e o Futuro**, que o estudo mais urgente a realizar em África, a completar onde foi já começado, em termos, porém, de insuficiente realização, seria o feito por uma grande missão de agrónomos competentes que levasse ao mais pronto e exacto conhecimento das carências do solo, da forma de corrigi-lo, de protegê-lo, procurando minorar os inconvenientes dos métodos tradicionais da cultura agrícola nativa, reduzindo os abates das árvores e as queimadas pela adopção de processos capazes de permitir o enriquecimento dos solos com estrumes e conservá-los a coberto da destruição por efeito das chuvas e da erosão; fixando cada vez mais a agricultura itinerante, vagabunda, praticada ainda hoje. Alguma coisa lizemos já. Reconhecemos o que havia de válido e podemos conservar na técnica nativa. Mas temos de fazer muito mais e sem demora. Em muitas regiões ao Sul do Saharà, sob o enquadramento e impulso de agrónomos europeus, notáveis transformações se verificaram.

Os processos tradicionais nativos implicam largos pousios que permitam se refaça a floresta e o solo protegido se enriqueça. Por isso alargar a área das reservas de terras destinadas á agricultura indígena, é essencial, tornando-as pelo menos seis vezes maiores, em cada região, do que a área cultivada em cada ano.

O fabrico de estrumes em nitreiras, com despejos caseiros, desperdícios, etc, a utilização de melhores sementes; o maior numero de culturas; o aumento do gado doméstico; o emprego de melhores alfaias; uma permanente assistência administrativa que excite a actividade do nativo nos termos orientados pelos quadros técnicos —, terão por toda a parte um efeito pacificador, promovendo a confiança, aumentando a riqueza comerciável.

O Africano alimentar-se-á melhor. «Em algumas regiões de África (escreviamos na obra citada), pela produção maior, pela selecção de novas espécies vegetais usadas na alimentação, a densidade populacional aumentou e a adubação reduziu o tempo de pousio das terras».

«A adaptação ás actividades presentes do sistema colectivista tribal da posse e do usufruto do solo; o sentido comunitário da cooperação tradicional dentro de cada tribo e família, auxiliariam, em muitos pontos, o esforço necessário á realização do grande plano que transformaria as actuais condições da economia indígena. Temos, nesse sentido, em Moçambique, realizado algo. Em Gajá (Macaloane), na Muianga, no Bilene, no Chibuto. Terras protegidas, melhores alfaias, maior riqueza em gados. Cooperativas agropecuárias, com armazens, camaras de expurgo para cereais, moinhos. Estábulos, nitreiras, pequenas fábricas de lacticínios.

Estas experiências de cooperação têm, insisto, na tradição tribal uma base magnifica. Em Angola, seguindo o exemplo do Congo Belga, o governador Silva Carvalho iniciou a grande experiência dos Colonatos indígenas em que populações se juntaram, fixaram na terra protegida contra a erosão, beneficiadas pela assistência técnica, médica e social. Máquinas e tractores prepararam os solos, abriram valas de protecção, de enxugo, de irrigação. Construiram-se casas e armazens comuns, estábulos e nitreiras. Distribuiram-se sementes. Variou-se a produção. Aumentou-se, em alguns Colonatos, a riqueza pecuária.

— Como prosseguir esta obra?

Em África, quando falta a continuidade governativa mantida por um verdadeiro chefe, as grandes iniciativas dispersas perdem-se. O que há a fazer tem de ser planeado em termos de duração e permanência. Para tal, e para imediato melhoramento da condição dos homens, e da paz política e social, estas realizações deviam ser integradas num grande plano de fomento, a par de um programa de educação de base em que elas seriam tarefas fundamentais.

O monumental, o urbano, o espectacular importa hoje menos, em materia de fomento africano, do que o esforço que tenda a melhorar a terra e a servir os homens. Os nossos interesses serão melhor servidos e mais duradouramente, se os mantivermos com base na actividade livre do nativo assistido pelas autoridades administrativas e pelos nossos quadros técnicos, sem que perturbem o seu trabalho na aldeia as exigências injustificáveis, não permitidas pela lei e geradoras de inquietações e desordens.

Fixo á terra, senhor da terra que cultiva, protegido pela nossa lei — beneficiando de uma assistência educativa que a par da instrução literária, com base na aldeia, o inicie na prática dos direitos políticos e de melhores técnicas de produção — cooperando connosco, ao abrigo de qualquer abuso, vendendo livremente os seus produtos e, pela diversidade e melhor qualidade da produção, posto ao abrigo das variações de cotação nos mercados — o português africano, associado fraterno, percorrerá sem sobressaltos os caminhos do seu progresso, pode encontrar ao nosso lado, praticar ao nosso lado, connosco, os direitos que o habilitarão, numa África evoluída e senhora dos seus destinos, continuar Portugal.

Em África está em rápido e irreversível processo um vasto, complexo fenómeno que tende para um mais justo usufruto da riqueza, para a mais real prática de direitos, para uma cultura a associar á cultura autoctone que só os ignorantes negam. Esse processo deve realizar-se na cooperação fraterna de brancos e africanos. Faço de novo a pergunta angustiosa:

— **Estamos a tempo de realizá-lo assim?**

Atrevo-me a repetir a resposta:

— **Se quisermos estamos a tempo ainda, nós.**

AUGUSTO CASIMIRO

TERMINOU em Coimbra o II Congresso de Linguística Românica

COIMBRA, 4 (Pelo telefone) — Em comboio especial, chegaram a esta cidade, cerca das 11 e 30, acompanhados pelo sr. dr. Luís Reis Santos, os participantes do 2.º Congresso Internacional de Linguística Romanica. Após a chegada, visitaram os monumentos citadinos, seguindo-se um almoço no bar do novo edifício da Faculdade de Medicina. A's 16 e 30, os congressistas foram recebidos, na sala dos Capelos, pelo reitor da Universidade, prof. dr. Maximino Correia, que lhes apresentou cumprimentos de boas-vindas. A' hora em que encerramos o nosso jornal, está a realizar-se, também na sala dos Capelos, a sessão de encerramento do Congresso, a que preside o prof. dr. Manuel de Paiva Boleo.

Festa em benefício de 200 crianças

A Sociedade de Instrução de Campo de Ourique promove no domingo, á noite, um baile para os seus sócios e família, em benefício da manutenção das suas escolas, onde se ministra instrução a mais de 200 crianças.

NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
DIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Vão reunir-se em Lisboa

professores de Ciências Sociais e de Administração de Empresas

e dirigentes categorizados da Indústria e do Comércio

No salão nobre do Instituto Superior Técnico, o ministro da Economia inaugurará amanhã, ás 16 e 30, na presença do secretário de Estado do Comércio, a sexta Conferência Internacional sobre Formação e Aperfeiçoamento em Administração de Empresas, levada a efeito pela Agência Europeia de Produtividade.

Num dos anfiteatros daquele estabelecimento de ensino, falaram aos representantes da Imprensa, acerca do importante acontecimento que reunirá em Lisboa representantes categorizados dos dezassete países que fazem parte da Organização Europeia de Cooperação Económica, os srs. C. A. Jack Bursini, chefe dos serviços de informação geral da Agência, dr. António Dauwens, da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, da Secretaria de Estado do Comércio, e professor Cruz Vidal, elemento de ligação entre as autoridades portuguesas e a Agência. Estava também presente «miss» Townson, encarregada dos serviços de rádio e de televisão da O. E. C. E., que tem por missão não só pôr-se em contacto com os respectivos serviços portugueses, mas tambem entrevistar para as redes daquele organismo as principais figuras que tomam parte na Conferência.

Aos trabalhos desta — que serão dirigidos, duma maneira geral, pelo sr. Roger Grégoire, director da Agência — assistirão figuras de grande projecção na Economia e na Administração das Empresas, entre os quais um representante da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, o professor Eugene Jacobson, delegado da Unesco, o dr. Thomas Carrol, vice-presidente da Fundação Ford, e o professor Theodor Chester, da Universidade de Manchester, que será o relator geral.

Trata-se duma reunião de professores de Administração de Empresa, de dirigentes de grandes actividades industriais e comerciais e de mestres das matérias que constituem as Ciências Sociais, com o objectivo de se encontrar a melhor forma de estabelecer o ensino para a formação e o aperfeiçoamento dos administradores de empresas. Os estrangeiros são todos participantes; mas os Portugueses, além dos 15 participantes, terão 10 observadores.

Esta Conferência é a segunda — a primeira foi o ano passado, em Baden-Baden, e a terceira efectua-se em Paris, em 1960 — que tem como tema geral dos seus trabalhos «A administração de empresas como disciplina do ensino».

Um pouco de história:

Em 1953, formou-se, no seio da O. E. C. E., a Agência, para pôr em execução as técnicas de produtividade que, criadas pelos Americanos, pudessem intensificar a actividade económica europeia, em sectores bem definidos: a agricultura e a alimentação; a administração de empresas; um programa sindical de carácter social; e a coordenação da organização e da informação técnicas.

A Agência resolveu promover, em cada ano, e num país diferente, uma conferência, para pôr os professores e os chefes de empresas europeus em contacto com as ultimas técnicas americanas, ao mesmo tempo que fomentava a ida, ás Universidades dos Estados Unidos, de jovens futuros dirigentes de empresas, para se aperfeiçoarem, e organizava cursos de Verão, com professores americanos, em países europeus, nos quais se revelavam as técnicas seguidas com êxito em diversos países, e, se trocavam as necessárias informações, não só sobre a produção, mas acerca do importante aspecto da distribuição.

Além do envio de jovens professores europeus, para se especializarem nas Universidades americanas os já formados têm frequentado, de vez em quando, cursos breves, de dois a quatro meses, para estarem sempre em dia com as novas técnicas; e tem-se procurado (nem sempre fácilmente, pois, durante muito tempo, houve que lutar contra a incompreensão de algumas empresas e Universidades) uma ligação íntima entre os chefes de empresa e o ensino universitário.

Em cada ano, tem havido, também, um seminário de jovens professores.

Reconhecida a conveniência de se estudar, não só o que se descobre e se executa na América, mas o que, em tal matéria, se passa na Europa, vai passar a haver visitas intereuropeias de jovens mestres.

A Agência, além de assegurar a troca de informações e a indicação sobre as pessoas que melhor conhecem cada problema, tem professores americanos e europeus á disposição das Universidades que os desejarem utilizar.

Pelo que respeita a Portugal temos enviado ao estrangeiro, para especialização e aperfeiçoamento, além de médicos e outros homens de Ciência, regentes agrícolas, mecanicos, operários, etc., num total superior a quatrocentas pessoas; e no nosso País têm estagiado, por indicação da Agência, vários estrangeiros estudiosos de problemas como os do café, os das minas, etc.

No que se refere ao Continente, não há duvida de que os milhares de técnicos que, ao abrigo do Plano Marshall, foram enviados aos Estados Unidos, contribuíram, em grande parte, para o levantamento europeu.

Tem-se verificado, felizmente, uma tendência, cada vez maior, para as empresas escolherem os seus melhores empregados, os mandarem aperfeiçoar lá fora, e depois lhes confiarem postos categorizados; e, a par disso, até há empresas que, quando as circunstancias o tornam util, criam escolas para aperfeiçoamento do seu pessoal.

Desde o ano passado que a Agência deixou de ser totalmente financiada pelos Americanos, passando os membros europeus a pagar metade dos encargos.

Uma coisa é certa: é que se reconheceu — e foi na América, o país dos «self made men»... — que a administração das empresas é uma profissão especializada que requer uma preparação longa e cuidada, com passagem pela Universidade.

O programa da Conferência

Além da sessão inaugural e das reuniões dos grupos de trabalho — reservadas apenas aos participantes —, estão previstos: amanhã, das 19 e 30 ás 21 e 30, uma recepção e um «cocktail», no Palácio Nacional de Queluz, oferecidos pelo secretário de Estado do Comércio; passeios para as senhoras que acompanham os delegados; um jantar oferecido por aquele membro do Governo; e uma ida a Salvaterra de Magos, com festival taurino.

MAR LINDO
Restaurante Salão de Chá
Ideal
para fins de semana
Amanhã, Domingo
Pratos especiais
PRAIA DE ST.ª CRUZ
Telefone 6

"SOLAR DA HERMINIA"
O «Record» Máximo !...
50.000 pessoas em 10 meses
HERMINIA SILVA, canta todas as noites para o seu querido público à frente dum grande elenco.
Optimo serviço de Restaurante
Marcam-se mesas pelo Telef. 20164
Adultos (Maiores 17 anos)

Foi criada a Fundação

D. Maria Teixeira Vieira

para proteger crianças na ilha de S. Jorge

Mais uma fundação acaba de ser fundada, com a aprovação, pelo sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência, dos respectivos estatutos. Trata-se da Fundação D. Maria Teixeira Vieira, com sede em Velas, na ilha de S. Jorge, instituição particular de assistência que se constitui em cumprimento das disposições testamentárias da sr.ª D. Maria Teixeira Vieira, que foi casada com o importante comerciante daquela vila açoriana, sr. José Vieira. O seu fim é a manutenção de um asilo para recolher, manter e educar crianças abandonadas da ilha de S. Jorge, com preferência do concelho de Velas. O seu património é formado por bens imobiliários, cujo valor matricial se eleva a muitas centenas de contos; pela quota da fundadora da sociedade comercial Viuva José Vieira, Ld.ª, no valor de 350 contos; e por vários outros bens descriminados nos estatutos da Fundação, que será gerida por uma mesa administrativa, cujo mandato durará três anos, composta por cinco membros que entre si escolherão o presidente, o secretário e o tesoureiro. Os cargos são todos desempenhados gratuitamente.

A primeira mesa da Fundação ficou constituída pelos srs. Carlos Alberto Azevedo da Silveira, que será o presidente; João Conceição de Melo, oJsé Cardoso Bettencourt, António Cristiano da Silveira Junior e Frederico Bettencourt Cabeceiras.

Por incumbência do sr. ministro da Saude e Assistência o presidente da Camara Municipal de Velas assume poderes para dar posse á primeira direcção da Fundação D. Maria Teixeira Vieira.

Amadeu Gaudêncio ofereceu 500 contos para uma cantina escolar

O sr. ministro da Educação, prof. eng.º Leite Pinto, recebeu no seu gabinete o conhecido industrial sr. Amadeu Gaudêncio, que lhe foi entregar um cheque de 500 contos, destinados á manutenção de uma cantina escolar anexa ás escolas primárias da vila da Nazaré, sua terra natal.

O sr. Amadeu Gaudêncio escolheu o dia do seu aniversário para manifestar desta forma eficiente o seu desejo de melhorar as condições de aprendizagem das crianças suas conterraneas, afirmando no acto da entrega do cheque que tinha um grande prazer em colaborar na obra das cantinas escolares, que tanto interesse tem merecido ao Ministério da Educação Nacional, e de levar o donativo ás mãos de um ministro que há tantos anos admira como ilustre engenheiro e mestre de engenheiros.

O sr. prof. eng.º Leite Pinto evocou os contactos técnicos e pessoais que em anos sucessivos teve com o doador, elogiou a sua acção como construtor civil de grandes obras do Estado, através das quais sempre conquistou elogiosas referências da fiscalização, e agradeceu o valioso contributo que a sua generosidade vem trazer á assistência escolar. Aproveitou o ensejo para o felicitar pelo seu aniversário, lamentando não poder assistir á homenagem que sabia ser-lhe hoje prestada por um grupo de amigos.

Ao acto da entrega assistiu o director-geral do Ensino Primário.

Efectivamente, esta noite, no Hotel Avis, um grupo de colaboradores e amigos do sr. Amadeu Gaudêncio presta-lhe homenagem com um jantar que, simultaneamente, celebra o seu 70.º aniversário natalício e o 40.º aniversário da Casa Amadeu Gaudêncio.

Vai em mil contos a resposta ao apêlo do ministro da Saude

Ainda em resposta ao apelo feito pelo sr. ministro da Saude e Assistência, para dar novo impulso ás instituições de assistência, através de donativos suplementares, o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa resolveu oferecer 100 contos ao Fundo do Socorro Social, a fim de ser aumentado e melhorado o Serviço de Prematuros da Maternidade Alfredo da Costa.

Apesar daquele apelo ter sido dirigido há poucos dias pelo sr. ministro da Saude, as ofertas recebidas elevam-se a cerca de 1.000 contos. Mas, tudo leva a crer, muitos ainda responderão com a sua colaboração, pois são muitos também os que poderão ceder substanciosas importancias, a favor de obras que a Direcção-Geral da Assistência vai indicando a quem estiver interessado em ajudar.

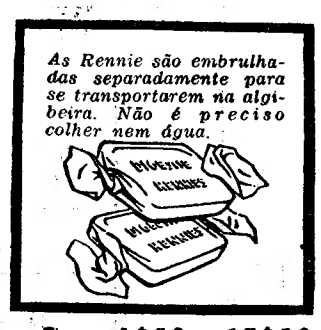
VISITAS GUIADAS

ao Museu de Arte Antiga

Efectuaram-se, esta tarde, mais duas visitas guiadas ao Museu Nacional de Arte Antiga. Uma delas, dedicada á pintura holandesa, foi orientada pelo sr. eng. Santos Simões, e a outra, focando a Capela das Albertas e a história do Museu, foi orientada pelo sr. dr. João Couto.

Sofre de
Prisão de Ventre?
Obesidade?
Doenças de Pele?
Tome o Chá Nattermann N.º 8 Depurativum
e verificará a sua acção benéfica
Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados
no Alemanha
A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS
Peça amostras e catálogos aos representantes: JOÃO PATRÍCIO ALVARES FERREIRA, L.da
R. da Madalena, 78 — LISBOA

DOMINE A AZIA DEPRESSA
Esteja onde estiver... no escritório... no cinema... se tiver no bolso ou na malinha algumas Rennie, pode dominar ràpidamente a Azia. Basta chupar duas pastilhas, para aliviar o mal estar. As Rennie proporcionam alivio rápido e duradoiro, pois os seus ingredientes anti ácidos, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago com toda a sua eficácia. Não interrompem o trabalho da digestão, limitando-se a regular a secreção ácida do estômago.
Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico sem demora.
As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.



PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

TEATROS E CINEMAS

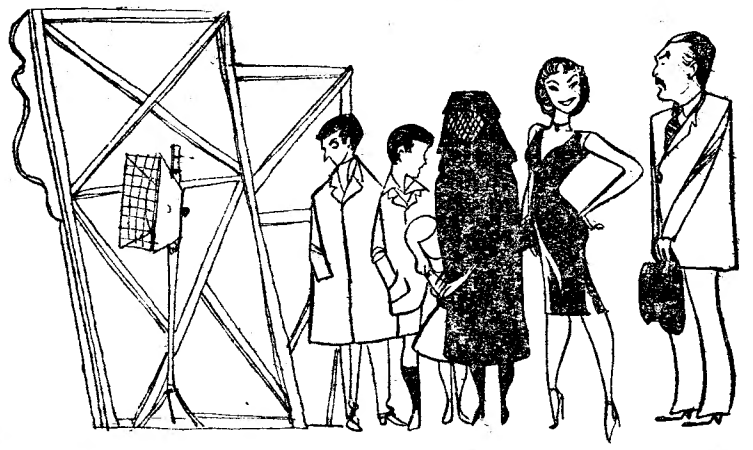
«Seis personagens em busca de autor», no Teatro Avenida

Enfim! Quase quatro décadas após o aparecimento da peça em que Pirandello, na pista da apavorante ou «nauseante» prioridade da existência sobre a essência da pessoa humana (ou de uma afligente «multiplicidade» desta, se assim quisermos chamar-lhe) abriu, em pleno palco, o singular processo da gestação dramática, dessarte renovando, com elementos psicológico-dialéticos e burlesco-fantásticos, o esgotado caudal do teatro naturalista e simbolista-decadentista — trinta e oito anos depois dessa despremeditada revolução estética e artesanal, uma companhia portuguesa, a do Teatro de Sempre, ousa pela primeira vez montar entre nós «Seis personagens em busca de autor», na convicção do que um publico diferente possa enfim aceitar o jogo e entendê-lo.

Obra até certo ponto filisófica, «Seis personagens em busca de autor», é — note-se — antes de mais, teatro, e verdadeiro teatro de sempre, capaz de comunicar com todos os publicos.

O curioso ponto de partida do autor de «Henrique IV» e da «Volupia da honra» era nesta peça o seu próprio conflito com essas seis figuras, que obsessivamente lhe povoavam a inventiva e cujo sentido universal, entretanto, se lhe não impunha decisivamente. Hoje, considerando este «Pai» que se recusa a aderir a uma personalidade, que se exime a ser para sempre a resultante de um acto, capital mas antes se concebe como um devir, como o fruto momentaneo de cada gesto (o passado é ilusão), hoje verificamos que esse pai — o problema central da peça — é, sem tirar nem pôr, um exemplo *avant le lettre* do moderno pensamento existencial.

Longe de ter envelhecido, esta obra angustiante, intervalarmente especulativa e dramática, que participa da farsa, da tragédia e do ensaio, afirma-se de uma aguda modernidade. Pessimista, macabra, grotesca, infinitamente dolorosa, dominada pela obstinada, intransigente, pesquisa da verdade para além das aparências, ela lança abruptamente, no palco rotineiro de um teatro como os outros, essas seis personagens — não ideias, mas vidas, ainda que vidas em procura de consciência. O grau de definição dessas figuras é que varia: se o pai — o eixo filosófico — luta encobertamente pela fórmula de uma moral de acção que o resgate da monstruosidade acidental de um gesto incestuoso; se a enteada, a necessidade de vingança, que se lhe segue por ordem de estado de criação», forceja,



As personagens da peça de Pirandello (Desenho de Fernando Bento)

a todo o transe, por exprimir-se, vivendo a actualidade constante e frenética do seu caso unico; já a mãe, sem consciência da sua essência de personagem, nada tem a ver com o espírito pensante e, sendo apenas pura natureza, se situa fora da órbita em que entre as «personagens» e o autor ou o encenador e os actores, se debate o contraste, aqui insaciável, posto que frustrado, entre concepção e realização. O filho, personagem mais embrionária, que tão-pouco o quer ser, tem uma mera função do agenciador do destino: é ele assim quem precipita a acção final. Dele, da sua rejeição de um papel qualquer, resulta a morte «retrospectiva» das duas crianças misteriosamente caladas, que nada mais são afinal, desde o início, do que espectros.

Mas não se trata aqui de escrever um ensaio sobre essas «Seis personagens», incompletamente criadas pelo raciocinador apaixonado e subjectivamente, «cínicamente», romantico de «Um, ninguém e cem mil». O insólito, o cómico, o pungente e o fantástico desta peça ainda e sempre excitante e comovedora têm de se ver. E não perde o seu tempo quem presenciar o trabalho verdadeiramente notável — talvez o mais alto ponto da sua carreira — de Rogério Paulo, que magistralmente, poderosamente, e com uma subtilíssima noção da complexibilidade da figura que incarna, traduz a sua ansia e a sua simultanea repulsa de personalização, o drama de uma gradual apreensão de existência na relação com os outros — com as restantes «personagens» — e com o mundo sentenciador e ordenador dos juizes, dos espectadores (a verdade existencial ou pessoal de cada um é trágicamente incomunicável — diz-nos o desfecho da peça). Mas resta a ilusão, a arte mais verdadeira do que a vida. E temos os permanentes duetos personagem-actor, Carmen Dolores ao lado de Rogério Paulo, na personagem, «revoltada» por excelência, da enteada, a que não falece a profunda humanidade de Luigi Pirandello, consegue mais uma vez um milagre de plasticidade, de despersonalização, compondo essa figura de adolescente — prostituta tão acerba e violentamente obcecada.

Adelina Campos, «personagem passiva», com os sobressaltos dramáticos do seu instinto de mãe, consegue, em boa hora, um tom cinzento, quase monócono, de representação, quebrado oprtunamente pelos gritos da emoção em que nunca se descomede. De Alexandre Vieira guardamos a melhor impressão, pela austera, mas agressiva, esquivança absoluta, em que, por vezes, atinge a altura de representação já revelada na sua inesquecível criação de «Jornada para a noite».

Todos os mais — Samwel Diniz, rigorosamente expressivo, Madalena Sotto, ferindo a nota sempre exacta, Mário Pereira, á vontade, Beatriz de Almeida, na subita e quase fantasmal Madame Pace, o truque da fantasia soberana do autor, carregado de humorismo negro, e, particularmente, os dois meninos silenciosos e patéticos (José António de Sá e Maria Manuela), e ainda os mais actores da companhia dentro da companhia, todos cumprem e lustram a acção nos seus postos, de modo a valorizar a coesão de um conjunto que não pode deixar de conquistar, como já ontem sucedeu, os mais justos e prolongados aplausos. E que por muito e muito tempo ainda esses aplausos se prolonguem! Que bom sinal será da evolução do tempo nos palcos de Lisboa!

A acção decorre na época actual, por convenção do encenador que em nada prejudica o tom da representação, mas num cenário talvez sobejamente arrumado, apenas com os toques indispensáveis de fantástico, dados através da iluminação, com o minimo de espectacularidade extefior E nisso, como na direcção de cena, avisadamente se houve Gino Saviotti, que mais uma vez demonstrou a sua profunda compreensão dó teatro e da obra total de Pirandello, a cuja implantação entre nós fervorosamente se tem devotado.

U. T. R.

«Luisa Fernanda», no Coliseu

A companhia lírica espanhola que está no Coliseu tem a sua nota mais alta em «Luisa Fernanda», que esta noite repete merecidamente e para satisfação do publico. Moreno Torroba, assistido pelos liberistas de quase toda a produção lírica espanhola contemporanea, Frederico Romero e Gui-

(Continua na 6.ª página)

UM ELENCO QUE REVELA A MAIOR AUDÁCIA DE TODOS OS TEMPOS

A mais querida das vedetas
CHIQUI RODRI
em dinamicos sapateados

BLANCA AND BLACK
em danças frenéticas

TRIO MADRID

MARGARITA RUIZ

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS Maiores de 17 anos)

TONI RODRI

PAQUITA FORTES

A extraordinária parelha
LES VILLALTAS
em arrebatadoras criações

TRIO ALHAMBRA
em bailados típicos

MUITO BREVE
para provocar mais sensação:
5 ESTREIAS DE ALTA CATEGORIA

E, ainda, outras atracções com VILAÇA E SUA ORQUESTRA

No Salão Típico: ADMIRÁVEIS CEIAS—FADOS E GUITARRADAS e «MANOLLILO DE BERBES» em CANTARES FLAMENCOS

ENTRA HOJE EM 2.ª SEMANA EM 2 CINEMAS
DE GRANDE LOTAÇÃO
SÃO LUIZ
ALVALADE

Gina Lollobrigida

Vittorio De Sica e Pepino de Filippo

Dale Robertson

Amedeo Nazzari

COM UM ELENCO DE GRANDES ESTRELAS

A mais divertida comédia europeia

UM EXCLUSIVO ASTÓRIA FILMES

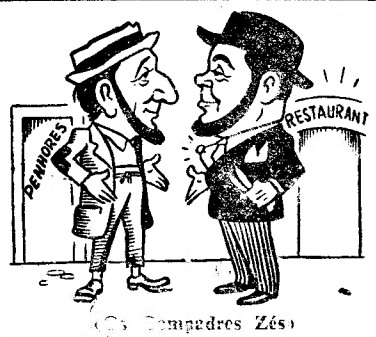
TECHNICOLOR
TECHNIRAMA

(Maiores de 12 anos)

ANNA DE BROOKLYN

«Tele-Refeição» por Beatriz Costa

NO VARIEDADES
EM 2 SESSÕES, ÀS 20.30 E 22.45 H.
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
APRESENTAM
BEATRIZ COSTA JOÃO VILLRET
com COSTINHA
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA



«Os Compadres Zés» [illegible] Emílio Correia

NA REVISTA POPULAR DE MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS!
CHAMPANHE SALOIO
AMANHÃ, ÀS 16 HORAS, ESPECTÁCULO À TARDE
M/ DE 17 ANOS

«O Festeiro» por Villaret

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

UM TRIUNFO DE GARGALHADA NO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

AMANHA ESP.' A' TARDE A'S 16 HORAS

UM ÊXITO MEMORAVEL DE
SALVADOR
E DE TODA A SUA COMPANHIA

AS 20.30 e 22.45 — Adultos—M/17 anos

ÀS 21.45 HORAS NO
NOVO e RETUMBANTE
AVENIDA

TRIUNFO
DA «COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE»
DIRIGIDA POR:
GINO SAVIOTTI

NA CÉLEBRE
E REVOLUCIONÁRIA
PEÇA DE
PIRANDELLO
(PRÉMIO NOBEL)

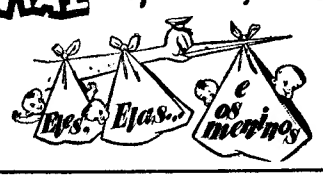
SEIS PERSONAGENS EM BUSCA DE AUTOR

UM ÊXITO MUNDIAL QUE LISBOA SÓ ONTEM CONSAGROU!!!
UMA PEÇA ETERNA DE RARO VIGOR DRAMÁTICO QUE CONSTITUI UMA JÓIA DO «TEATRO DE SEMPRE»!!!
AMANHÃ, ÀS 16 HORAS — ESPECTÁCULO À TARDE!

ADULTOS — M/ DE 17 ANOS

Benamor

TEATRO MONUMENTAL T. 55133
Hoje às 21,45 n.
em 7.ª SEMANA TRIUNFAL



ADULTOS M/17 ANOS
A COMÉDIA DE ROUSSIN
com IRENE
À FRENTE DO ELENCO

AMANHÃ ÀS 18.30 H. TEATRO INFANTIL Para maiores de 4 ANOS

Dulce

Vasapoga

A «BOITE» DA MODA
AMBIENTE SELECTO

SABADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas
com todo o elenco de atracções

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO! CASAS A' CUNHA!
Surpreendente consagração das grandes atracções
O NOTÁVEL CONJUNTO GREGO EM BELEZA PLÁSTICA:

BALLET
ALECOS ALVAREZ
EM DANÇAS DE RITMO FRENÉTICO E ARDENTE

A famosa parelha em danças de fantasia acrobática
MARISA y SANDRO

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

BUGIO

Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

Coliseu

A mais célebre das comédias líricas «Luisa Fernanda», de Torroba, esta noite às 21 e 30, o mais completo êxito da Companhia Espanhola de Operetas e Zarzuelas

«Luisa Fernanda» é uma obra inesquecível e Lisboa, que já a viu, ama-a e entende-a. Sobre um poema de Federico Romero, Torroba construiu esta magnifica comédia lírica, obra das mais representativas da musica espanhola, crepitante de ritmo, violenta de cor, história de paixão e galhardia, na qual as figuras se destacam, talhadas em granito. Ontem, á noite, no Coliseu, o publico, de pé, aclamou Luisa de Córdoba, a protagonista, actriz admirável, voz de oiro, temperamento espanhol, com uma comunicabilidade espantosa, Mariannella Barandalla na orgulhosa e magnífica «duquesa de Carolina» e Tomás Alvarez no enérgico e nobre «Vidal». José Terol, maestro insigne dirige a orquestra.

Amanhã, ás 16 horas, representação de «Água, azucarillo y aguardiente» e «Alegria de la huerta». Ás 21 e 30, «Luisa Fernanda».

Maria A. Proença

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
Adultos, M/17 anos
Hoje (até de madrugada) c a n t a m: **Alice Magina—Joaquim Geraldes—Maria A. Proença** — Manuel Hilário — Julieta Estrela e o «A's da Boa Disposição», **João Viana**, «Vianinha». Acompanhamentos por: António Couto e Amadeu Rami.
AMANHÃ — **Grandiosa «Matinée»**.

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

5.º Mês

HOJE E AMANHÃ, A'S 21 e 45
(12 ANOS)
DOIS ÚLTIMOS DIAS
O PROCESSO DE JESUS

«BOITE DE NUIT» N-I-N-A (Adultos M. 17 anos)

HOJE EM ESTREIA
BALLET MONTPARNASSE
6 — ESCULTURAIS BAILARINAS — 6

SÓCIO-COLABORADOR

Firma bem conceituada, sem passivo, c/ comércio, industria, importação e exportação, boas representações estrangeiras, negociando em diversos artigos, admite pessoa c/ bastante experiência e prática geral de vendas. Optima oportunidade para elemento ambicioso, trabalhador e de máxima correcção. Respostas indicando idade, nacionalidade, estado civil, capital disponível e referências de idoneidade moral e comercial. Não se atende ás respostas incompletas. Guarda-se o máximo sigilo. Carta a BR-68, Havas, R. Aurea, 242.

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27172
15,15, 18,15 (p. r.) e 21,30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma comédia de estirpe, com toda a boa graça latina
ANNA DE BROOKLYN
c/ **Gina Lollobrigida** e **Vittorio de Sica**

EDEN — TEL. 20768
A's 15.30 - 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Vittorio de Sica, «Eastmancolor» no filme em
PÃO, AMOR E... ANDALUZIA!
com **Carmen de Sevilla**
A melhor interpretação cómica de sempre De Sica, entre lindas mulheres da Andaluzia.
(Maiores de 12 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA da mais desopilante comédia em Vistavision e Technicolor
JERRY, AMA SECA
com **Jerry Lewis** e **Marilyn Maxwell**
Vistavision — Technicolor

ODEON — Telefone 26283
15,15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/6 anos)
3.ª SEMANA
JOSELITO vive uma história encantadora e canta lindíssimas canções no seu novo filme
O PEQUENO PASTOR
com CAMARDIEL
Rigoroso Exclusivo de Epoca
Bilhetes á venda para os dias seguintes

ROYAL — TEL. 448037
A's 21 (M/17 anos)
ORDENS PARA MATAR
c/ Eddie Albert
MÁSCARAS DE CERA

LIS — TEL. 48560
A's 21 (M/12 anos)
A POUSADA DA FELICIDADE
Falar é fácil

CINEMA IDEAL
A's 21 (M/17 anos)
O SEXTO HOMEM
Lua de sangue

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/6 anos)
Um documentário grandioso de um empolgante dramatismo inesquecível!
RAPSÓDIA PORTUGUESA
Realização de **João Mendes** e Produção de **Felipe de Solms.** — Filme escolhido para representar Portugal no Festival de Cannes

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
GRANDE ÊXITO!
A história heróica do valoroso e destemido comandante Crabb
O INIMIGO SILENCIOSO
com **Laurence Harvey** e **Dawn Adams**
Um filme que desvenda o mistério do afundamento de navios de guerra e de cargueiros no porto de Gibraltar.
(Maiores 12 anos)

AVENIDA — Telefone 763080
15,15, (p. r.) e 21,45 (M/12 anos)
Vamos finalmente conhecer
ANNA DE BROOKLYN
c/ **Gina Lollobrigida** e **Vittorio de Sica**
Uma comédia engraçadíssima com o optimismo americano.

CAPITÓLIO — TEL. 27493
A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope col.
FRONTEIRAS DO ORGULHO
c/ Audie Murphy
HORAS DE SONHO
com David Niven

AVIS — Tel. 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
A espirituosa comédia que bateu na América um «record» de bilheteira
UM SOLTEIRO EM PARIS
Cinemascope. Eastmancolor, com **Tony Curtis, Linda Cristal** e **Janet Leila**

CERRASSE — TEL 20917
A's 21 (M/12 anos)
FÉRIAS EM PARIS
OS GIGANTES DOMINAM

IMPÉRIO — Tel. 55134/5
EM 9.ª SEMANA
A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
Ultimos dias
Continua a sua magistral carreira o maior filme de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
Um espectáculo unico na vida de uma geração.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
2.ª SEMANA
Um espectáculo extraordinário de incrível grandeza
OS VIKINGS
com **Kirk Douglas, Tony Curtis, Ernest Borgnine** e **Janet Leigh**
Um exclusivo de época deste cinema.

ROMA — Telef. 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45
(M/12 anos)
2.ª SEMANA
Mais irresistível e inexcedível no vendaval de graça que é
PÃO, AMOR E... ANDALUZIA
com **Vittorio de Sica, Carmen Sevilla** e **Peppino Filippo**

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Um espectáculo cheio de encanto para os olhos e para os sentidos
CHRISTINE
com **Romy Schneider** e **Alain Delon**
Uma autêntica primavera de amor e juventude.

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope East.
HÉRCULES
com Steve Reeves

CASINO ESTORIL — 21.30 (M/17 anos)
O MELHOR DIA DA MINHA VIDA
com Paul Horbiger

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

PASTELARIA DOM RODRIGO
SALÃO DE CHÁ — SERVIÇO DE LANCHES
Av. Dom Rodrigo da Cunha, 8-E. — Tels. 710141 e 710142

TEATROS e CINEMAS

... da 4.ª página)

lherme Fernadez Shaw, tem também nesta opereta a sua melhor. Vives deu-lhe a pauta com «Doña Francisquita», sugestão que se verifica nomeadamente no coro dos namorados, e ainda noutras passagens da bela partitura, para a qual está apta a compnhia que nos visita, com o seu bom quarteto de cantores.

A interpretação geral de «Luísa Fernanda», surge como fruta madura, sem «pero», e a orquestra não está verde para a execução, como em noites anteriores tivemos de referir. Tomás Alvarez, excelente barítono, com oportunidade para brilhar, atingiu na canção «Mi Morena» o «record» de Marco Redondo e de Sagi Vela, repetindo-a cinco vezes, e bisados foram vários numeros de Marianela Barandalla, Maria Teresa Pello e Luís Franco. Luísa Espinosa, Goda e Castejon e Taberner, em bom tom de sobriedade, e cumpriram os coros e até as jovens que dançaram o baile extremenho.

Que o ultimo acto passa-se em Piedras Albas, e não deixa de ser grato aos Portugueses a ideia de mandar comprar o fato da noiva á nossa cidade de Castelo Branco. Enfim, boa peça, bem representada e cantada, boa musica, orquestra em ordem e, de guarda, bom soldado á porta. Terol a quem chamaram Verol. — **R. P.**

Vida musical

Solistas ingleses em São Carlos

No ambito da Feira das Industrias Britanicas, a inaugurar em Maio no pavilhão da F. I. P., um grande acontecimento artístico terá lugar em S. Carlos, no dia 5 de Junho. Trata-se de um recital de

Joan Hammond, uma das maiores cantoras inglesas, e Eileen Joyce, notável pianista

Joan Hammond, soprano lírico-dramático, e de Eileen Joyce, uma das maiores pianistas da actualidade.

Joan Hammond, natural de Sydney, Austrália, é popularíssima em todo o Império Britanico. Grande desportista, Joan Hammond ganhou o campeonato de golfe da Austrália por três vezes. Em 1939, quando rebentou a guerra, alistou-se como motorista de ambulancias, dando, por vezes, concertos dedicados aos militares. Tem numerosos discos gravados na «Voz do Dono». Fez «tournées» pela Austrália e África do Sul. Canto nos mais importantes teatros de óperas e salas de concertos dos Estados Unidos, Canadá, Russia, etc.

Do seu vasto repertório fazem parte canções em alemão, italiano, russo, francês e inglês. E' uma das cantoras mais populares da TV britanica.

Eileen Joyce nascida numa aldeia da Tasmania, cursou o Conservatório de Leipzig. Tocou o primeiro «Promenade Concert» de sir Henry Wood. Gravou a musica de piano de filmes como «O sétimo véu», «Breve encontro», «Battle for music». Foi a primeira pianista britanica a dar concertos em Berlim, depois da guerra, com a Orquestra Filarmónica. Tocou com as principais orquestras de França (Conservatório e Nacional), Holanda (Concertgebouw) e Itália (La Scala) e com a Orquestra Filadelfia, no Carnegie Hall.

Em 1958, fez viagens á Nova Zelandia e Russia. Entre os seus numerosos discos encontram-se a primeira gravação do «Concerto para piano», de John Ireland, o «Concerto para piano e trompete», de Shostakovich e o «Rondó em lá maior», de Mozart, que foi descoberto pouco antes do começo da segunda guerra mundial.

São estas as duas figuras que o publico português irá aplaudir no palco do S. Carlos.

Atrás do reposteiro

A representação do original de Costa Ferreira «Um homem só», anunciada para hoje no Teatro S. João do Porto, só se realizará depois de amanhã, em festa do actor Francisco Ribeiro (Ribeirinho).

— A peça «O roubo do elefante branco», de Mark Twain é apresentada no dia 14 na TV, desempenhada por Paulo Renato, Luís Horta, Fernando Isidro e Gustavo Fontoura.

— Na segunda-feira, são esperadas as artistas italianas que o empresário José Miguel contratou, para a sua companhia de revistas.

— As duas companhias do empresário espanhol Joaquin Gasa estrearam, no domingo de Páscoa, em Madrid e Barcelona, as revistas «Arrivederci Roma» e «Ritmos da Broadway», respectivamente.

— Depois de amanhã terminam, no Coliseu do Porto, os espectáculos de circo, seguindo a companhia para Aveiro.

— Estão a realizar-se os ensaios da revista «Canção do Porto», cuja estreia se deverá fazer no Capitólio.

— Antes de concluir a temporada no Teatro Avenida, a companhia do «Teatro de Sempre» fará uma passagem do seu reportório no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

— Na terça-feira a companhia espanhola de operetas e zarzuelas leva á cena, no Coliseu, a zarzuela «La del soto del parral».

— Os jornais espanhóis dão a notícia de que faleceu em Barcelona a famosa vedeta de revista Rosita Rodrigo que a Portugal veio com a companhia de Eulogio Velasco.

Primeiras exibições

«Christine», no Monumental

Quando determinado tipo de actores são lançados no cinema em determinado tipo de filmes, não mais se conseguem libertar desse primeiro personagem, que os persegue quase violentamente. Neste capítulo, há os grandes casos e os pequenos casos.

Jean Gabin é um desses grandes casos; Humphrey Bogard é outro. A perseguição tornou-se tão grande que aqui se transformou em mito.

Os casos menores acontecem naturalmente aos pequenos actores. Romy Schneider apareceu em toda a série «Sissi» e, desde então, continua a reviver constantemente esta personagem.

O filme que ontem se estreou no Monumental, — «Christine», volta a dar-nos Romy Schneider com o já crónico sorriso «sissiano». Pierre Gaspar-Huit, que prepara um filme que terá Portugal como cenário, contou como pode uma história alegre, numa Viena romantica e heroica, em que até aparece o imperador Francisco José.

Acrescentando-se ao êxito que a intérprete de «Sissi» já garantiria ao filme, temos ainda Alain Delon que na sua qualidade de futuro esposo de Romy Schneider deve também constituir uma atracção. Em «segundo plano», dois actores franceses de primeiro plano — Micheline Presle e Fernand Ledoux — *Visor K.*

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo 11

O PRÓXIMO ESPECTACULO DO T. N. P. — (17 ANOS)
A Espera de Godot
Brevemente no TRINDADE

ASPIRINA BAYER

O PORTO pelo telefone

Epilogo dum «grande» desfalque

PORTO, 4. — Em fins do ano passado começou a correr com certa insistência nesta cidade a notícia de que numa importante casa bancária tinha havido um grande desfalque, dizendo-se até que atingia milhares de contos.

O que dava certo vulto e foros de autenticidade á notícia era o facto de se saber que tinha sido preso pela Polícia Judiciária um considerado funcionárino daquele estabelecimento de crédito.

Dadas as dificuldades que a Imprensa tem em colher informes em algumas fontes responsáveis, nem sequer nos foi possível noticiar a descoberta do autor do crime, sua importancia e, o principal neste caso, a libertação do funcionário por se haver provado a sua inocência.

Ontem foi julgado no Tribunal do 2.º Juizo Criminal, o operário Joaquim Alves da Silva, unico autor da proeza que chegou a revelar astucia e engenho, muito embora com resultados de pequeno vulto. Dada a sua diminuta compleição física, o astuto ratoneiro conseguiu meter-se sob um sofá na hora de maior movimento e ali ficou para á noite actuar com liberdade.

Dadas as condições de segurança do estabelecimento, apenas por três vezes conseguiu furtar umas moedas de uma colecção de libras oastante raras, um livro de cheques e algumas fichas. Foi com uma delas que conseguiu levantar a importania de doze contos dum cheque que vira apresentar á cobrança no balcão. Apanhado a vender meias libras numa casa congénere, declarou que lhe tinham sido dadas pelo citado funcionário, o que se provou ser falso mas não evitou que aquele estivesse preso durante um mês na quadra do Natal.

O Joaquim Alves da Silva, julgado por seis crimes de furto, foi condenado em 19 meses de prisão correcional e 110 dias de multa a 30 escudos, bem como a pagar 14 contos á casa bancária. E assim ficou reduzido á expressão mais simples o grande desfalque. E' que, em geral, nisto de desfalques, ou se inventa, como no caso presente, ou... não se fala mais nisso.

Falecimento

Com 67 anos faleceu na residência, Praça Pedro Nunes, 674, o violinista Acácio Pimenta Ramos Faria. O funeral efectua-se amanhã, a hora a designar, em Agramonte, e está a cargo da Companhia Funerária.

Peixe impróprio para consumo

Uma brigada de fiscalização da Intendência, ao visitar, na Rua Barros Lima, uma peixaria, teve fortes desconfianças do estado do peixe. Chamado o veterinário municipal, este verificou que, dos 188 quilos de peixe que se encontravam á venda, 132 estavam impróprios para consumo, constituindo um notório perigo para a saude publica. As espécies de peixe apreendidas foram as seguintes: marmota, 26 quilos; carapau, 13; raia, 20; sardinha salgada, 67; congro, 9; cherne, 2; savel, 2; solhas, 2.

A vendedeira Angelina Rosa foi processada e o peixe impróprio para consumo inutilizado.

NECROLOGIA

Dr. José Maria Cardoso

Constituiu sentida e expressiva manifestação de pesar, o funeral que se realizou esta tarde para o cemitério do Alto de São João, do sr. dr. José Maria Cardoso, falecido na sua residência, Praça do Areeiro, 7, 5.º, Dto.

Era um Beirão de firme carácter, que aliava á finura do espírito a lhaneza no trato, a elegancia de atitudes, coerentes com a linha inflexível do seu ideário norteado pelas firmes convicções republicanas que vinham dos seus tempos de estudante, a par de uma bondade natural e da mais franca e ampla generosidade, na qual envolvia fraternalmente os seus amigos.

Formado em Coimbra, em 1912, pertenceu a uma geração brilhante de idealistas e sonhadores, que deu algumas figuras de relevo, exerceu em vários períodos, após a proclamação da Republica, actividade política assinalada no desempenho exemplar de funções publicas, tendo sido deputado e governador civil do distrito de Coimbra, que lhe tributava o maior apreço e grande simpatia. Notário em Lisboa, com uma posição marcante, foi, também, inspector do Notariado. Estava, actualmente, na situação de aposentado.

Gozava de muito prestígio, em especial nas Beiras, pois foi um denodado e estrénuo propagandista do regionalismo beirão, devotando-se com o maior carinho á defesa dos interesses do seu belo rincão, ao seu engrandecimento e progresso, á valorização turística dos naturais encantos, marcando sempre posição assinalada nos congressos organizados pela Casa das Beiras.

Natural de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, da comarca de Arganil, contava 72 anos, era casado com a sr.ª D. Maria Alcina de Freitas Cardoso e pai da menina Maria José de Freitas Cardoso.

A família enlutada apresentamos sentidos pesames.

Francisco Maria Torrão Junior

SERPA, 3 — No Caramulo, onde se encontrava em tratamento, faleceu o sr. Francisco Maria Torrão Junior, de 38 anos, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Elias Torrão e filho dos srs. Francisco Maria Torrão e D. Maria da Piedade Figueiredo.

O funeral foi, talvez, a maior manifestação funebre realizada nesta vila, na qual se incorporaram milhares de pessoas de todas as categorias sociais, dada a grande simpatia e popularidade que neste concelho tinha o extinto, que deixa três filhos menores e foi regente da Banda Municipal e do Grupo Coral de Serpa.

José Augusto Neto

GUARDA, 4 — Com 83 anos, faleceu nesta cidade o sr. José Augusto Neto, professor aposentado, que deixa viuva a sr.ª D. Maria Teresa da Cruz Neto.

Elvira Guedes Carvalho

Faleceu a sr.ª D. Elvira Guedes Carvalho, de 67 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. António dos Santos Carvalho.

O funeral, a cargo da Agência Magno realiza-se amanhã, ás 12 horas, da Rua Gomes Freire, 193, r/c., dto., para o cemitério do Alto S. João.

Alberto Augusto Paradela

Com 62 anos, faleceu o sr. Alberto Augusto Paradela, natural de Urros, Moncorvo, agente da Polícia Judiciária aposentado, casado com a sr.ª D. Cecília de Campos Paradela e pai das sr.ªs D. Ilda de Lourdes Paradela Rodrigues e D. Maria José de Campos Paradela Damas.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 15 horas, da Rua Gomes Freire, 101, 2.º dto., para jazigo de família, no cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180 — 55301 — 66 27 72 — 08 00 22

Vida religiosa

A Acção Católica em Fátima

FÁTIMA, 4 (Pelo telefone) — Principiaram esta tarde as cerimónias da peregrinação nacional da Acção Católica da Metrópole e do Ultramar, na qual participam quase todos os cem mil filiados da Organização, associados das Obras Católicas e pessoas de suas famílias.

Até ás 18 e 30, cada grupo diocesano faz a sua entrada solene no Santuário, precedido pelo respectivo prelado. Os grupos entram pela seguinte ordem: Angra, Funchal e Ultramar; Algarve, Évora, Porto, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Leiria, Guarda, Lisboa, Lamego, Castelo Branco, Portalegre, Vila Real e Viseu.

Depois de uma breve saudação a Nossa Senhora, os peregrinos reunem-se em frente da Basílica, para a cerimónia da «Chamada das Dioceses».

Às 22 e 30 inicia-se a procissão das velas, na qual se incorporam, á frente das representações das suas dioceses, o cardeal patriarca de Lisboa e todos os arcebispos e bispos do continente.

Antes de começar a peregrinação nacional, celebraram-se os ultimos actos da Semana de Estudos.

Os 900 dirigentes nacionais, gerais e diocesanos da A. C. P. e das obras católicas reuniram-se na Basílica, onde rezaram a Oração da Prima.

Ao ofício presidiu o bispo de Viseu, D. José da Cruz Moreira Pinto, que depois celebrou missa, acolitado pelos srs. padre dr. Artur Antunes e Aurélio Vaz.

Na sua homília, proferida depois do Evangelho, o bispo de Viseu ocupou-se do tema «Vida interior e apostolado».

As cerimónias de amanhã principiam ás 8 horas, com um solene pontifical, celebrado pelo cardeal patriarca de Lisboa.

VENDEDORES

Firma Luso-Americana, de reputação indiscutível, procura empregados com larga experiência de vendas, propondo-se oferecer condições excepcionais.

Exigem-se informações completas, especialmente sobre idade, habilitações literárias, situações ocupadas anteriormente, volume actual de vendas e vencimento. Guarda-se absoluto sigilo.

Resposta à Administração deste jornal ao número 999.

COMUNICADO

A Sociedade Comercial Luso-Americana, Lda., vem publicamente esclarecer, por nosso intermédio, que o anúncio publicado por uma «Firma Luso-Americana» sob o titulo «Vendedores» nada tem que ver com a sua organização.

AGÊNCIA HAVAS

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

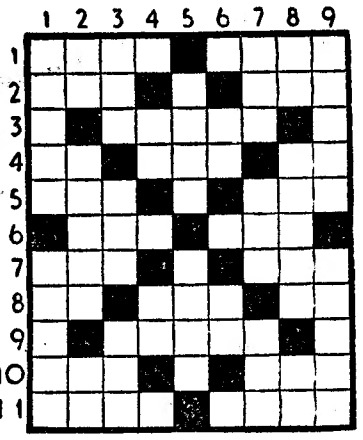
Problema n.º 1555

HORIZONTAIS — 1 — Aquele que. Deseja. 2 — Cantão suíço. Muito. 3 — Espécie de bandeja redonda. 4 — Apelido. Fruto da videira. Utensílio de padeiro. 5 — Nome de mulher. Porém. 6 — Sapo do Amazonas. Oceano. 7 — Misericordiosa. Vila do concelho de Condeixa. 8 — Artigo definido. Sirga. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 9 — Pompas. 10 — Larva das feridas dos animais. Preposição e artigo (pl.) 11 — Catafalco. Costuro.

VERTICAIS — 1 — Perto de. Satisfaça o que deve. 2 — Cidade da antiga Caldeia. Estimais. Reis. 3— Aqui está. Pedra de altar. Pelos de certos animais. 4 — Símbolo químico do ouro. Pronome pessoal. 5 — Rio de Portugal. Que tem a cor entre o rubro e o violáceo. 6 — Siga. Preposição e artigo. 7 — Certa. Origem. Santo. 8 — Pronome pessoal. Nome de um peixe. Artigo definido. 9 — Versejas. Eventualidade.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



VERTICAIS — 1 — Cá. Ato. Emas. 2 — AVISA. AMIGO. 3 — Romance. Oil. 4 — Aso. Arrasto. 5 — Vê. E'. 6—Que. Operara. 7—Uricuri. Diu. 8 — Essas Amial. 9 — Má Ler. Essa.

Provérbio — QUEM ME AVISA AMIGO É.

Solução do problema n.º 1554

HORIZONTAIS — 1 — Cara. QUEM. 2—Avós. Ursa. 3 — Imóveis. 4 — Asa. Cal. 5 — Tana. Ouse. 6 — Cr. Pr. 7 — Aer. Eia. 8— Em. Aer. ME. 9 — Mios. Adis. 10 — Agitarias. 11 — Solo. Aula.

VINHO CAVALINHO

das Caves Aliança

O 3.º sorteio promovido pelo Vinho Cavalinho, das Caves Aliança, efectua-se no dia 26 de Setembro de 1959.

INSTITUTO ESPANHOL

CURSO DE ENSINO DO IDIOMA ESPANHOL

O Instituto Espanhol organizará durante os dias 7 de Abril a 14 de Junho o seu XXI Curso Anual de Estudos Espanhóis divididos em dois ciclos de trabalhos sobre o ensino do idioma espanhol e conferências sobre temas culturais espanhóis.

Informações e matrícula na sede do Instituto, Rua Actor Tasso, 27, todos os dias uteis das 10 ás 13.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

palavra expressão diferente, e ao verbo novo sentido e horizonte, maior beleza intrínseca.

A conquista da cidade pelos almóadas (1148), intolerantes e fanáticos, coincidiu com a eclosão de violentas perseguições religiosas contra Judeus e Cristãos, unidos na desgraça e no infortúnio.

O pior de todos foi o segundo rei almóada, Abd-El-Mumen ben Alí, que promolgou decretos sobre decretos, obrigando a conversões em massa. A família de Maimónides, tal como sucedeu a centenas de outras famílias hebraicas e cristãs, teve de converter-se, escolher entre a morte, a tortura e a nova ordem, entre o suicídio colectivo e a rendição incondicional aos infiéis.

Tinha, então, Rambam treze anos de idade («La Medicina Árabe en España», 1936) e, durante mais de doze anos, deambulou por toda a Espanha, sempre temeroso de outras perseguições ou represálias, da suspeita ou denúncia, carregando na sua pequena bagagem livros de estudo e apontamentos, comentários preciosos, muitos dos quais se perderam para sempre.

Protegido e a coberto de poderosas influências, aparece em Fez no ano de 1160; ali Abd-Allah Ibn Toumart, de sua conta e risco, perseguia com idêntica ferocidade Cristãos e Judeus. A alta cultura e o saber de Maimónides denunciaram-no e, se não fosse a intervenção de um grande poeta e pensador árabe, Al-Arab Al-Muisha, teria sido morto pelos Moiros, que, com carradas de razão, duvidaram das crenças religiosas do convertido.

Mais uma vez, fustigada pela adversidade, pelo clima de intolerância e de incompreensão, e ainda pelo intransigente apego á ideia monoteísta, a família do jovem Rambam teve de fugir, abandonando lar e haveres, tudo deixando, arrastando consigo a saudade dos vivos e dos mortos queridos.

Tinham passado cinco anos de aparente calmaria. Dirigiram-se para Jerusalém, provaram o mel e o leite, visitaram Hébron, a cidade santa, e, depois de uma longa peregrinação pelos lugares bíblicos, páginas escaldantes do Velho Testamento, terras da promissão (ali nasceu a luz para a Humanidade crente), alcançaram Alexandria. Maimónides, doente e alquebrado por infindáveis horas de estudo e de meditação, de jejuns e orações, dobrara os trinta anos. Passaram depois a Fustat, junto ao Cairo (a língua prendia-o aos países árabes), e nessa localidade fixaram residência, que, a breve trecho, se transformou numa academia, num centro de estudo e ensinamento, no grande instituto de cultura da Idade Média.

Pouco tempo depois morria-lhe o pai, seu mentor espiritual e mestre, o sábio que iniciara o filho no tormentoso estudo do Talmude, explicação necessária para o melhor entendimento da Tora, essência do mosaísmo e de Israel.

Foi duríssimo o golpe para Maimónides. Dele dá conta numa das suas mais célebres cartas, em cujas frases se vislumbram, a cada passo, a dor e o desespero, a ausência que desde esse funesto acontecimento passou a contar em todas as horas, em todos os minutos de sua vida.

Na pequena cidade de Fustat, vizinha do Cairo, inaugura Maimónides uma academia de filosofia e, sem mais delongas ou perda de tempo, inscreve-se na academia de medicina.

A família, essa fica a cargo do irmão David, homem de pequenos haveres, comerciante de alfaias e jóias, amparo do sábio, visto que os proventos do saber e da inteligência, nesse tempo como hoje, não chegavam para mandar cantar um cego á porta de uma igreja. A paz, para aquela família errante, dura pouco tempo: David desaparece num naufrágio e, com ele, os pequenos bens acumulados.

A perda do irmão, seu amparo e de sua família, obriga Maimónides a ter de enfrentar a vida pelo lado prático, isto é, a auferir o sustento de cada dia.

Rodeiam-no os poucos amigos, tendo sido nomeado médico do visir de Saladino, Al-Fahdel, que o recomendou á família real (Rom Landau, «Islam and the Arabs», Londres, 1958), chamando a atenção desta para a obra e saber do jovem filósofo e cientista.

Foi ainda devido á grande influência e prestígio do vizir que o elegeram «maghid», isto é, arabi-mor das comunidades judaicas do Egipto, cargo que lhe dava assento nos conselhos reais e do Estado.

Maimónides, nessa altura da vida, era já considerado um dos grandes pensadores do seu tempo, médico de incontestável saber e valor, cauteloso e crente, preocupando-se mais com o homem total, corpo e alma, do que (precursor da medicina psicossomática) com a enfermidade passageira e banal.

Acarinhado não só pelas autoridades, mas também pelos doentes e discípulos, rodeado de prestígio, que os dias dilatavam, e cimentavam, ali viveu até 13 de Dezembro de 1204, em cuja madrugada expirou, com sessenta e nove anos de idade.

Deixou uma obra vastíssima, que abrange todos os ramos do saber humano: filosofia, matemática, astronomia, teologia, humanismo, literatura, medicina e biologia (Jacob Minkin, «The World of Moses Maimónides», New York (Thomas Yoselofi), 1957, e Isaac Husik, «A History of Medieval Jewish Philosophy», Filadélfia, 1958).

Quase todos os livros de Maimónides de Córdova — que foi glória de Espanha, de Israel e do Mundo — foram escritos em árabe e, depois traduzidos em hebraico e latim. Seus restos mortais repousam em Tiberíade, nas margens sagradas do Jordão, junto de outros grandes pensadores israelianos, sendo ainda hoje, passados mais de oito séculos, lugar de peregrinação.

As principais obras médicas de Moses Maimónides são: «Livro da Ásma», «Livro dos Venenos e contravenenos», «Comentários aos Aforismos de Hipócrates de Cós», «Comentários ás obras de Galeno», «Aforismos de Moises», obras constituídas por vinte e cinco volumes (1187-1190) (Samuel J. Zakon, M. D., «Maimónides (1135-1204)», Chicago, 1959), «Tratado das Hemorróidas» (Al-Tehorim), «Regime da Saúde ou Tratado da Melancolia», «Respostas Médicas» e «Composição dos Medicamentos (Harkabat Refuot)».

Muitos historiadores da medicina incluem entre as obras médicas de Maimónides o livro «Guia dos Perplexos», sem dúvida mais filosófico do que médico, no qual se encontra esta verdade: «Um em cada mil indivíduos morre de morte natural; todos os outros são vítimas da profunda ignorância e do vício».

Maimónides foi um precursor da medicina psicossomática, e toda a sua vastíssima obra se encontra hoje ligada á história da psiquiatria e da psicologia médica (Dr. Simon Scherbel, «Judische Arzte und ihr Einfluss auf das Judentum», Berlim-Leipzig, 1905, e H. Kroner, «Ein Beitrag zur Geschichte der Medizin des XII. Jahrhunderts an der Hand zweier medizinischer Abhandlungen des Maimónides», 1906), á psicanálise e á psicoterapia, isto é, á medicina de hoje e de amanhã, enfim, á medicina do futuro.

Foi igualmente (razão do profundo conhecimento do mosaísmo) um dietista e um higienista notável, dos maiores de todos os tempos, como o considerava outros grande higienista, Ricardo Jorge (Dr. Kroner, «Die Seelenhygiene des Maimónides», Stuttgart, 1914).

As cartas que dirigiu ao Sultão Al Malik Alafdhal, a propósito da conservação da saúde dos povos, estão cheias de ensinamentos proveitosos, sempre actuais, e notáveis para a época em que foram ditados e escritos. Do psicólogo, do psiquiatra e do higienista, falaremos detalhadamente noutra ocasião.

Soerguer a obra e as regras médicas de Maimónides é sempre trabalho actual e prestável para aqueles que sentem necessidade de comparar e aprender, de ligar o passado ao presente, de sentir os elos da cadeia do saber e da inteligência.

A. d'E.

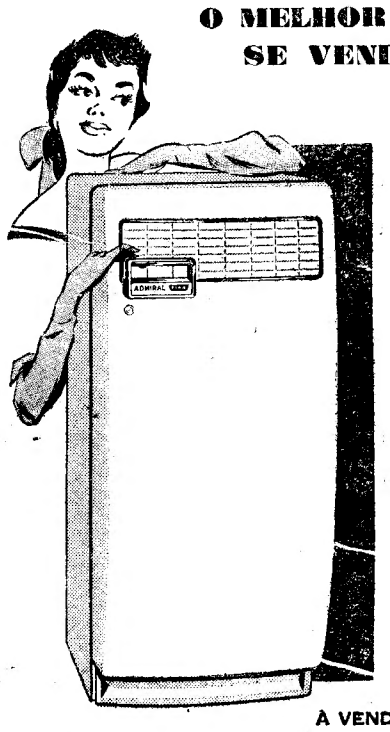
Uma couve gigante no Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 4 — Tem uma altura superior a quatro metros, uma couve de horto, que se pode admirar, nesta vila, no quintal do sr. Manuel Conde, residente no «Bairro Salazar», Rua Eng.º Henrique Gomes da Silva, 5.

Admiral

MOD. D 750

O MELHOR FRIGORÍFICO QUE SE VENDE EM PORTUGAL



AGORA EM DIMENSÕES FAMILIARES.

PELA PRIMEIRA VEZ EM TAMANHO E PREÇO POPULARES.

AS MESMAS LINHAS, A MESMA BELEZA, A MESMA QUALIDADE E CARACTERÍSTICAS DOS MODELOS DE MAIOR CAPACIDADE.

CONGELADOR A TODA A LARGURA

INTERIOR DE UMA BELEZA INCOMPARAVEL

FECHADURA DE SEGURANÇA

A VENDA EM TÔDAS AS BOAS CASAS

REPRESENTANTES: RADIO INDUSTRIAS, L.DA

RUA PASCOAL DE MELO, 127-1.

Telefones: 55693, 55564, 55897

Rosa dos Ventos

Levantam-se duvidas acerca da autenticidade do «Diário de Ana Frank». Um professor de Lubeck, Lothar Stielau, publicou um artigo em que acusa o pai da infeliz vítima do nazismo de se ter aproveitado da derrota da Alemanha para enriquecer á custa dos cadernos íntimos da filha, que teriam sido «arranjados» antes de serem dados á estampa. Uma revista alemã, «Der Spiegel», fez um inquérito acerca do assunto e averiguou que o «Diário» representa apenas uma parte das memórias da pequena judia mártir. Numerosos passos da obra foram cortados para não escandalizar o puritanismo dos leitores holandeses, visto Ana não esconder o resultado das suas primeiras descobertas no mundo dos adultos. Deste modo, a obra foi amputada de algumas páginas essenciais e o estilo de Ana Frank perdeu com a intromissão certa frescura. Entretanto, o professor de Lubeck foi processado pelos editores alemães do livro. Uma das testemunhas convocadas para depôr é o pai de Ana Frank, que estaria disposto a autorizar uma versão integral da obra, o que contribuiria, sem duvida, para lançar uma nova luz sobre a personalidade extraordinária da pequena judia de Amestérdão.

*

O inocente «poisson d'avril» em que referiamos o aparecimento de petróleo em Paio Pires atravessou a fronteira e foi reproduzido em jornais estrangeiros, nomeadamente espanhois, com foros de veracidade. Embora á inofensiva brincadeira não acarrete prejuizo para ninguém, não queremos deixar de esclarecer, mais uma vez, que o petróleo de Paio Pires existe apenas nas drogarias e nos carvoeiros, já refinado e pronto a ser consumido. O que surgirá em breve na risonha povoação da Outra Banda, em vez de um jacto de petróleo, é um caudal de aço, o que não tem menos importancia para a economia nacional.

*

Na reserva de Indios de Cedric Falls, nos Estados Unidos, os espectadores dos desafios de futebol são obrigados a fazer um depósito em dinheiro na caixa do estádio, antes de começar o desafio.

No caso de se manifestarem intempestivamente, a caução não lhes é devolvida. Os jogadores, no fim de cada desafio, devem fumar o «cachimbo da paz» com os adversários e o árbitro.

*

Uma dona de casa de Hamburgo, quando preparava uma couve-flor para a meter na panela, reparou que tinha dentro um bilhete com estes dizeres: «Gostaria de saber quanto é que o consumidor alemão pagou por esta couve-flor que eu vendi por dez liras». Seguia-se o nome e a morada do produtor, um agricultor italiano que exportava hortaliça para a Alemanha. A resposta não se fez esperar. A couve fora adquirida em Hamburgo por 65 pfennigs, ou seja dez vezes mais do que ela custara em Itália.

*

Do ministro das Finanças de um país nosso conhecido, que em regra fala pouco, diz um colega a quem ele negou determinada verba:

— Pudera! O silêncio é de oiro.

Homenagem
ao prof. Fraga de Azevedo
pela sua acção
à frente do Instituto de Medicina Tropical

Na Casa do Leão, no Castelo de São Jorge, reuniram-se hoje, em torno do sr. prof. J. Fraga de Azevedo algumas dezenas de médicos e outras individualidades ligadas á nossa vida sanitária e ultramarina, a fim de assim prestarem uma homenagem áquele cientista, pela obra notável que tem realizado á frente do Instituto de Medicina Tropical e pela valiosa contribuição que nesse campo tem dado ao prestigio da ciência portuguesa no Mundo.

Presidiu o sr. comodoro Sarmento Rodrigues, que dava a direita ao homenageado, ao eng. Trigo de Morais, e prof. Manuel Pinto; e a esquerda aos profs. Castelloni, Castro Freire e Candido de Oliveira.

Aos brindes, o dr. Silva Nunes usando da palavra em nome da comissão organizadora da homenagem, exaltou a acção do prof. Fraga de Azevedo, exprimindo-lhe o agradecimento de todos os médicos portugueses pelo que tem feito no sentido de prestigiar verdadeiramente a medicina tropical e recordou o interesse decisivo que o comodoro Sarmento Rodrigues dispensou a este sector da administração do País durante a sua passagem pelo Governo.

Falou seguidamente o sr. dr. Braga Paixão, director-geral do Ensino Ultramarino, que acentuou também quanto a obra do Instituto de Medicina Tropical tem contribuido para a valorização daquele departamento do Estado.

Usou depois da palavra o sr. prof. Mendes Correia, que fez o elogio do prof. Fraga de Azevedo, como homem de ciência e como homem de acção e referiu as circunstancias que justificam que não se deixe de associar o nome do comodoro Sarmento Rodrigues a esta homenagem em que se exalta a obra do Instituto de Medicina Tropical.

O comodoro Sarmento Rodrigues falou do importante papel que os médicos têm desempenhado na valorização do Ultramar, acentuando a importancia da colaboração extraordinária que têm dado para a melhoria das condições sanitárias e higiénicas das populações ultramarinas e para o estabelecimento de condições propicias á permanência do branco nas regiões tropicais.

O orador referiu-se á obra do prof. Fraga de Azevedo, na direcção do Instituto de Medicina Tropical, cujo edifício recentemente inaugurado, veio coroar uma admirável cadeia de esforços e iniciativas tenazes.

Por ultimo, o prof. Fraga de Azevedo agradeceu as referências elogiosas á sua personalidade de homem de ciência e á sua acção profissional, afirmando que o desenvolvimento actual do Instituto de Medicina Tropical não seria uma realidade nem teriam sido levadas a efeito muitas das suas realizações sem o apoio precioso que lhe foi dado pelo comodoro Sarmento Rodrigues quando ministro do Ultramar.

OURO e PRATA
Compra e vende aos melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 Tel 24564

O ministro das Obras Publicas ouvindo as explicações dos técnicos

A estrada de ligação
entre a Encarnação e Alhandra
estará concluida no fim do ano

(Continuação da 1.ª página)

pelos srs. general Flávio dos Santos, presidente da Junta Autónoma de Estradas; eng.º Apolinário dos Santos, prof. Edgar Cardoso, eng.º Manuel Rocha, director do Laboratório de Engenharia Civil, e o representante da Companhia das Aguas, eng.º Soares Branco, trocou ali impressões sobre vários óbices que haviam surgido. O sr. eng.º Arantes e Oliveira, depois de ouvir os técnicos, solucionou todas as duvidas e determinou que as obras recomeçassem imediatamente.

Depois, dirigiu-se ao viaduto de Vila Franca, no Vale de Santa Sofia, onde observou a armação, em ferro, para a execução do arco de ligação á Auto-Estrada que fica a 20 metros abaixo do terreno e com 400 metros de extensão. Ali surgiu um problema originado por uma nascente de água e ainda pela necessidade de desviar o aqueduto das águas do Alviela e o cifão que vai ligar ao Tejo.

Depois de uma troca de impressões do ministro com os engenheiros responsáveis pelas obras e de ouvir a opinião do sr. eng.º Soares Branco, da Companhia das Aguas, o caso ficou resolvido por meio de um desvio provisório do aqueduto do local onde ele se encontra. Havia, também, no referido terreno uma escola primária, que estava na contingência de ser expropriada, mas chegou-se á conclusão de que isso não seria necessário. E todos os casos ficaram resolvidos, determinando o ministro a urgência na execução dos trabalhos.

A estrada Encarnação-Alhandra

O ministro dirigiu-se, depois, para Alhandra onde observou as obras de ligação á Auto-Estrada. Ali conferenciou, demoradamente, com os engenheiros, informando-se o sr. eng.º Arantes e Oliveira, pormenorizadamente, dos obstáculos e dificuldades que surgiram, complicando a conclusão da nova estrada e o recomeço de alguns trabalhos. Foram examinados mapas, aos quais o ministro fez algumas observações técnicas, pedindo, por fim, ao sr. eng.º Castilho para apresentar até o dia 15 do próximo mês, os seus estudos sobre os trabalhos a executar, dado o seu interesse em que os mesmos estejam concluidos até o fim do ano.

A estrada, que parte da Encarnação e vai ligar com Alhandra, está quase concluida, faltando o alcatroamento.

O sr. ministro percorreu, ainda, a estrada que liga Lisboa a Vila Franca, entrando naquela localidade pelo ponto de ligação á Auto-Estrada, no Vale de Santa Sofia, ainda em construção, no sentido da ponte do Trancão, onde observou os trabalhos em curso.

Todo este conjunto de obras deve estar concluído no próximo ano.

Existem em L
cerca de 260 m
em que se consome elect
e perto de 92 mil q

A cidade tentacular dilata-se em multiplos sentidos. Cresce a população, aumentam dia a dia as exigências de conforto, alargam-se as necessidades de vida civilizada na esteira dos grandes movimentos de transformação económica e social na nossa época. O lisboeta que distribui as suas horas de actividade no lar, no trabalho, nas distracções, acende ao anoitecer os interruptores eléctricos da casa em que habita, liga o receptor de rádio ou televisão, vai ao frigorifico retirar os artigos que consome, acende o esquentador para o banho matinal, aquece despreocupadamente no fogão de gás os alimentos ou a água de que precisa. Tem essas comodidades quotidianas asseguradas, como hábitos de que mal recorda a origem. Só quando elas lhe faltam, por qualquer acidente raro, lhes reconhece a importancia e o valor — e então protesta, indigna-se, recalcitra. Mas os acidentes são cada vez mais raros e os hábitos cada vez mais entranhados e confortáveis. E mal se lembra, então, de que para os manter trabalham alguns milhares de pessoas, vastas organizações industriais tornam-se cada vez m diosas, capi tidos para cidade e, er arrabaldina que fazem habitual.

A rede e nas a ela 1958 o tota lovátios-hor da energia País — co milhões em

O gás em

(Conti

A nova Sala de Despacho da rede distribuidora de electricidade em Lisboa

O dia de S. Gabriel
patrono das telecomunicações

Com a presença dos srs. ministro das Corporações, do chefe do gabinete do ministro das Comunicações, sr. dr. Manuel Gonçalves, representando aquele membro do Governo, e outras entidades, inaugurou-se, esta tarde, na Galeria de Arte «Pórtico», na Rua da Misericórdia, o III Salão Fotográfico de Telecomunicações, incluido no programa comemorativo do Dia de São Gabriel, patrono das telecomunicações.

Foi inaugurada, também esta tarde, a Exposição de Artesanato, dos sócios do Grupo Desportivo Rádio Marconi, na sua sede, na Rua Áurea, 210, com a presença de diversas individualidades ligadas ás telecomunicações.

Amanhã, dia dedicado ao pessoal da Estação de Vendas Novas, haverá iluminação da capela de São Gabriel, competições desportivas, nas quais tomam parte atletas do Estrela Clube de Vendas Novas e da Escola Prática de Artilharia e torneio de tiro aos pratos; e á noite, um serão recreativo em que colaboram artistas da rádio, apresentados por Ernani Muñoz.

A parte principal das comemorações decorre na segunda-feira, no continente, nas ilhas e ultramar.

O Chefe do Estado
inaugurou a Exposição de Pintura Espanhola

O Presidente da Republica inaugurou, esta tarde, no S. N. I. a Exposição de Pintura Espanhola Contemporanea que reune duas centenas e meia de obras dos mais representativos artistas espanhois actuais. Assistiram também ao acto os ministros da Presidência e Educação Nacional, embaixador de Espanha, secretário nacional de Informação e outras individualidades. Os visitantes percorreram demoradamente o certame admirando as obras expostas, que indicam as modernas correntes da pintura espanhola, desde académicos como Aguilar até abstractos como Cosseo.

COMUNICADO

O EX-ENCARREGADO DA **CHARCUTARIA DAZINHA** PARTICIPA AOS SEUS EX.mos CLIENTES QUE ASSUMIU A GERÊNCIA DA

CHARCUTARIA ITALIANA

NA **AV. DE ROMA, 76-D — TELEF. 763894 — LISBOA**
ONDE AGUARDA AS V/ PREZADAS ORDENS
MUITO ATENCIOSAMENTE

O GERENTE

DINHEIRO

Dispomos de milhares de Contos para colocar em Hipotecas sobre Automóveis ou Propriedades ao minimo juro em condições fora de toda a concorrência.
CONSULTEM-NOS
COLHAM REFERÊNCIAS
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Praça da Alegria, 58 - 2.º — Telef. 366731

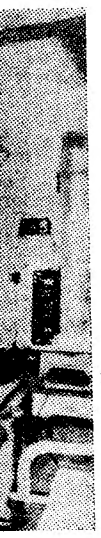
... em Lisboa

...de 260 mil casas

...nsome electricidade

...de 92 mil que utilizam gás

...ata-se em
... a popu-
...a as exi-
...am-se as
...tizada na
...mentos de
... e social
... que dis-
...ctividade
...stracções
...terrupto-
... que ha-
...rádio ou
...o retirar
...acende o
... matinal,
...te no fo-
...u a água
...s comodi-
...eguradas,
...l recorda
...s lhe fal-
...nte raro,
...ncia e o
... indigna-
...entes são
...s hábitos
...os e con-
...ra, então,
...rabalham
...as, vastas
...tornam-se



...ctricidade

...ções

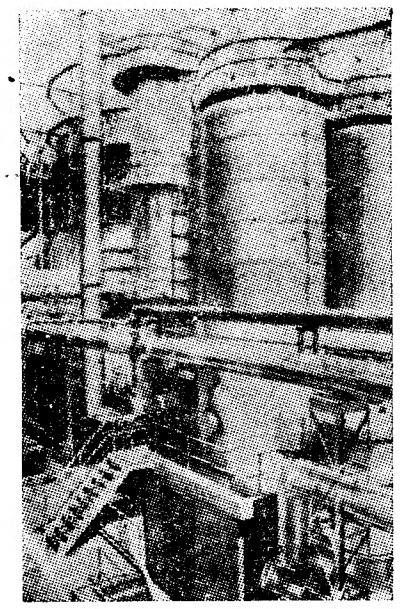
...apresenta-

...comemora-
...-feira, no
...ltramar.

...ado
...sição
...hola
... inaugurou,
...xposição de
...oranea que
...a de obras
...tistas espa-
...ambém ao
...ncia e Edu-
... de Espa-
... Informação
...s visitantes
... o certame
...as, que in-
... da pintura
...icos como
...no Cosseo.

...Hipote-
...ro em

...CIAS
...A



Aparelhagem de tratamento de purificação física do gás de «cracking» no sistema distribuidor de gás ao consumo da capital

cada vez mais complexas e dispendiosas, capitais avultados são investidos para que cheguem a toda a cidade e, em muitos casos, ás áreas arrabaldinas, a electricidade e o gás que fazem os milagres do bem-estar habitual.

A rede eléctrica de Lisboa e zonas a ela ligadas absorveram em 1958 o total de 429 milhões de quilovátios-hora — cerca de um quinto da energia distribuida em todo o País — com aumento de quase 29 milhões em relação ao ano anterior.

O gás emitido para a rede aumen-

(Continua na 13.ª página)

Onze milhões de Japoneses

disputarão 700 mil lugares

para ver desfilar a carruagem do príncipe herdeiro e sua esposa

TÓQUIO, 4 — Cerca de dois milhões de pessoas deverão chegar a Tóquio, para a semana que vem. Juntar-se-ão aos nove milhões de habitantes da capital japonesa, a fim de assistir ao casamento do príncipe herdeiro Akihito com miss Michiko Shoda, que se celebra na sexta-feira.

Serão empregados 12.000 polícias para manter em ordem a grande multidão ao longo do percurso de 9 quilómetros do desfile real, ao longo do qual há lugar apenas para cerca de 700.000 espectadores.

Resastres entre as multidões são uma ocorrência comum em Tóquio, a maior e mais barulhenta cidade do Mundo, mas qualquer acidente no dia do casamento seria considerado especialmente como mau augurio para o povo japonês.

Sexta-feira será um dia de feriado nacional e de regozijo para os Japoneses, visto o herdeiro ao trono acabar com a tradição e pela primeira vez levar para o seio da família imperial uma plebeia. Mas para os noivos, especialmente para a jovem Michiko Shoda, de 24 anos, será também um dia de canseiras.

A noiva sairá da residência de seus pais, em Tóquio, ás 6 e 30, e chegará ao palácio imperial vinte minutos mais tarde. Depois, terá exactamente 2 horas e 56 minutos para envergar o seu complicado vestido de casamento, que pesa 13,5 quilos e que custou mais de 52.000 libras (mais de 4.000 contos).

Na cerimónia do casamento, a noiva estará práticamente invisível sob doze camadas de tecido purpura imperial e de uma enorme e complicada cabeleira postiça.

O casamento celebrar-se-á dentro do palácio imperial, longe dos olhares curiosos da multidão que encherá as ruas. Nem mesmo os 1.070 convidados reais poderão assistir á simples cerimónia do casamento, que se efectuará num pequeno templo de madeira com uma superfície de cerca de 6 metros quadrados.

Quando a cerimónia terminar, os convidados poderão ver de relance a princesa, quando esta for mudar de vestido.

A noiva terá depois uma hora para se vestir de novo e se pentear a condizer com um vestido decotado, á moda ocidental, e com uma tiara de mil diamantes incrustados em platina e irídio. Em seguida, na companhia do príncipe herdeiro, terá de enfrentar a provação da sua primeira aparição em publico depois de casada.

Numa carruagem puxada por seis cavalos negros, o casal atravessará os jardins do palácio e depois passará pela enorme Praça Imperial, o unico grande espaço aberto existente no centro de Tóquio.

Percorrerão na carruagem a distancia de nove quilómetros, num percurso especialmente preparado, até ao palácio do príncipe, numa área suburbana, onde continuarão as cerimónias.

O programa completo das cerimónias nupciais prolongar-se-á por mais oito dias. Mas para o jovem casal será um período de preparação para enfrentar um problema de vida mundana depois das cerimónias e o fausto do dia do casamento.

A actual residência do príncipe, tal como a de seu pai, o imperador, é velha, desalinhada e inconveniente em comparação com as vivendas e mansões dos industriais ricos, como é o caso do pai de sua noiva.

Estão a ser destinadas verbas para a construção de uma nova residência real e dum novo palácio imperial, o qual custará cerca de 5 milhões de libras (400.000 contos) e ficará concluído dentro de, aproximadamente, cinco anos. Para o príncipe e para a princesa haverá também um novo palácio residencial, fora dos terrenos do palácio imperial, mas esse levará mais tempo a construir. — (R.).

As comemorações

do décimo aniversário

do Pacto do Atlântico

(Continuação da 1.ª página)

desde que foi assinado em Washington, a situação internacional — no Ocidente e no resto do Mundo — modificou-se de tal maneira que os dados em que assentava nada têm de comum com os que então condicionavam as relações entre os povos. Apesar disso o Pacto — que viu aumentar de doze para quinze o numero dos seus signatários — tem resistido ás vicissitudes do tempo e continua a ser um elemento predominante na balança de forças mundial. Se outras razões não houvesse, essa bastava para justificar a celebração da data em que foi solenemente assinado como demonstração sugestiva da circunstancia de estreitar laços de identificação entre os países que, situados dos dois lados do Atlantico — lhe deram a sua adesão.

As comemorações em Lisboa

Completando-se hoje dez anos sobre a data da assinatura do Tratado do Atlantico Norte, as forças armadas portuguesas celebraram esta manhã uma simples mas significativa cerimónia para salientar a solidariedade entre os países signatários daquele tratado.

Acto expressivo dessa comemoração, no seu amplo simbolismo, foi o do hasteamento das bandeiras dos países da N. A. T. O. Para o efeito, foram colocados no alto do Parque Eduardo VII, entre as duas altas colunas que deviam ladear o monumento a Nuno Álvares Pereira, quinze mastros pintados a branco e rodeados de vistosos vasos com plantas — tantos mastros quantos são os países que fazem parte daquela organização. Junto de cada um deles postaram-se dois elementos da Marinha, do Exército e da Aviação, um com uma bandeja contendo a respectiva bandeira, dobrada, e o outro pegando na adriça.

Em frente, formou a força que prestou continência, constituída por uma companhia mista de pelotões de Marinha, com charanga; do Exército e da Aeronáutica, as praças armadas de espingardas e as de terra e do ar com capacetes de aço.

A cerimónia começou ás 10 horas. Ao toque de sentido, a formatura apresentou armas, executando a charanga a marcha de continência. Simultaneamente, subiram aos topos dos mastros, juntamente com o pavihão da N. A. T. O., as bandeiras dos países signatários: Almanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grécia, Islandia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e Turquia.

A bandeira da N. A. T. O. salientava-se das restantes, ondulando no mastro colocado em frente do plinto ali existente.

Antes, porém, tinham-se reunido na esplanada do futuro monumento, os srs. ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, subsecretários de Estado do Exército e da Aeronáutica, almirantes Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; Sousa Uva, secretário adjunto da Defesa; Nuno de Brion, comandante naval do Continente, e Alves Leite, subchefe do Estado-Maior da Armada; generais Beleza Ferraz e Costa Macedo, respectivamente, chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas e Aéreas; Luís Domingues, governador militar de Lisboa; brigadeiros Homem de Figueiredo, Freitas e Mira Delgado, e capitão-de-mar-e-guerra Roboredo, subchefe, adjunto, do Estado-Maior da Armada; adidos militares dos países da N. A. T. O. e representantes diplomáticos ou consulares dos que não têm elementos militares acreditados em Lisboa.

Uma vez os pavilhões estrangeiros içados, o sr. ministro da Defesa Nacional, seguido dos restantes membros do Governo e das outras entidades oficiais, colocou-se em frente dos mastros embandeirados e ali assistiu ao desfile da formatura em continência. As bandeiras permanecerão hasteadas até ás 20 horas de amanhã e serão iluminadas durante a noite.

Além destas cerimónias, as fragatas «Corte Real» e «Pedro Escobar», visitarão os portos de Brest e Liverpool, respectivamente, de 15 a 17 do corrente.

A sessão no Tivoli

A sessão comemorativa, no cinema Tivoli, promovida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, está a decorrer á hora em que o «Diário de Lisboa» entra em circulação.

Farão alocuções alusivas os srs. profs. drs. Paulo Cunha e Caeiro da Mata. A segunda parte do programa será preenchida com as exibições dos filmes «A N. A. T. O. ao Serviço da Paz», documentário com introdução pelo sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, ministro da Presidência, e «Céu Aberto», sobre a Comunidade Ocidental.

Uma conferência na Escola Naval

O prof. Serra Brandão, titular da cadeira de Direito Internacional Marítimo da Escola Naval, proferiu naquele estabelecimento de ensino uma conferência sobre o Tratado do Atlantico Norte. Após algumas palavras do director da Escola, comodoro Sarmento Rodrigues, que presidiu á sessão, o conferente fez uma desenvolvida exposição sobre as razões que determinaram a assinatura daquele Tratado, explicando quais os seus objectivos e esclarecendo a sua organica.

A conferência, que constituiu um trabalho de alta valia, foi escutada com o maior interesse pela numerosa assistência.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 16°,5; mínima, 10°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°,8; mínima, 11°.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Sul e o céu estava muito nublado por acção de uma massa de ar instável transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste da Peninsula Ibérica.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 10°; Porto, Coimbra, Lisboa, Faro e Funchal, 14°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado. Vento fraco de Sul, tornando-se moderado de Noroeste. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas, especialmente nas regiões montanhosas.

O dr. Lopes Navarro

novo juiz conselheiro do Supremo Administrativo

O «Diário do Governo» publica hoje uma portaria que nomeia juiz conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo o sr. dr. Luís Francisco Lopes Navarro, que desempenhava actualmente, por designação ministerial, as funções de procurador-geral da Republica.

Trata-se de um magistrado muito distinto, que tem exercido sempre com grande aprumo diversos cargos e comissões de serviço nos Ministérios do Interior, Justiça, Obras Publicas e Marinha, tendo colaborado activamente na orgânização de vários diplomas legislativos. Fez parte da comissão encarregada de elaborar o Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante e da comissão do novo Código Civil e, actualmente, da comissão revisora do Código de Processo Civil.

A sua bibliografia jurídica é já extensa e muito valiosa.

O sr. dr. Lopes Navarro toma posse, no Supremo Tribunal Administrativo, na próxima segunda-feira, 6, pelas 15 horas.

As individualidades que assistiram ao desfile

IMPRENSA

«Diário da Manhã»

Completou 28 anos de existência o nosso prezado colega «Diário da Manhã», pelo que dirigimos as nossas saudações ao seu ilustre director, sr. dr. José Manuel da Costa, e a todos quantos ali trabalham.

PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A RENDER

A CONFIDENTE

LISBOA — ROSSIO 3 — TELEFONE 2 13 91
PORTO — RUA PASSOS MANUEL 14 1.º — TELEFONE 2 70 11

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

AS DOENÇAS DA PELE E O "HERPSANAL"

A campanha de distribuição de mais de 2.000 amostras e o interesse demonstrado em todo o País, a avaliar pelos testemunhos recebidos, dizem do valor do Herpsanal no tratamento de quase todas as doenças da pele.

Herpsanal, medicamento com vitamina F, substancia de reconhecido valor nos males da pele.

Um produto da Farmácia Confiança de Viseu — Preço 17$50

DENTES COMO ESTES SO' COM PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

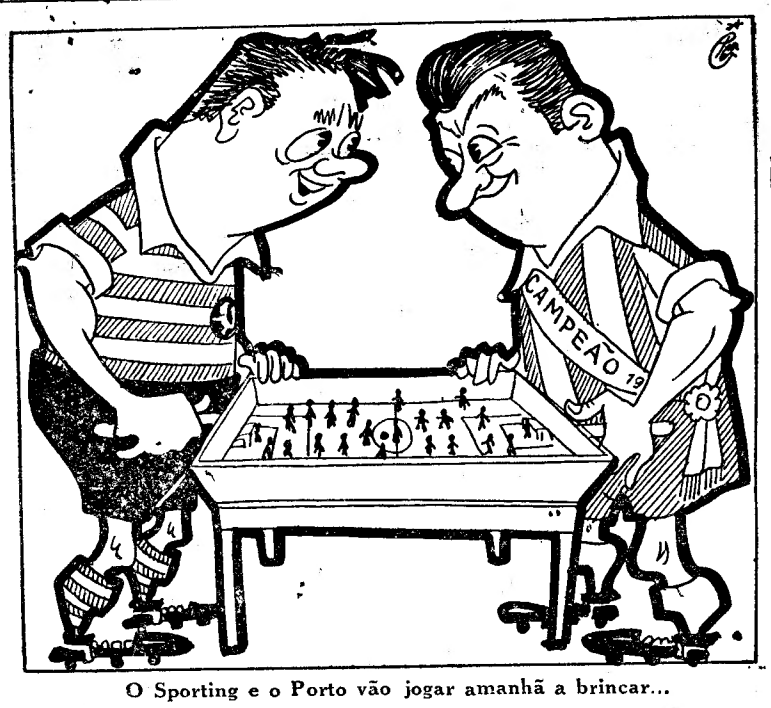
RELOGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. da Prata, 257

DESPORTOS



O Sporting e o Porto vão jogar amanhã a brincar...

O torneio de competência

e o jogo Sporting-F. C. Porto

são os acontecimentos mais importantes

Forçados a uma inactividade, imposta pelos regulamentos, doze clubes da 1.ª Divisão — o numero é deveras impressionante — continuam á espera de entrar em competições oficiais. O transtorno será todavia contrabalançado com a organização de vários encontros particulares, no desejo de manter os jogadores em forma. Assim, o Sporting recebe a visita do F. C. Porto para a 1.ª mão da «Taça dos Campeões». Simbólicamente (é inédito...) os antigos campeões nacionais passarão o «testemunho» aos seus sucessores. A categoria da equipa nortenha, recheada de excelentes valores individuais, e o propósito de recuperação previsto no grupo «leonino» devem propiciar um embate curioso, orientado no sentido de se praticar bom futebol, já que outro objectivo não existe.

No Estádio da Luz, o Benfica consagra publicamente os seus jogadores, vice-campeões nacionais, defrontando o Torriense, que na próxima época figurará na 2.ª Divisão.

O Belenenses vai de abalada até Beja para enfrentar o Lusitano para disputa de uma taça. O reaparecimento de Vital, após o êxito de Atenas, é um cartaz de interesse. Será curioso observar-se o «duelo» que o guardião eborense travará com os perigosos dianteiros do Restelo.

●

O torneio de competência (mudança de divisão) tem amanhã a sua primeira jornada, que engloba os seguintes jogos:

Cuf-Barreirense
Boavista-Olhanense
Farense-Salgueiros

Quatro clubes da 2.ª Divisão vão atacar dois da 1.ª Divisão. Esta é, na verdade, a síntese deste torneio e que representa uma relativa desconsideração para com os grupos que se classificaram nos 11.º e 12.º lugares da principal Divisão. Mas o regulamento foi aprovado e agora só há que sofrer as consequências... até ver.

As características do torneio, que pela primeira vez se leva a efeito no futebol português, são uma incógnita, mas não será ousado compará-lo ao que se fazia, anteriormente, em relação ao apuramento do campeão da 2.ª Divisão. Quer dizer, cada jogo oferece uma perspectiva decisiva para os respectivos contendores.

Todavia, a experiência dos primodivisionários, Cuf e Barreirense, parece ser capaz de contrabalançar o entusiasmo e o espírito combativo dos representantes do Porto e do Algarve.

Em referência á jornada de amanhã, afigura-se que os visitados reunem condições suficientes para arrecadar o triunfo.

HOJE, À NOITE

AUTOMOBILISMO—Ás 24 horas, encerramento das incrições para o «Rallye» a S. Pedro de Muel, no Clube Arte e Sport. O sorteio efectua-se depois de amanhã.

HÓQUEI EM PATINS—Em Campo de Ourique, a partir das 21 horas: Futebol Benfica-Sporting, C. U. F. Barreiro-Mundet e Naval-Educação Física, na ultima jornada do torneio de qualificação para a «Taça de Honra».

TAUROMAQUIA

José Trincheira melhora

O apoderado de José Trincheira, Ernesto Costa, recebeu do seu representante em Espanha, Manuel Alonso Belmonte, a notícia de que o valente matador de touros está melhorando e, segundo informação do médico assistente, entrará em convalescença dentro de três semanas, podendo, talvez, reaparecer nos primeiros dias do próximo mês de Maio.

Nas Caldas da Rainha

A comisão organizadora do Congresso Português de Tauromaquia visita, hoje, á tarde, a cidade das Caldas da Rainha, onde, por motivo do 97.º aniversário do nascimento de mestre Vitorino Frois, o crítico tauromáquico José Luís Ribeiro, «Pepe Luís», fará uma conferência no Casino do Parque.

HÓQUEI EM PATINS

O «cinco» da Parede

é a primeira equipa apurada para a 2.ª "poule" da Taça de Honra

Dirimiram-se, ontem á noite, na pista da Liga dos Melhoramentos de Algés, os três encontros da penultima jornada, da série, respeitantes á fase preliminar da Taça de Honra do Sul, de hóquei em patins.

Todas as partidas revestiam grande interesse para o apuramento dos dois «cincos» para a «poule» decisiva. Todavia, a que colocava frente a frente os grupos primo-divisionários Parede-Lisgás, era a de maior expectativa, pois a derrota do segundo pode acarretar-lhe a eliminação.

E, na realidade, os Paredenses lograram triunfar por 4-0, expressão numérica suficientemente elucidativa da marcha do encontro. Podem os Lisboetas apresentarem como atenuante esta ou aquela circunstancia. Todavia, a vitória da equipa assenta fundamentalmente na sua maior experiência e diga-se em abono da verdade, na sua melhor estruturação. A equipa de António Alves (o homem que devia ter ido a Montreux) foi superior, como conjunto mais experimentado. É normal. E o Lisgás, quadro de excelente futuro, não deve supor-se inferior ao que na realidade é. Inversamente, este desaire, como o corrido ante o Belenenses, aliás, meramente fortuito, ser-lhe-á de grande utilidade para cimentar o espírito de equipa.

Na partida de abertura, o Sporting de Torres bateu o Belenenses, por 5-4. No fim do primeiro trecho do desafio, os «leões» venciam por 3-1. Os rapazes do Restelo averbaram, assim, o seu segundo revés consecutivo pela diferença de um tento. E como os Vila-Franquenses desfeitearam os Setubalenses da Secil, por 5-3, o problema do segundo classificado fica para resolver na ultima ronda, marcada para a noite de 7. Para esse lugar ainda há quatro candidatos — Belenenses, Vila Franca, Lisgás e Sporting de Torres.

Nesta altura, portanto, há três equipas arrumadas: o Parede que passa á segunda fase; o Secil e o Algés, eliminados.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Parede	5	4	1	—	16-8	14
Belenenses ...	5	3	—	2	17-13	11
V. Franca ...	5	2	2	1	11-8	11
Lisgás...	5	2	1	2	6-8	10
Sp. Torres ...	5	2	1	2	14-17	10
Secil...	6	2	—	4	13-13	10
Algés	5	—	1	4	7-17	6

Um defesa sportinguista tenta evitar o lançamento do avançado do Benfica

«TAÇA DE PORTUGAL»

O Oriental e o Atlético

são favoritos dos jogos de amanhã

O torneio da «Taça de Portugal» continua amanhã com os encontros (12) da terceira jornada da sua fase inicial. E' a ultima ronda da 1.ª volta e estão previstos os seguintes desafios:

1.ª SERIE:

Vianense-Desp. Chaves
Vila Real-Gil Vicente

2.ª SERIE:

Sanjoanense-Leixões
Tirsense-Espinho

3.ª SERIE:

Marinhense-Portalegrense
Peniche-Oliveirense

4.ª SERIE:

Oriental-Sacavenense
Arroios-Atlético

5.ª SERIE:

Almada-Coruchense
Montijo-Estoril

6.ª SERIE:

Juventude-Desportivo de Beja
Portimonense-F. C. Serpa.

São guias da classificação em cada uma das séries: Vila Real, Leixões, Peniche, Oriental, Almada e Portimonense—todos contando por vitórias os jogos disputados, com excepção do Almada, que cedeu já um ponto (empate com o Montijo).

Na jornada de amanhã todos os desafios têm o maoir interesse. pela simples razão da prova ser de curta duração, não havendo, portanto tempo para recuperações.

Citem-se, no entanto, como jogos de maior importancia o Sanjoanense-Leixões, o Tirsense-Espinho, o Peniche-Oliveirense, e o Montijo-Estoril.

Os dois mais representativos clubes de Lisboa — Atlético e Oriental — jogam em Lisboa e não devem tre problemas a resolver.

FUTEBOL

Sport Lisboa e Benfica
Sport Clube União Torriense

Com vista a não manter inativa a sua primeira equipa de futebol, o Sport Lisboa e Benfica realizará no seu Estádio, amanhã, dia 5, pelas 16 horas, um encontro de futebol com igual categoria do Sport Clube União Torriense, ao qual só poderão assistir os sócios dos dois clubes e as pessoas de suas famílias, que, assim, terão oportunidade de publicamente homenagearem os jogadores que, com tanto brilho e desportivismo, representaram o Benfica no Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão da época de 1958/59.

BASQUETEBOL

Boa vitória do Benfica

Falta apenas uma ronda para terminar a fase de apuramento dos três primeiros classificados em cada zona, Norte e Sul, os quais, por sua vez, disputarão, próprimente o título de campeão nacional da presente temporada.

A jornada de ontem, á noite, no Pavilhão, que despertou interesse, teve na partida entre os «velhos rivais» uma curiosidade que há muito não se verificava e que, na verdade, é grata revelar — atingiu-se certo nível técnico, além do despique que esteve patente desde o primeiro ao ultimo momento do encontro.

Ganhou a equipa que «andou» mais depressa e que tirou proveito dessa virtude. Ainda bem, há pouco tempo disse-nos um certo técnico: «*o grupo que não correr e não encestar bem estará condenado irremediávelmente*». O Sporting não se integrando bem dentro desta máxima deixou ao adversário toda a iniciativa. O dispositivo «encarnado», já mais bem estruturado, impôs, portanto, as suas «condições» e, por toda a partida manteve um ritmo de jogo que apraz registar.

O Benfica actuou com vontade, alvejando com êxito o cesto do adversário. Por outro lado, os «encarnados» denotavam uma preocupação especial — limitar ao máximo a ligeireza de movimentos dos sportinguistas dentro da área que defendiam. Os «leões» parecem revelar fadiga ou pelo menos iniciativa. Faltou-lhes de certo modo envergadura para contrariar os propósitos do adversário e foi neste pequeno apontamento que residiu a sua derrota. O Sporting que não tinha grandes problemas a resolver no seu conjunto passou a tê-los. Há que criar mais velocidade a fim de que a equipa possa responder com firmeza aos ataques que lhe movem da esquerda e da direita...

Um pequeno incidente toldou os espíritos, pelo menos, os mais apaixonados, mas não chegou, felizmente, a ter graves consequências que não fosse a expulsão de Galhoz, do Benfica, que pretendeu responder a uma atitude de Patrício. Pena foi que este incidente viesse toldar o ambiente. A vitória do Benfica está tão certa como a derrota do Sporting.

Os numeros indicam-nos o seguinte: Resultado final: Benfica, 55-Sporting, 51. Ao intervalo: 20-23. O melhor marcador do encontro foi Garranha (22), do Sporting, seguido de Julio Campos (16), do Benfica.

Com a repetição da partida com o Belenenses, os benfiquistas podem aspirar á fase seguinte. Depende, todavia, do resultado que obtiverem.

Os «azuis» fizeram uma partida sem grandes preocupações, apesar dos Montijenses, terem desenvolvido jogadas acutilantes. A sua velocidade foi a grande arma que utilizaram e que, na verdade, parece ter surpeendido por momentos os jogadores do Restelo. A superioridade dos vencedores nos lançamentos esteve, porém, sempre patente.

Ao intervalo o resultado era já favorável ao Belenenses, por 32-25. No final a marca apresentava os seguintes numeros: Belenenses, 72-Montijo, 50. O melhor marcador da partida foi Branco (28) do Belenenses, seguido do Montijense Boiões (25) e de Delgado (16) Belenenses.

No encontro, disputado no campo do Luso, o Barreirense derrotou o Luso, por 82-30.

JOSÉ BATALHA

O «Nacional» da 3.ª Divisão

Os 29 jogos da 10.ª jornada

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão retoma amanhã o seu curso, com a realização dos encontros correspondentes á 10.ª jornada, que é a 3.ª da segunda volta da fase inicial.

A prova continua a despertar o maior interesse, pois não há, por enquanto, indicações seguras para determinar os grupos que virão a qualificar-se para a fase imediata da competição.

Eis os desafios marcados para amanhã:

ZONA NORTE:

1.ª série — Limianos-Bragança (0-2). Mirandela-Fafe (0-0). Monção-Murça (2-1) e Régua-Paredes (1-1).

2.ª série — Penafiel-Avintes (1-1). Académico (Porto)-Farense (0-2). Beira Mar-Leça (0-0) e R. Agueda-Ovarense (0-3).

3.ª série — Guarda-Acad. Viseu (0-6). Mangualde-Benfica e Castelo Branco (0-11), Lusitano-Cernache (2-2) e Cebolense-Mortágua (3-1).

4.ª série — Marrazes-G. Alcobaça (0-3). Marialvas-Louzanense (1-0). Valado-U. Coimbra (1-3) e Naval-Mirense (5-0).

ZONA SUL:

5.ª série — Vitória-Ferroviários (1-2). T. Novas-Tramagal (0-0). Alhandra-U. Operária (0-1) e Leões-Vilafranquense (0-2).

6.ª série — Fut. Benfica-Casa Pia (0-6). Amora-Luso (1-8). Sesimbra-Seixal (0-5) e Cova da Piedade-S. L. Olivais (1-2).

7.ª série — Estrela Portalegre-Elvas (0-2).

8.ª série — Sambrasense-Moura (2-1). Lusitano-S. Domingos (2-1). Desp. Beja-Aljustrelense (0-1) e Louletano-Silves (0-4).

Entre parêntesis indicam-se os resultados corespondentes aos desafios da 1.ª volta (3.ª jornada).

Todos os jogos se realizam ás 16 horas, nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar.

PROVAS DA A. F. L.

Começa amanhã o «Torneio Popular»

A actividade da A. F. L., embora possa considerar-se concluido o Campeonato distrital da 2.ª Divisão, aumenta amanhã com a realização dos primeiros jogos de um novo certame — o Torneio Popular de Futebol — cuja utilidade é desnecessário encarecer. O nosso prezado colega «O Século» dá o seu patrocínio á prova.

Vejamos, entretanto, como estão marcados os 35 desafios que a A. F. L. reservou para amanhã:

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão (jogos em atraso) — Castelo-Charneca, em Palma, ás 14.30 h.; União Povoense-Santa Iria, na Póvoa, ás 16 h.

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — Série A (14.ª jornada) — Queluz-Linda-a-Velha, na Amadora, ás 15 h.; Lourel-Alto da Eira, no Lourel; Belas-Algés, em Belas; Cacem-Carcavelos, no Cacem — os três ás 16 h.; Cascalheira-1.º de Dezembro, em Palma, ás 16.30 h. **Série B (17.ª jornada)** — Zambujalense-Castanheira, no Zambujal; Camarate-Caneças, em Caneças; Bucelenses-Povoense A. C., em Bucelas; Vialonga-Malveira, em Vialonga; Pinheiro de Loures-Toial, em Pinheiro de Loures; Ponte de Frielas-Loures, em Frielas — todos ás 16 h.

Camp. distrital de juniores da 2.ª Divisão — 2.ª Fase — 2.ª jornada — Série A — Linda-a-Velha-Sintrense, no E. Nacional (treinos), ás 10 h.; Sporting-Amadora, em Alvalade (treinos), ás 10.30 h.; U. Algés-Casa Pia, em Algés, ás 11 h. **Série B** — Operário-Vilafranquense, em Chelas; Santa Iria-Sacavenense, em Santa Iria — ambos ás 10.30 h.; Santa Catarina-Oriental, em Moscavide, ás 11 h.

Prova Distrital de Principiantes (7.ª jornada) — Série A — Sporting-Belenenses, em Alvalade (treinos), ás 9 h.; Casa Pia-Oriental, em Pina Manique; Atlético A-Amadora, na Tapadinha — ambos ás 11 h.; Torriense-Palmense, em T. Vedras, ás 11.30 h. **Série B** — S. L. Olivais-Benfica, nos Olivais, ás 9.15 h.; Vilafranquense-Atlético B, em V. F. Xira; U. Povoense-Vialonga, na Póvoa; Sacavenense-Alhandra, em Sacavem — todos ás 10.30 h.

Torneio Popular de Futebol — 1.ª jornada — Série A — Spt. da Penha-Vitória de Sacavém; Beato-Moscavide; Alto do Pina-F. C. Lisboa — todos em Sacavem, ás 13, 15 e 17 h.; **Série B** — Lisboa F. C.-União; Sete Moinhos-Monte Pradense, na Tapadinha (treinos), ás 14 e 16 h. Série C — G. D. Portugal-Aguias; Liberdade-Real; Cova da Moura-Bairro Marechal Carmona — todos em «Pina Manique», (treinos), ás 13, 15 e 17 h. **Série D** — Laranjeiras-Matinha; Campo de Santana-Império — ambos no Restelo (treinos), ás 14 e 16 horas.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Belenenses - Sporting e Olivais - Benfica no programa da 3.ª jornada

Com os 16 desafios marcados para amanhã, o 19.º Campeonato Nacional de Juniores retoma a sua marcha de modo que ficará concluida a primeira volta da fase inicial do certame.

O calendário marca os seguintes encontros:

ZONA NORTE:

1.ª série — Bragança-Vila Real e Spt. Braga-F. C. Porto.

2.ª série — V. Guimarães-Tirsense e Leixões-Agueda.

3.ª série — Boavista-Acad. Viseu e Gervide-Beira Mar.

4.ª série — Académica-Caldas e Sporting Nacional-Nazarenos.

Todos os desafios se efectuam nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar, ás 10 e 30 h. com excepção do de Matosinhos, que é ás 11 h. Reveste-se de particular interesse o encontro de Braga.

ZONA SUL:

5.ª série — Portalegrense-Tramagal e Leões-Spt. Covilhã.

6.ª série — C. U. F.-Seixal e Belenenses-Sporting.

7.ª série — Olivais-Benfica e Montijo-Oriental.

8.ª série — Despertar-Olhanense e Juventude-Farense.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes mencionados em 1.º lugar, ás 10 e 30 h. Como desafios de maior interesse podem citar-se o Portalegrense-Tramagal (5.ª série) e o Belenenses-Sporting (6.ª série).

Os Portugueses na Grécia

Duas imagens do jogo disputado, em Atenas, entre as selecções militares de Portugal e da Grécia. Na primeira, Vital, que se exibiu em grande plano, pelo que suscitou a admiração geral, surge a segurar a bola, com decisão, mantendo á distancia conveniente um avançado grego. Em baixo, a equipa nacional. Ajoelhados: José Augusto, Hernani, António Mendes, Ferreirinha e José Pedro. De pé: Barbosa, Vital, Lino, Fernando Mendes, Morato e Miguel Arcanjo

VOLEIBOL

Triunfos normais do Sporting e do Benfica

Na conclusão da primeira jornada do regional de voleibol as equipas do Sporting e do Benfica alcançaram fáceis e um tanto expressivos triunfos sobre os «seis» do Belenenses e do Universitário. Embora esperada, a derrota dos «azuis» poderia ter tido menor expressão numérica se os «leões» não tivessem feito um excelente jogo, salientando-se especialmente no serviço, magnífico na verdade e nas fintas de ataque, a demonstrarem o progresso do grupo neste aspecto e, além disso se a equipa vencida tem apresentado o seu melhor «seis», o que se não verificou pois lhe faltaram quatro titulares.

Os universitários, por seu lado, apresentaram mais um excelente reforço, Nazaré e, se têm tido um pouco de sorte no primeiro «set» poderiam tê-lo vencido pois os «encarnados» de início actuaram francamente mal. Depois, recompuseram-se e os estudantes sofreram as consequências.

Um vez que são agora os clubes a indicar os árbitros para o outro encontro da sessão pareceu-nos um tanto descabido que o Benfica tivesse enviado um árbitro de 15 anos. Embora não se tenha registado qualquer acidente, o precedente parece-nos bastante perigoso.

Arbitraram José Sequeira (Benfica) e Xara Brasil (Sporting) e os grupos alinharam:

Sporting—Moniz Peireira, Marques Pereira, Costa e Silva, José Machado, António Costa e Xara Brasil.

Belenenses—Nuno Mota, Américo Teixeira, José Sá, Jorge Graça, José Simões e Jorge Santos.

Benfica — Fernando Monteiro, José Brum, António Augusto, Artur Monteiro, Vítor Carvalho, Fernando Montalvão e José Magalhães.

Universitário—Rabaça Pires, Domingos Coutinho, Vilar Moreira, Pala Garcia, Francisco Nazaré, José Louzeiro, Carlos Poeira e João Alexandre.

Resultados numéricos:

Sporting-Belenenses, 3-0 (15-6; 15-4 e 15-5) e Benfica-Universitário, 3-0 (15-10; 15-0 e 15-9).

GINÁSTICA

Principiam hoje as competições oficiais

Hoje, ás 21 e 30, no Ginásio Clube Português, principiam as competições oficiais de ginástica desportiva, organizadas pela Federação Portuguesa de Ginástica, com o torneio nacional masculino de iniciados, que amanhã, á mesma hora e no mesmo local, terão o seu epílogo.

Participam nesta prova 21 ginastas, do Lisboa Ginásio, F. C. Porto, Ginásio Clube Português, Benfica e Algés, assim distribuidos:

N.os 1, Alvaro Dias Ferreira; 2, António Augusto Rodrigues; 3, Adelino Pereira da Silva; 4, Francisco de Sousa; 5, Horácio Rego; 6, Adriano Guara Alves — do F. C. Porto. N.º 7, Vítor Ferreira Pinto — do Benfica. N.os 8, Rui Magno; 9, José Brito Santos; 10, António João Faria; e 11, Fernando Manuel Faria — do Algés. N.os 12, Marcelo Silva; 13, Duarte Pamplona; 14, Benjamim Nande; e 15, Vítor Fer-

(Continua na 13.ª página)

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Prosseguem os campeonatos de andebol de 7 e futebol da Ala de Lisboa, sendo o programa o seguinte:

Andebol de 7 — Prova de Vanguardistas «B» (3.ª série): C. E. 50 c. C. E. 14; Prova de Vanguardistas «A» (2.ª série): C. E. 27 c. C. E. 44 — ambos no Liceu Pedro Nunes, respectivamente, ás 9.30 e 10.30 h.

Futebol — Campeonato de Iniciados: Escola Agrícola D. Dinis c. Escola Valsassina; E. António Arroio-Colégio Clenardo — ambos no Estádio Nacional, respectivamente, ás 10 e 11.15 h.

Tiro — Prova de registo de categorias, na carreira da Casa da Mocidade, ás 10 h.

BASQUETEBOL

Começa a 2.ª volta do torneio da Zona Sul-A — Os desafios respeitantes á 1.ª jornada são os seguintes: *Série A* — Atlético-Boa Hora e L. Ginásio-S. C. Torres; *Série B* — Santa Catarina-C. U. F. e Ateneu Casa Pia; *Série C* — Maria Pia-Técnico; *Série D* — Seixal-P. Arcos e Lisgás-Arroios; *Série E* — C. Ourique-Alvalade e C. D. U. L.-Mundet; *Série F* — Rio Seco-Vitória e C. I. F.-Oriental; *Série G* — Pedrouços-Campolide e E. Física-Moscavide, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

*

Prosseguem os campeonatos de juniores e infantis da A. B. L. estando marcados os jogos: Série A — Educação Física-Sporting A, em Torres Vedras ás 10 e 11; Belenenses-Sacavenense, em Restelo, ás 10 e 11; Cruzquebradense-Oriental, na Cruz Quebrada, ás 10 e 11; Benfica-Rio Seco, no Campo Grande, ás 10; Série B — C. Ourique-L. Ginásio, em C. Ourique, ás 10 e 11 e Sporting-B-Algés, no Passadiço, ás 9 e 10; Série C — Atlético-Ateneu, na Tapadinha, ás 10 e 11; Carnide-Campolide (j) e Carnide-Sporting (i.), em Carnide, ás 10 e 11; Alvalade-Nacional, no Ateneu, juniores, ás 11; Série D — juniores — Combatentes-Algés B, nos Combatentes, ás 10; Tabacos-C. D. U. L., nos Barbadinhos, ás 10 e Maria Pia-Benfica B, em S. Gens, ás 9 horas.

CICLISMO

Disputa-se a final da 2.ª «Grande Prova de Iniciação», a que concorrem os apurados (4) de cada um dos 17 distritos. O percurso é de 105 quilómetros e a partida está marcada para ás 9.30.

O percurso é o tradicional da Ericeira: Lisboa, Loures, Sousa, Venda do Pinheiro, Malveira, Mafra, Ericeira, Carvoeira, Lourel, Granja, Algueirão, Belas, Caneças, Odivelas, Carriche, Lisboa (chegada ao estádio de Alvalade).

*

Disputa-se o campeonato regional de equipas (independentes), no sistema «contra-relógio», devendo concorrer o Aguias, Benfica e Sporting.

O percurso é o seguinte: Estádio Alvalade, Mafra, Ericeira, Sintra, Belas, Caneças, Odivelas, Carriche, Estádio Alvalade, 150 quilómetros.

As equipas começam a partir ás 7.30 h., com intervalos de 15 m.

DESPORTO CORPORATIVO

Continuam os campeonatos nacionais de futebol estando marcados os seguintes desafios:

1.ª Divisão (jogos em atraso) — Comp. Carris-F. C. Regina e S. C. Cervejas-S. C. Guerin, em Belém, ás 11 e 15 h.

2.ª Divisão — fase final, 3.ª jornada — F. C. Regina-F. Simões, em Belém, ás 9 h.; C. N. Electricidade-B. Angola e Simca Portuguesa-Standard Electrica, na Picheleira (Telefones), ás 9 e 11 h.

*

Na carreira de tiro, em Belém, a partir das 9 horas, 6.ª sessão do torneio da Taça «Preparação».

ESGRIMA

No Casino do Estoril, a partir das 15.30 horas, disputa-se o encontro luso-alemão, dotado com a taça «Lisboa-Heidenheim».

HIPISMO

O Concurso Militar de Mafra tem a sua 4.ª e ultima jornada, com um programa deveras atraente, que inclui as provas «Escola Prática de Infantaria» (em duas séries) e «Escola Prática de Cavalaria» — esta reservada a cavalos com «handicap» e disputada em duas «mãos».

HÓQUEI EM CAMPO

Retoma o seu curso o «Torneio de «Encerramento», organizado pelo C. F. Benfica. A 3.ª jornada oferece os encontros F. Benfica-Hoquei e Belenenses-Benfica.

HÓQUEI EM PATINS

Começam os campeonatos regionais do Sul, de Juniores e principiantes. A jornada comporta os seguintes encontros:

JUNIORES-SERIE A — Cascais-P. Arcos e Parede-Belenenses-A; SERIE B — Física-Vilafranquense e Benfica (B)-Maristas; SERIE C — Azeitonense-C. U. F. e Liceu Francês-Belenenses B; SERIE D — Sintra-Benfica A e Sporting-F. Benfica — todos nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar.

PRINCIPIANTES — H. C. Sintra-Benfica, Liceu Francês-Azeitonense, C. Ourique-Cascais e Paço de Arcos-Algés — nos rinques dos clubes indicados em 1.º lugar.

Os jogos terão início ás 10 horas, mas havendo no mesmo rinque um jogo de cada categoria, os de principiantes serão ás 9,45 e, os de juniores, ás 10,30 h.

MOTORISMO

O Lambreta Clube de Lisboa promove amanhã o 1.º passeio de uma série que se propõe levar a efeito. A deslocação é ao Cartaxo, com partida da sede do clube, na Rua José Estevão, 133, ás 9 h. Naquela vila haverá uma gincana, denominada «Grande Prémio do Cartaxo», para motos, scooters» e velomotores.

RAGUEBI

Os Campeonatos Nacionais da Divisão de Honra e da 1.ª Divisão, bem como a taça «Francisco Silva» retomam amanhã o seu curso, fornecendo os seguintes encontros.

DIVISÃO DE HONRA — C. I. F.-C. D. U. L., nas Telheiras, ás 9,30 h.; Belenenses-Benfica, no Estádio Nacional, ás 9 h.

1.ª DIVISÃO — Arroios-Direito, no Est. Universitário, ás 9,30 h.; Agronomia-Académica, no Est. Universitário, ás 15 h.

TAÇA «FRANCISCO SILVA» — Sporting-C. D. U. L., em Alvalade, ás 12 h.; Agronomia-Belenenses, no Est. Universitário, ás 9.30 h.; Direito-Benfica, no Est. Universitário, ás 11 horas.

REMO

Inaugura-se a nova época de remo, com o «Dia da Abertura», em Lisboa, Figueira da Foz e Viana do Castelo. Em Lisboa, as provas disputam-se ao longo da muralha da Junqueira, ás 10.30 h., com regatas para seniores e principiantes, em «Yolles» e «skiffs».

TÉNIS

Nos «courts» de Monsanto, prosseguem os torneios das taças «Sporting» e «Alvaro Costa», organizados pelo Sporting Clube de Portugal. Encontros marcados: Azambuja Martins-Isidro Santo c. Salema-O. Neto, ás 10 h.; A. Capucho-M. Garrido c. Pinto Basto-L. Costa, ás 11 h.; C. Nandin-Seabra Pinto c. vencedor de Salema-Nery/J. Roquete-C. Garnel; Vaz Pinto c. Toker, ás 11 h.; Benito Garcia c. Vítor Hugo, ás 12 horas.

TIRO AOS PRATOS

A favor das Obras de Assistência ás Crianças do Livramento-Mafra, realiza-se amanhã naquela vila, um torneio de tiro aos pratos.

Estádio José Alvalade

Domingo, 5 de Abril, às 16 horas

(às 14,30 horas, jogo de andebol Sporting-Belenenses)

FUTEBOL

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

Contra

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

para disputa da valiosa

«TAÇA DOS CAMPEÕES»

SÓCIOS: têm entrada para os seus lugares habituais
Há bilhetes de transferência

PREÇOS: Tribuna 35$00 — Lateral 25$00 — Superior 17$50 e Peão 11$00

LOCAIS DE VENDA: na Sede do Sporting e nas Agências

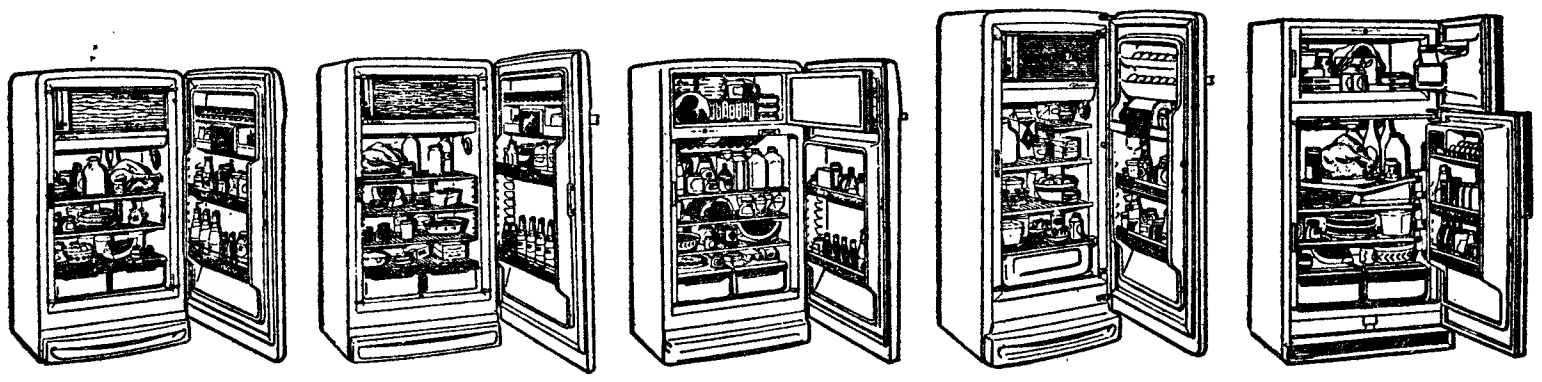
ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 6 ANOS

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize a... TABELA DE CÁLCULO DE COMPRAS BEIRÃO NAS LIVRARIAS E NO DISTRIBUIDOR: Ag. Tip. Castelo, Lda. R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA Esp. $0.60

CONVITE

ARDO tem o prazer de convidar o público de Lisboa a apreciar os novos modelos de frigoríficos GENERAL ELECTRIC *da nova série 1959 que se encontram em exposição no seu salão de vendas.*

Eis os que constituem a nova linha de 1959



Depois de apreciar as vantagens dos novos modelos de 1959, a sua luxuosa apresentação, e verificar a modicidade dos seus preços, V. Ex.ª será certamente um dos felizes possuidores dum frigorífico GENERAL ELECTRIC *O prestígio do fabricante aliado ao nosso, asseguram-lhe uma dupla garantia de fabricação e assistência após venda, que lhe darão comodidade total durante a longa vida do seu*

SALÃO DE VENDAS **Bardo** AVENIDA DA LIBERDADE, 131

GREEK LINE

NOVO TRANSATLANTICO EXPRESSO DE LUXO

«OLYMPIA»

De 23.000 toneladas brutas

SAIDAS DE LISBOA:

16 ABRIL 13 MAIO 8 JUNHO	**NÁPOLES, MESSINA e PIREU**

A ULTIMA PALAVRA EM CONFORTO, RAPIDEZ E COMODIDADE — LUXUOSAS INSTALAÇÕES NA CLASSE TURISTICA

A PREÇOS REDUZIDOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª, LDA.

LISBOA	PORTO
4, L. Vitorino Damásio	20/22, R. Mousinho da Silveira
Telef. 668087/8/9 Telex.: 145	Telef. 26154

DESEJA ADQUIRIR UMA **SOMADORA, CALCULADORA OU MÁQUINA DE ESCREVER EVEREST?**

Consulte

HENRIQUE PASSOS DURAND

Rua Frei Manuel do Cenáculo, 3-2.º, D.º — T. 847332 — LISBOA

Café Coruja

RESTAURANTE TIPICO

Coruche — Telef. 114

PRATOS REGIONAIS

Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia c/Arroz á Moda da Casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

TODOS OS DOMINGOS RANCHOS FOLCLÓRICOS e FANDANGUISTAS DA REGIÃO

+

Elvira Guedes Carvalho

FALECEU

António dos Santos Carvalho, João dos Santos, Maria Helena Faria Pereira, Joaquim da Rosa Pereira Junior e mais família participam o falecimento da sua querida esposa, cunhada, madrinha e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 12 horas, saindo da Rua Gomes Freire, 193, r/c., dir., para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

MALHAS

Na próxima 2.ª-feira, dia 6, inauguramos a nossa secção de **LÃS PARA «TRICOT»**, com grande sortido em cores e qualidades, a preços acessíveis.

N. B.: As nossas malhas são fabricadas nas nossas máquinas á vista de V. Ex.ª

Não temos intermediários; vendemos directamente ao publico.

CONVITE

Sábado e Domingo, com início ás 21 horas, até ás duas da madrugada temos patente ao publico a nossa exposição pelo que convidamos V. Ex.ª a visitá-la, pois vale a pena.

ARTEFACTOS DE MALHA DE LUXO, LDA.
(ARMALUX)
Fábrica de Malhas
Rua Camilo Castelo Branco, 1
LISBOA

Desportos

(Continuação da 11.ª página)

reira dos Santos — do Ginásio Clube Português. N.os 16, Vitor Manuel Garcia; 17, Jorge Luís Cunha; 18, António Rodrigues; 19, Idalmiro Bastos; 20, Daniel Santos; e 22, Fernando Damaso Rodrigues — do Lisboa Ginásio.

Foi requerida á D. G. D. autorização para a participação de José Eduardo Mendes, do Ginásio Clube Português, por este ter ainda 15 anos (apenas 1 ano menos que a idade regulamentar).

O torneio de iniciados é reservado a ginastas que nunca tenham tomado parte em competições oficiais e dotado apenas de exercícios obrigatórios nas modalidades regulamentares: movimentos livres, paralelas, argolas, barra-fixa cavalo com arções e saltos de cavalo.

Os treinadores dos clubes concorrentes são: Adelino Barbosa (F. C. Porto), Antti Tarkiainen (Ginásio Clube Português), Josef Sammer (Lisboa Ginásio), Robalo Gouveia (Benfica) e Morais Rocha (Algés).

O torneio feminino de iniciados realiza-se depois de amanhã

No ginásio do Sporting Clube de Portugal efectua-se depois de amanhã, á noite, o torneio nacional feminino de iniciados, a que concorrem apenas seis ginastas, do Lisboa Ginásio (5) e do Sporting (1), orientadas, respectivamente, pelos treinadores Josef Sammer e Robalo Gouveia.

As concorrentes são:

N.os 23, Maria Teresa Costa, 24, Maria Clara Vaz Guedes; 25, Arlete Pinhão; 26, Teresa Soares; e 27, Aida Maurício, do Lisboa Ginásio; e 28, Celeste Leandro, do Sporting.

Nesta competição haverá também, apenas exercícios obrigatórios nas modalidades regulamentares de movimentos livres, trave, barras assimétricas e saltos de cavalo.

TÉNIS DE MESA

Não inspira cuidados o estado de saude de Manuel Carvalho

DORTMUND, 4.—O jogador português, Manuel Carvalho que se encontra integrado na equipa de Portugal, que disputa os Campeonatos Mundiais de Ténis de Mesa, nesta cidade, e que fora obrigado a desistir, devido ao que a princípio se julgava ser uma hérnia, sofreu, apenas uma distenção de musculos abdominais, acompanhada de cólicas — segundo informa o ultimo boletim médico.

Manuel Carvalho continua em repouso no hotel, e regressará a Portugal, na segunda-feira, com a equipa — (A. N. I.).

Foi abolida a utilização de raquetas de esponja

DORTMUND, 4.—A Federação Internacional de Ténis de Mesa decidiu, em reunião hoje efectuada, abolir a utilização de raquetas de esponja, começando esta proibição a vigorar nas futuras competições internacionais. — (A. N. I.).

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Cartaxo

Frederico ... Guedes

FALECEU

Maria Dolores Silva Guedes, Fernando Alberto Pereira Guedes e sua esposa, Maria do Carmo Pereira Guedes e mais família, cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento do seu querido marido, pai e sogro, cujo funeral se realiza, amanhã, domingo, ás 15 horas para o cemitério local.

O abastecimento de electricidade e de gás à população de Lisboa

(Continuação da página central)

tou, também, de 65 milhões de metros cubicos em 1957 para 67,6 milhões no ano passado. Maiores consumos, determinados pelas exigências de mais trabalho e melhores níveis de vida, exigiram da organização que distribui a electricidade e que produz e distribui o gás a continuidade de um esforço acrescido na manutenção, no aperfeiçoamento e na expansão das respectivas redes.

Sem alongar os pormenores técnicos e as especificações que á opinião comum pouco interessam, nestes serviços publicos correntiamente utilizados, é oportuno assinalar o que se tem feito ultimamente para que não faltem á massa consumidora, em condições cada vez mais perfeitas e seguras, os fornecimentos indispensáveis da electricidade e do gás.

Ao findar o ano de 1957 eram em numero de 246.972 os consumidores inscritos de electricidade e 88.074 os consumidores de gás na rede distribuidora de Lisboa. Ao terminar o ano de 1958 subiram para 258.826 os consumidores de energia eléctrica e para 91.761 os de gás. E como são cada vez mais complexas as exigências das redes, muitas vezes para além dos numeros absolutos de consumidores inscritos, as obras de desenvolvimento e aperfeiçoamento a executar crescem em amplitude técnica e económica num ritmo de que a maioria imensa do publico mal se dá conta. Aponte-se, a título simbólico, que no decurso de 1958 foram aplicados 47.924 contos em novas instalações de electricidade da área de Lisboa e 14.361 contos na rede de distribuição de gás da cidade.

Vale a pena apontar algumas dessas realizações de maior relevo e de maior projecção na eficiência e regularidade dos serviços. A instalação de Despacho da rede eléctrica, que assegura a exploração eficaz do fornecimento de electricidade em toda a área de distribuição, foi dotada com mais modernos e bem apetrechados equipamentos. Uma nova ligação — a quarta entrada em serviço — foi montada entre a subestação de Sacavém, que recebe a energia da rede geral interligada do País e o posto de recepção de Moscavide, donde a electricidade é canalizada para os diversos sectores da área de Lisboa. O constante aumento da chamada «ponta máxima» da rede, nas horas de grande consumo do aglomerado urbano, obrigou assim a novas instalações de alta potência. Iniciou-se, também em 1958 a remodelação da subestação de Santa Marta, que deve ficar concluida no ano corrente. E foi montado um cabo subterraneo entre Moscavide e o Beato, para completar a malha da rede de alta tensão que está a abastecer grandes consumidores industriais naquela área da cidade.

Mas não é tudo. O consumo crescente de Lisboa, testemunhado no numero de consumidores e no volume sempre em aumento da energia fornecida, implicou a instalação de numerosos postos transformadores subterraneos, a montagem de cabos de reforço e interligações da rede, o lançamento de novos ramais de alta tensão para os clientes industriais e de baixa tensão para as novas zonas urbanizadas da capital.

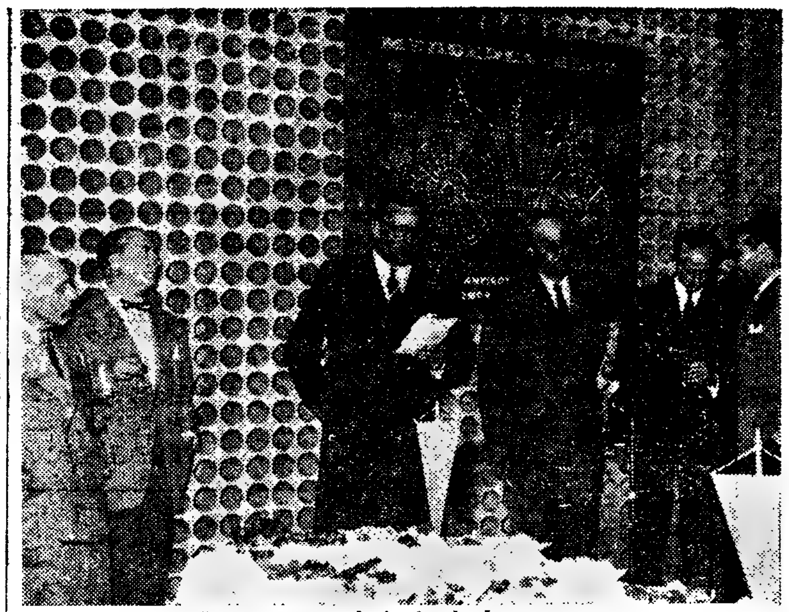
A organização distribuidora de electricidade em Lisboa também abastece numerosos concelhos da periferia da cidade, assegurando em escala crescente a utilização desse recurso de vida civilizada em vastas áreas rurais ou da cintura turística lisboeta. Assim, iniciou-se no ano passado o prolongamento até ao Guincho, da linha que abastece Cascais; encetou-se o trabalho de iluminação da Estrada Marginal e a montagem da rede da Quinta da Gandarinha; desenvolveram-se os trabalhos de electrificação no concelho de Sintra, incluindo uma nova linha entre esta vila e a subestação de Pero Pinheiro; ampliaram-se as redes do concelho de Oeiras, cada vez mais densamente habitado e foram electrificadas as povoações de Terrugem e Valejas; levou-se a electricidade a novas zonas dos concelhos de Vila Franca de Xira e Alenquer; procedeu-se ao desvio das linhas de alta tensão exigido pela construção da autoestrada de Lisboa ao Carregado. Entretanto, na sequência dos trabalhos que vêm sendo executados há alguns anos, continuou a obra de unificação das tensões das redes distribuidoras, tanto em diversos bairros de Lisboa como nos concelhos de Oeiras e Sintra. Não é de surpreender, nesta longa série de empreendimentos, que a industria distribuidora de electricidade tenha sido obrigada no ano findo a investir o capital extraordinário de quase 48 mil contos em novas realizações e equipamentos.

Também no sistema distribuidor de gás foi considerável o esforço realizado em 1958. No princípio do ano ficou terminada a montagem da instalação indispensável ao funcionamento da terceira linha de gás de água em «cracking» de gás da refinaria de petróleo de Cabo Ruivo. Parcela crescente do gás que se consome em Lisboa é já constituída por butano ou propano obtido na refinação petrolífera — com economia avultada para o consumo nacional de carvões importados. Os resultados desta coordenação industrial entre a produção de gases na Matinha e em Cabo Ruivo têm sido muito satisfatórios, estando já em curso as encomendas de novos equipamentos para apetrechar outra linha de gás de água. Na própria fábrica da Matinha prosseguiram, no entanto, os aperfeiçoamentos exigidos pela expansão avultada do consumo.

Outros melhoramentos, ainda, continuam a valorizar a rede distribuidora de gás em Lisboa. A estação onde é sobrecomprimido o gás foi reforçada com mais um grupo moto-compressor; concluiu-se a montagem da canalização em aço para altas pressões que alimenta o gasómetro da Avenida do Infante Santo e o novo posto redutor de pressão instalado subterraneamente na Praça Marquês de Pombal; e foram lançadas numerosas extensões de canalização para alimentar as redes consumidoras de novos bairros e zonas urbanizadas, assegurando a parcelas crescentes da população de Lisboa a comodidade de abastecimentos regulares e eficazes de gás.

E' nestas referências que pode apreender-se, aproximativamente, a complexidade dos serviços publicos de electricidade e gás ao serviço do consumo de Lisboa. Uma labuta constante, exigindo consideráveis efectivos de trabalhadores e muito dinheiro, assegura o fornecimento desses recursos fundamentais de vida civilizada a uma população que aumenta sem cessar e que reclama, legítimamente, a melhoria das suas condições de existência.

Não são fáceis, nem simples, as exigências da civilização. O publico é que nem sempre as compreende na sua estrutural amplitude — mas cumpre-lhe apreciar o esforço dos que procuram servi-las, não se confinando na cómoda exploração das posições conquistadas.



Durante a conferência de Imprensa

Uma caravana de veículos comerciais Mercedes-Benz vai percorrer o País

Os administradores da organização C. Santos, Lda., representante em Portugal da fábrica Mercedes-Benz, srs. eng. Boaventura Mendes de Almeida, dr. Bernardo de Lancastre Mendes de Almeida e Fernando Mendes de Almeida, e os delegados da fábrica, srs. Farlheinz Cathrein e Dietrich Deutsch, receberam os representantes da Imprensa, aos quais foram comunicados as bases em que vai verificar-se uma grande caravana publicitária dos veículos comerciais Mercedes-Benz, que percorrerá as principais cidades e vilas do País. Esta campanha publicitária destina-se a dar a conhecer aos camionistas portugueses os mais importantes modelos da linha de veículos comerciais Mercedes-Benz; oferecer emblemas comemorativos a todos os condutores de veículos comerciais desta marca que tenham percorrido mais de 100.000, 200.000 ou 500.000 km; conceder uma inspecção gratuita a todos estes veículos que tenham percorrido mais de 250.000 km; e procurar conhecer quais os veículos que apresentem a maior quilometragem com o fim de premiar proprietários e condutores. Igual campanha tem sido realizada em outros países a fim de apurar qual a viatura comercial Mercedes-Benz com maior quilometragem em todo o Mundo. O respectivo proprietário será convidado a vistar a fábrica, sendo-lhe oferecido um veículo novo, ficando

A caravana Mercedes-Benz

a viatura exposta no Museu Mercedes-Benz, em Stettgart.

A caravana é composta de modelos de todas as espécies, pelo que vai despertar o mais vivo interesse em todo o País.

Ladrão de jóias descoberto e preso meses depois do seu arrojoso roubo

Tem-se verificado ultimamente um movimento de repressão do crime, através da acção dos delegados do procurador da Republica, em diversas comarcas do País. Sucede por vezes, que as proezas dos gatunos se apresentam de difícil solução, sendo a Polícia Judiciária chamada a investigar directamente. Tal se verificou agora em Elvas, com um processo em que foi deferida competência á Subdirectoria de Lisboa, que acaba de pôr a claro as proezas de um motorista que, com certo engenho, conseguiu defraudar a sua patroa em cerca de 40.000$00. Deslocou-se á cidade raiana o inspector dr. Sá Pereira, acompanhado pelo chefe de brigada Garcia Marques e o agente Roseira Vicente. Elementos científicos, como é de calcular, já não podiam existir, pois o furto foi praticado em 18 de Setembro, data em que a sr.ª D. Beatriz Adelaide Lopes Rebelo, moradora no Bairro de Santa Luzia, comunicou á P. S. P. daquela cidade que os gatunos haviam penetrado numa das suas duas residências — a da Rua do Alcamim, 17. No entanto, no curto prazo de 48 horas, o autor do furto — Jorge de Carvalho — era preso e conduzido para Lisboa, onde confessou toda a história e narrou os factos criminosos, de que terá agora de prestar contas em Tribunal. Contou que no referido dia 18 de Setembro, de madrugada, se apoderou da chave daquela residência, para onde se dirigiu e onde penetrou, servindo-se de um canivete para se introduzir na dependência onde se encontrava o cofre. Chegado ao pé deste, abriu-o sem dificuldade, uma vez na posse das chaves, pois ele não tem qualquer segredo.

Encheu os bolsos com as mais antigas e valiosas joias, sem desprezar o dinheiro, pois arrecadou também a quantia de 9.500$00. No dia seguinte, apresentou-se calmamente ao serviço e, além da sua desonestidade, revelou instintos de malvadez, pois procurou comprometer outras pessoas, abandonando, por exemplo, na Avenida Garcia de Horta, algumas joias, para que viessem a ser transaccionadas e assim desaparecessem as suspeitas que sobre ele eventualmente recaíssem. As restantes vendeu-as em Elvas, Portalegre e Estremoz, tendo ainda escondido outra parte numa guarita da muralha, onde se encontravam enterradas a grande profundidade. Destinavam-se a uma segunda transacção, quando o caso já estivesse esquecido. Mas a aparição da P. J. transtornou todos os planos do larápio... O dinheiro apurado nas transacções, gastou-o o Jorge de Carvalho de maneira incrível, nas jogatanas das máquinas americanas...

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1. — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BATAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

Em ALHOS VEDROS o «Diário de Lisboa» é vendido por Manuel de Sousa Melro.

CAPITAL
Emprestamos qualquer quantia sobre prédios rusticos, urbanos ou automóveis, em 1.as hipotecas.
A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.
Sede em LISBOA: — Av. da Liberdade, 3-2.º
Sucursal no PORTO: — Pr. da Liberdade, 12-2.º
Dependência em COIMBRA — R. Ferreira Borges, 15-2.º

AGORA... JÁ PODE MARCAR AS SUAS FÉRIAS!

e aproveitar as magníficas excursões da "RODARTE", nos mais confortáveis Auto-Pullmans

Excursões em Portugal

Fátima (Missa)

POR: SANTARÉM (PORTAS DO SOL), BATALHA, ALCOBAÇA, NAZARÉ, ETC. REALIZA-SE TODOS OS DOMINGOS — DE JUNHO A SETEMBRO, TAMBÉM SE REALIZA ÀS 5.as-FEIRAS — PREÇOS: 100$00 (TRANSPORTE) E 180$00 (TUDO INCLUIDO)

Castelo de Bode — Tomar

POR: FÁTIMA, BATALHA, ALCOBAÇA, NAZARÉ, ETC.
TODOS OS DOMINGOS — DE JUNHO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 100$00 TUDO INCLUIDO ESC. 200$00

Peniche e Ribatejo

REALIZA-SE AOS DOMINGOS E 5.as-FEIRAS — DE MAIO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 70$00 TUDO INCLUIDO ESC. 150$00

Mafra — Ericeira — Sintra

«VOLTA SALOIA»
REALIZA-SE AOS DOMINGOS E 5.as-FEIRAS—DE MAIO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 50$00 TUDO INCLUIDO ESC. 120$00

Portinho da Arrábida

REALIZA-SE AOS SÁBADOS — DE JUNHO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 65$00 TUDO INCLUIDO ESC. 140$00

Vila Viçosa e Evora

VISITA AO DESLUMBRANTE PALÁCIO DUCAL E À CIDADE-MUSEU
REALIZA-SE AOS DOMINGOS — DE MAIO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 100$00 TUDO INCLUIDO ESC. 230$00

Serras da Lousã e Estrela

MAGNIFICAS PAISAGENS! — TODOS OS FINS DE SEMANA
TRANSPORTE ESC. 160$00 TUDO INCLUIDO ESC. 500$00

ALGARVE

(3 DIAS) TODAS AS SEMANAS — DE MAIO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 200$00 TUDO INCLUIDO ESC. 650$00

MINHO e BEIRAS

(3 DIAS) TODAS AS SEMANAS — DE JUNHO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 200$00 TUDO INCLUIDO ESC. 650$00

Minho e Trás-os-Montes

(6 DIAS) TODAS AS SEMANAS — DE JUNHO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 350$00 TUDO INCLUIDO ESC. 1.350$00

VOLTA A PORTUGAL

(10 DIAS) VISITANDO AS MAIS LINDAS TERRAS DE PORTUGAL!
REALIZA-SE 2 VEZES POR MÊS — DE JUNHO A OUTUBRO
TRANSPORTE ESC. 700$00 TUDO INCLUIDO ESC. 2.500$00

Excursões ao estrangeiro

Costa Cantábrica (16 dias)

VISITANDO: VIGO, PONTEVEDRA, LA TOJA, S. TIAGO DE COMPOSTELA, CORUNHA, OVIEDO, GIJON, SANTANDER, BILBAU, S. SEBASTIAN, VITORIA, BURGOS E MADRID
DE 2 A 17 DE JUNHO—DE 2 A 17 DE JULHO—DE 2 A 17 DE AGOSTO
DE 2 A 17 DE SETEMBRO — E DE 15 A 30 DE SETEMBRO
PREÇOS: 750$00, 3.000$00 e 3.900$00

Madrid - Andaluzia - Tânger

(16 DIAS) VISITANDO: MADRID, ESCORIAL, ARANJUEZ, TOLEDO, GRANADA, MÁLAGA, TÂNGER, CADIZ, SEVILHA, ARACENA (GRUTA DAS MARAVILHAS), ETC.
DE 15 A 30 DE JULHO—DE 15 A 30 DE AGOSTO—DE 15 A 30 DE SETEMBRO — PREÇOS: 800$00, 2.500$00 E 3.300$00

Madri - Granada - Sevilha

(12 DIAS) VISITANDO: ESCORIAL, ARANJUEZ, TOLEDO, GRUTAS DE ARACENA, ETC.
DE 15 A 26 DE JULHO—DE 15 A 26 DE AGOSTO—DE 15 A 26 DE SETEMBRO — PREÇOS: 550$00, 2.000$00 E 2.950$00

Palma de Maiorca

(18 DIAS) VISITANDO: MADRID, ZARAGOZA, BARCELONA, MONTSERRAT, ILHA DE MAIORCA (FAZENDO-SE 3 MARAVILHOSAS EXCURSÕES DENTRO DA ILHA), VALENCIA, ETC.
DE 12 A 29 DE AGOSTO E DE 12 A 29 DE SETEMBRO
PREÇOS: 1.100$00, 3.500$00 E 4.500$00

Madrid - Aranjuez - Toledo Escorial e Vale dos Caidos

(8 DIAS) DE 10 A 17 DE MAIO — PELAS FESTAS DE S. ISIDRO
DE 19 A 26 DE JUNHO—19 A 26 DE JULHO—DE 19 A 26 DE AGOSTO
DE 19 A 26 DE SETEMBRO E DE 19 A 26 DE OUTUBRO
PREÇOS: 450$00, 1.400$00 E 1.800$00

Sevilha e Tânger

(8 DIAS) DE 3 A 10 DE MAIO—DE 3 A 10 DE JUNHO—DE 3 A 10 DE JULHO—DE 3 A 10 DE AGOSTO—DE 3 A 10 DE SETEMBRO—DE 3 A 10 DE OUTUBRO — PREÇOS: 450$00, 1.400$00 E 1.800$00

Paris - Biarritz - Lourdes

(20 DIAS) VISITANDO: SALAMANCA, BURGOS, S. SEBASTIAN, BORDEAUX, TOURS, VERSAILLES, FONTAINEBLEAU E MADRID—6 DIAS DE ESTADA EM PARIS!
DE 10 A 29 DE JULHO E DE 10 A 29 DE SETEMBRO
PREÇOS: 1.300$00 E 2.800$00

Itália

(30 DIAS) VISITANDO: MADRID, BARCELONA, GENOVA, SPEZIA, PIZA, ROMA, NAPOLES, FLORENÇA, BOLONHA, VENEZA, MILÃO, MONACO, NICE, LOURDES, S. SEBASTIAN, BURGOS, ETC.
DE 2 A 31 DE AGOSTO — PREÇOS: 2.000$00 E 5.000$00

PEÇA-NOS O PROGRAMA DA EXCURSÃO PREFERIDA! FAÇA A SUA INSCRIÇÃO SINALIZANDO COM 50 %

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A — LISBOA — TELEFONE 86 12 14 DIRECÇÃO TÉCNICA DE JOÃO DUARTE e QUIRINO PEREIRA

em colaboração com a Empresa Isidoro Duarte

A EMPRESA QUE TEM AO SEU SERVIÇO OS MELHORES AUTOCARROS QUE CIRCULAM EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante corrente mês os seguintes:

Contribuição Predial — A segunda prestação trimestral sem juros da mora e ainda a primeira prestação com juros.

Contribuição Industrial — A segunda prestação trimestral sem juros da mora.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados — A segunda prestação trimestral sem juros da mora.

TAXA MILITAR — O pagamento voluntário da taxa militar é realizado em qualquer Tesouraria da Fazenda Publica dos concelhos ou bairros. A respeitante aos individuos recenseados nos concelhos de Lisboa e Porto só pode ser paga no Bairro Fiscal a que pertence a freguesia recenseadora, quando o interessado o não pretenda fazer noutro concelho.

O pagamento da taxa será efectuado nos meses de Abril e Maio, sendo a anuidade, actualmente, de 60$00.

No Ultramar o pagamento será feito durante os mesmos meses de Abril e Maio nas competentes Repartições dos Serviços de Fazenda.

Os residentes no estrangeiro que peçam o adiamento de incorporação efectuarão o pagamento no consulado respectivo no acto da apresentação do requerimento feito para aquele fim.

A anuidade da taxa militar é de 120$00 para os refractários, compelidos ou para aqueles mancebos que faltarem sem motivo justificado á inspecção quando, como resultado dela, fiquem isentos, adiados ou destinados á organização territorial do Exército.

ESTATISTICA — Todas as sociedades devem remeter até ao dia 15 do mês de Abril corrente, ao Instituto Nacional de Estatistica, o respectivo verbete estatistico, contendo os elementos que nele são pedidos, acompanhado do relatório da gerência, exceptuando-se as sociedades coloniais ou as que tenham de receber elementos do estrangeiro, ás quais é permitido completar o preenchimento do verbete até ao dia 30 de Junho próximo.

IMPOSTO COMPLEMENTAR — Apresentam-se até ao dia 15 do corrente mês de Abril as declarações modelo dois e quatro.

Leite pasteurizado

Amanhã, começam a funcionar, em mais uma zona da cidade, os postos da U. C. A. L., para venda directa ao publico e aos vendedores ambulantes de leite pasteurizado. Os referidos postos ficam situados na Rua de S. Mamede ao Caldas, 22-B; Travessa Senhora da Glória, 7-B; Parada do Alto S. João, 5-C; Rua de S. José, 201; Rua Gomes Freire, 138-B; Rua Actor Vale, 47-D; Campo Grande, 232; Rua da Cruz dos Poiais, 35; e Rua Forno do Tijo, 21-B.

Ficam também abastecidos todas as leitarias e cafés, compreendidos entre as zonas que estão já a funcionar e a Avenida de Ceuta.

VISITE

A EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ELECTRO-DOMÉSTICO DA

Standard Electrica

RUA AUGUSTA, 19

(JUNTO AO ARCO)

FRIGORÍFICOS
RÁDIO-RECEPTORES
TELEVISORES
MÁQUINAS de LAVAR «CANDY»
ASPIRADORES «ELFA»
FERROS DE ENGOMAR
FOGÕES
BATEDEIRAS E MOINHOS DE CAFÉ «PEUGEOT»
MÁQUINAS DE BARBEAR
GIRA-DISCOS «LORENZ»

Discos das melhores marcas nas ultimas gravações

E TODA A APARELHAGEM DE QUE O SEU LAR NECESSITA

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Morrera o conselheiro João Franco e o «Diário de Lisboa» dizia em editorial no dia 4 de Abril de 1929: «O nome de João Franco teve uma estranha ressonancia nos derradeiros anos da Monarquia: acordava paixões e suscitava polémicas, despertando na multidão cóleras surdas que algumas vezes se traduziam em actos violentos. O rei D Carlos chamou-o ao Poder, a fim de romper com o rotativismo representado por dois partidos que se revesavam na administração da cousa publica, segundo a lei: do menor esforço e do maior proveito para os compadrios. João Franco, que era um beirão, honesto agreste, com uma eloquência áspera que a sinceridade amaciava e iluminava, foi no campo da politica o enviado dos «vencidos da vida» que desdenhavam dos lugares-comuns e das fórmulas elásticas do constitucionalismo».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA— A's 18: Noticiário e danças; 18 e 30: Rádio rural; 18 e 50: Trechos de operetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho. *Programa «A»* — A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 40: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores — 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores. *Programa «B»* — A's 19: Musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara, em que colaboram os pianistas Maria Regina de Vasconcelos e João Monsanto, a cantora Maria Teresa Dinis Sampaio e o clarinetista Luís Louro; 20,28: «Abraham Lincoln», palestra de Maria de Carvalho; 20 e 38: «Variações e fuga sobre um tema de Purcell», de Britten, pela Orquestra do Concertgbouw, de Amesterdão, sob a direcção de Van Beinum; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 3.º acto a ópera «Simão Bocanegra», de Verdi, cantado por Paolo Silveri, Antonietta Stella, Mário Petri, Carlo Bergonzi, Blanca Furlay e coro e Orq. Sinf. da Radiotelevisão Italiana, de Roma, sob a direcção de Molinari Pratelli; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: «Suite Holberg», de Grieg: 22 e 35: Que quer ouvir?, «Nona Sinfonia», de Beethoven, pela Orquestra Sinfónica da N. B. C.; solistas: cantores Eileen Farrel, Nan Merriman, Jan Pierce e Norman Scott e Coro Róbert Shaw, sob a direcção de Toscanini; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUB — A's 17 e 30: Variedades; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Diálogos do Olavo: 19 e 15: Conjuntos; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Eydie Gorme; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Orquestra de Paul Weston; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Solistas; 0 e 30: Noticiário: 0 e 40: Baile. *Estação de Miramar* — A's 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Orquestras e canções; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Toca Aimable; 21 e 45: Brasil; 22: Uma orquestra e uma voz; 22 e 30: Intermédio musical; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: «25 Anos»; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Ecos de Espanha; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Musica brasileira; 21 e 50: Musica escolhida; 22 e 15: Noticiário — Boletim religioso; 22 e 30: Cerimónias religiosas de Fátima, integradas nos 25 anos da A. C. P.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30: Club Radiofónico de Portugal; 19 e 30: ás 22: Rádio Peninsular; 22 á 1: Rádio Graça; 1 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário; 21 e 10, Jornal de Actualidades Internacionais; 21 e 20, Juventude no Mundo (serviço internacional de actualidades para crianças); 21 e 35, Helder Reis e o seu conjunto; 21 e 55, programa semanal de actualidade desportiva; 22 e 20, 10.º aniversário da N. A. T. O.; 22 e 55, na rua e na estrada; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas noticias; 23 e 30, fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel 782606, Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 731838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841, Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728, Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel 779332, Cabrita — Campo Grande 220-222, Tel. 772397, Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma 18-A, Tel 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-8 Tel 710331, S Miguel—Praça Francisco de Morais 1, Tel. 771469, Providência — Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar 69-71 Tel. 47213 Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo 21-B/C, Tel 47385, Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira 36 Tel. 41961, Fonseca — Largo D Estefania 4-5, Tel 54808, Ascensos Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação Tel 388172, Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13 Tel 381136, Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel P P C 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV Tel 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis 199-A Tel 41269, Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R Andrade, 32-36, Tel. 845513, Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361, Bonil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T 683438, Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade Tel 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres 8-D Tel 681515, Maria Pia —Rua D Maria Pia 514, T 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel 660955, Confiança — Praça das Flores 59, Telef 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156 Tel 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel 610280, Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef 638256; Botanico-Quimica, Lda.—R da Junqueira 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563, Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel 663117, Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636, Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B T 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464, Simões Pires — Rua da Prata 115, Tel 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.45 — «O processo de Jesus».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Encosta a cabecinha e chora ...».
AVENIDA — «Seis personagens em busca de autor».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Luisa Fernanda».

CINEMAS

TIVOLI — «Rapsódia portuguesa».
S. LUIS — «Anna de Brooklin».
S. JORGE — «Os Vikings».
IMPÉRIO — «Os Dez Mandamentos».
EDEN — «Pão, amor e Andaluzia».
POLITEAMA — «O inimigo silencioso»
MONUMENTAL — «Christine».
CONDES—«Jerry, ama-seca».
ODEON — «Joselito o pequeno pastor».
ROMA — «Pão, amor e Andaluzia»
CAPITOLIO — «Fronteiras do orgulho».
AVIS — «Um solteiro em Paris».
ALVALADE—«Anna de Brooklyn»
RESTELO — «Hércules».
JARDIM — «Duelo no deserto».
IDEAL — «O sexto homem».
PROMOTORA — «Preciso do teu amor».
CAMPOLIDE — «Uma estranha na cidade».
S. JOSÉ (SACAVÉM) — «Zarak».

MARES

PREIA-MAR: hoje, ás 13 e 12 (altura 3,66 m.); amanhã, á 1 e 34 (altura 3,83 m.). BAIXA-MAR: hoje, ás 19 e 5 (altura 1,29 m.); amanhã, ás 7 e 37 (altura 1,07 m.).

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas associativas, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Casa Pia Atlético Clube, Sport Algés e Dafundo, Associação Luís Braille, Casa do Minho, Clube Estefania, Sociedade Musical «Ordem e Progresso», Carnide Clube, Sociedade 24 de Agosto, Clube Desportivo Operário e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

QUEM PERDEU?

Encontram-se depositados no Governo Civil os seguintes objectos ontem achados em Lisboa: dois pares de luvas; uma pasta de plástico com louça; 5 tampões de roda de automóvel; 2 tampões de depósito de gasolina de automóvel; 2 porta-moedas; um bilhete de identidade; uma bolsa de cabedal; um sapato de criança; uma pasta de plástico; uma agenda; um corte de popeline; uma apólice de seguro; uma moeda de 10$00; uma cana para pesca, incompleta; uma luva de senhora; diversas chaves e um alfinete de fantasia.

Também no Sindicato dos Motoristas se encontram depositados os seguintes objectos: um cachecol; uma radiografia; uma pasta de cabedal; umas luvas de senhora; uma mala de viagem; um casaco de criança e uns óculos graduados para senhora.

— Está depositada, no posto da G. N. R. de Vila Franca de Xira, uma bicicleta motorizada, marca «Alpino», que foi encontrada abandonada nos arredores daquela vila.

— Um nosso companheiro de trabalho encontrou, ontem á noite, na Rua dos Caetanos, uma pequena mala de mão, contendo livros e outros objectos. Está depositada no «Diário de Lisboa» e será entregue a quem provar que lhe pertence.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

O PERIGO DOS CANDEEIROS DE PETRÓLEO — No Hospital de S. José, onde dera entrada há dois meses por ter sofrido queimaduras produzidas pela explosão dum candeeiro de petróleo, faleceu Clementina Marques, de 40 anos, de Pedra Furada, Montelavar.

QUEIMADURAS COM ÁGUA FERVENTE—Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada o menor de um ano Aníbal Manuel, de Sarilhos Grandes, Montijo, que sofreu queimaduras com água fervente.

DESASTRES DE VIAÇÃO — Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada Belarmina Martim Morais, de 72 anos, moradora na Rua do Arco do Cego, 92, 3.º, que sofreu fractura duma perna por ter sido colhida por um automóvel na Avenida de Roma.

No mesmo hospital recebeu tratamento José Gajeiros Frutuoso, de 33 anos, de Arruda dos Vinhos, condutor de automóveis e por um automóvel colhido na estrada de Queluz.

UM LOUVOR

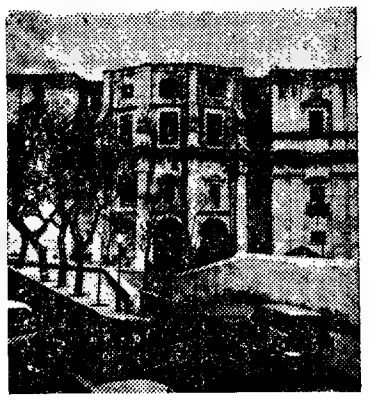
do subdirector da Polícia Judiciária

O subdirector da Polícia Judiciária, dr. juiz Rui de Matos Corte Real, louvou os investigadores que descobriram e prenderam a autora do crime ocorrido na Rua das Amoreiras, a que o «Diário de Lisboa» se referiu. Nesse louvor, em que se acentua a dificuldade da investigação, são postas em relevo as qualidades e zelo do inspector dr. Ricardo da Velha, dos chefes de brigada Figueiredo, Vítor Marques e Palma e de mais 11 agentes.

Associação Comercial de Lisboa

Na Associação Comercial de Lisboa (Camara do Comércio), o sr. prof. Moses Amzalak, presidente da assembleia geral, confere, depois de amanhã, ás 18 e 30, a posse aos corpos gerentes eleitos para o próximo exercício.

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA



SANTA ENGRÁCIA
(Sede da Junta — Calçada dos Barbadinhos, 36 Telef. 841816)

Partindo da margem do rio Tejo junto ao Largo dos Caminhos de Ferro, segue, por este largo, para Noroeste, e, depois, para Nordeste, pelo eixo da Rua dos Caminhos de Ferro e pelo da Rua da Bica do Sapato, até ao seu cruzamento com a Rua de Diogo do Couto; inflecte para Noroeste, continuando pelo eixo desta rua e pelo da Rua do Vale de Santo António, até á Rua do Dr. Jorge Leite de Vasconcelos; prossegue para Oeste, pelo eixo da Rua do Dr. Jorge Leite de Vasconcelos até cerca de metade do seu comprimento, junto ao prédio com o n.º 44 (que fica abrangido); do cunhal sudoeste deste prédio avança, em linha recta e para Norte, em direcção á esquina mais meridional do Refugio da Tutoria de Infancia (que se situa entre os n.os 74 e 76 da Rua da Bela Vista, á Graça); passa a contornar, por Leste e Norte, as instalações do mencionado refugio, seguindo pelas traseiras dos prédios do lado oriental da dita Rua da Bela Vista (da qual os numeros pares até ao n.º 74 pertencem a esta freguesia e os n.os 76 e seguintes á da Graça); ao atingir a Rua dos Sapadores inflecte, para Oeste, pelo seu eixo, até ao cruzamento com a Avenida do General Alves Roçadas; progride, para Norte, pelo eixo da citada avenida, até se encontrar com a via de ligação projectada entre a mesma avenida e a Avenida de Mouzinho de Albuquerque, que passa a Norte do quartel de Telegrafistas; continua, para Leste, pelo eixo da projectada via de ligação, a partir de cujo cruzamento com a Avenida de Mouzinho de Albuquerque prossegue, para Sueste, pelo eixo desta avenida (troço projectado e só em parte aberto), e, na mesma direcção, através das instalações dos caminhos de ferro, até atingir, em incidência perpendicular, a margem do rio Tejo; segue, para Sudoeste, pela margem do rio, até á altura do Largo dos Caminhos de Ferro; orienta-se para Noroeste, perpendicularmente á margem, e, depois de passar em frente da estação de caminho de ferro de Santa Apolónia, atinge o ponto de partida, no Largo dos Caminhos de Ferro.

*

Terminamos hoje a publicação, iniciada no dia 23 de Março, dos perfis das vinte e três freguesias da área actual do primeiro bairro da capital, estabelecida pelo decreto-lei 42.142 que determinou a nova divisão administrativa do concelho de Lisboa, criando mais dez freguesias e reajustando a divisão de hoje. Com descrição da área da freguesia de Santa Engrácia completa-se o conjunto das que constituem o primeiro bairro, com algumas indicações uteis para os paroquianos.

A-D-U-L-T-O-S

EXAMES 3.º E 4.º CLASSES

rápidos com todas as garantias L. Chão Loureiro, 1-2.º, Tel. 862244

Em AGUEDA o «Diario de Lisboa» é vendido no Café Jardim.

A ideia britânica de um «congelamento»

de forças e armas numa zona central europeia

foi defendida pelos representantes de alguns países

durante o Conselho Ministerial da N. A. T. O.

WASHINGTON, 4 — Os representantes dos quinze países membros do Pacto do Atlantico terminarão hoje a sessão do 10.º aniversário do Conselho Ministerial da N. A. T. O. com a publicação de um comunicado que proclamará a firmeza do Ocidente quanto á questão de Berlim, juntamente com o seu desejo de negociar com a Russia o conjunto do problema alemão.

Em 13 de Abril, o grupo de trabalho das quatro potências ocidentais estudará, durante a sua sessão em Londres, as linhas de orientação gerais estabelecidas durante a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros ocidentais que se efectuou nesta capital no princípio desta semana.

O grupo de trabalho apresentará, então, um relatório aos «quatro grandes», que conferenciarão de novo em Paris em 29 de Abril — 12 dias antes da reunião em Genebra dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Ocidente e do Oriente.

Todos os membros reconheceram que a responsabilidade do Ocidente no problema alemão é detida pelos «Três Grandes» e que a Aliança Atlantica, mesmo se certas divergências se manifestam ainda, os apoiará com a sua acção quando começarem as negociações com Moscovo.

O acordo está concluído sobre os princípios essenciais que devem guiar o Ocidente durante essas conversações, estando todos os ministros dos Negócios Estrangeiros convencidos de que a presença ocidental em Berlim deve ser mantida, a fim de garantir a liberdade dos cidadãos da antiga capital alemã. Estão também de acordo em que as vias de acesso a Berlim devem conservar-se abertas. As potências ocidentais deverão tomar as medidas convenientes para que assim aconteça.

Quanto a este ultimo ponto, os Ocidentais expuseram, durante o conselho, quais as disposições que estão prontos a adoptar na eventualidade dum corte do acesso a Berlim-Oeste, disposições que têm por base o artigo 51.º da Carta da O. N. U., que prevê serem justificadas as determinações de legítima defesa. (R. e F. P.).

A tese britânica de «congelamento»

WASHINGTON, 4 — Fontes diplomáticas disseram durante a noite que vários ministros dos Negócios Estrangeiros tinham instado na reunião do Conselho da N. A. T. O. para que se estudasse a proposta britanica de um «congelamento» de forças e armamentos numa zona central europeia.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros que apelaram para que se fizesse aquele estudo, concordaram em que uma libertação ou retirada das forças seria perigosa e conduziria á neutralização da Alemanha Ocidental Mas anunciou-se que teriam afirmado que deveria estudar-se a proposta de uma zona na Europa Central, em que houvesse uma limitação das forças e armamentos soviéticos e ocidentais e um sistema recíproco de inspecção. Acrescenta-se que todos esses ministros puseram em relevo que a criação de uma zona de limitação deveria ser ligada ao progresso dos problemas políticos referentes á questão alemã.

As fontes diplomáticas recusaram-se a identificar os ministros que pediram aquele estudo.

Sabe-se também que, durante a discussão, o ministro da Defesa do Canadá, Georges Pearkes, sugeriu que o Conselho Permanente da N. A. T. O. estudasse as possibilidades de um papel a desempenhar pelas Nações Unidas na aplicação de uma solução para o problema de Berlim.

A propósito, apresentou certo numero de pontos, como base para discussão, com o objectivo de chamar a atenção para os métodos por intermédio dos quais as Nações Unidas deveriam fornecer a estrutura de qualquer acordo das quatro potências sobre Berlim.

Esses pontos são: 1.º — O papel básico das Nações Unidas poderia ser a verificação de que todas as partes estavam respeitando os termos do acordo. 2.º — Uma parte essencial do acordo seria uma promessa soviética comprometendo-se ela própria e os seus associados a permitir inteira liberdade de acesso ao Ocidente de Berlim e a aceitação da presença das Nações Unidas nas linhas de comunicação. 3.º — Deveria ficar entendido que quaisquer responsabilidades das Nações Unidas no ocidente de Berlim seriam complementares dos actuais direitos e obrigações das quatro potências de ocupação.

Falando sobre o conjunto do problema alemão, o ministro canadiano manifestou a esperança de que, durante os próximos anos, haja maior cooperação ao nível técnico entre as Alemanhas Oriental e Ocidental. Acrescentou que poderia ser igualmente util que a proposta, originalmente feita pela Alemanha Ocidental, se tornasse realidade e fosse instituída uma Comissão Permanente para a Alemanha, encarregada de superintender e promover um progresso no sentido da reunificação. — (R.).

A política recomendada para o Médio-Oriente

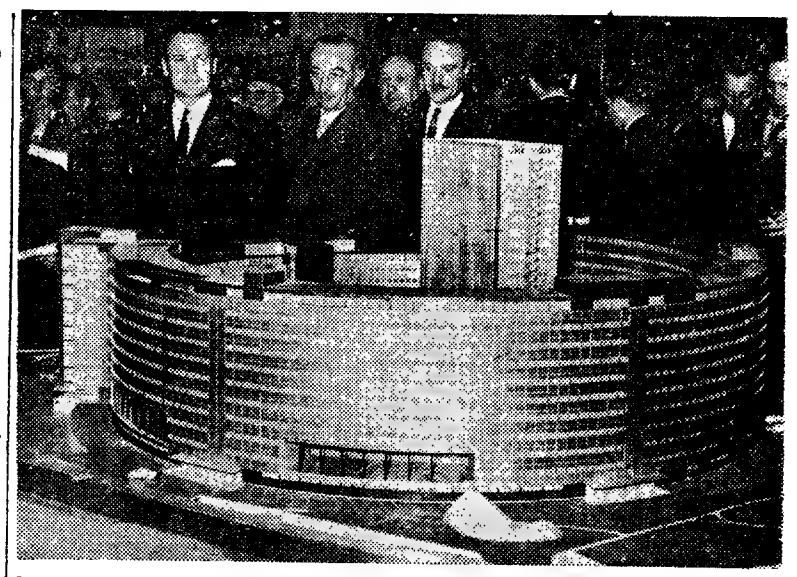
WASHINGTON, 4. — Dois pontos houve que marcaram o debate á porta fechada que práticamente encerrou ontem os trabalhos do Conselho de Ministros da N. A. T. O.:

a) — O acordo dos «15» para recomendar, quanto ao Médio-Oriente, uma política ocidental de prudência, baseada na assistência aos países decididos a resistir ás pressões comunistas, e não intervenção nos litígios entre os países árabes.

b) — Reconhecimento unanime da utilidade e eficácia de consultas políticas entre os membros da Aliança Atlantica. — (F. P.).

O sr. «H» avista-se hoje com Selwyn Lloyd

NAÇÕES UNIDAS, 4. — Dag Hammarskjoeld falará da questão de Berlim com Selwyn Lloyd, hoje á tarde, num jantar que sir Pierson Dixon, representante permanente da Brã-Bretanha na O. N. U., oferecerá ao secretário do Foreign Office na sua breve passagem em Nova York, durante a sua viagem de regresso de Washington a Londres. — (F. P.).



De linhas modernas e arrojadas, o Palácio da Rádio está a erguer-se em Paris, para satisfazer as necessidades cada vez maiores da radiodifusão francesa. A «maquette» que se encontra em exposição no Centro Nacional de Industrias daquela cidade, dá uma ideia da original concepção do edifício, em que foram considerados todos os problemas funcionais

Georges Bidault

homenageado em Dusseldorf pelas vítimas do regime nazi

DUSSELDORF, 4 — O presidente Georges Bidault teve em Dusseldorf um almoço «imperial». Convidado, como presidente de honra da secção francesa da «União dos Resistentes para uma Europa Unida», pela «Liga Alemã das Vítimas do Regime Nazi», foi-lhe oferecido no restaurante histórico «Schiffchen», construído em 1628, a ementa que Napoleão I, encomendou em 1811, no mesmo estabelecimento: um jarro de cerveja e um presunto pequeno, servido num prato de madeira.

Um representante da cidade de Dusseldorf e Wolfgang Mueller, presidente da «Liga das Vítimas do Regime Nazi», ofereceram-lhe depois edições de luxo.

Os benefícios da colaboração franco-alemã para o futuro da Europa, foram sublinhados nos discursos que Bidault e os seus anfitriões pronunciaram no final do almoço. — (F. P.).

FALECEU

o «internacional» Jeff Hall

LONDRES, 4 — O defesa internacional inglês Jeff Hall, que jogava na turma do Birmingham City, faleceu esta manhã no hospital de Birmingham onde havia sido internado há dez dias, por sofrer de grave ataque de poliomielite. Contava 29 anos. — (F. P.).

O torneio de xadrez de Bognor Regis

LONDRES, 4. — No final da terceira volta do Torneio Internacional de Xadrez de Bognor Regis, o jugoslavo Nikola Karaklaic passou para a frente da classificação geral com três pontos, tendo ganho todas as partidas que até agora disputou. Não há ainda nenhum jogador que tenha conseguido três vitórias. Os resultados registados ontem foram os seguintes: Karaklaic (Jug.), bateu Gereben (Suí.); Durão (Port.) e Reuben (G. B.), empataram; Attard (Malt.), bateu Evan (G. B.); Tanfield (G. B.), bateu Mazitis (Let.). — (F. P.).

A princesa Grace

foi operada com êxito

LAUSANNE, 4.—A princesa Grace de Mónaco foi operada ao apêndice, com êxito, hoje de manhã, numa clínica desta cidade, pelo dr. James Lehman, cirurgião de Filadélfia.—(F. P.).

RESERVAS DA A. F. L.

Os jogos de hoje

durante as 1.as partes decorreram com equilíbrio

Jogo na Luz, com razoável assistência.

Sob as vistas de João Banheiro, os grupos formaram:

BENFICA—Barroca; Nuno e Jurado; Cardoso, Hubmerto e Sidónio; Reis, Mascarenhas, Carda, Santana e Pedro Silva.

SPORTING—Carvalho; Peiroteo e Mesquita; França, Osvaldinho e Valente; Carlitos, Pompeu, Diego, Bispo e Cafum.

Os «encarnados» iniciaram a partida absolutamente ao ataque e imprimindo ao jogo uma velocidade diabólica. Por isso, as primeiras jogadas desenrolaram-se na grande área dos «leões», tendo Carvalho sido chamado a várias intervenções dificeis.

Foi, portanto, sem espanto que, aos 12 minutos, o Benfica abriu o activo, com um esplêndido golo marcado, de cabeça, por Reis. Os donos do campo insistiram, sem que, no entanto, aumentassem o activo.

Aos poucos, o Sporting apareceu mais ao ataque e, aos 26 minutos, num «livre» sobre o limite da grande área, Pompeu empatou. Daí até ao intervalo, a marca de 1-1 manteve-se, tendo F. Ferreira entrado para o lugar de Nuno, na equipa benfiquista.

Torriense—Estoril

TORRES VEDRAS, 4. — (Pelo telefone). — O jogo desta tarde, no campo das Covas, foi arbitrado por Mário Lopes de Almeida e disputado pelos seguintes jogadores.

TORRIENSE — Idalécio; Gilberto e Antunes; Belchior, Narciso 2.º e Batalha; Jerónimo, Herminio, Margaça, Aníbal e Mendes.

ESTORIL — Carvalho; Ferreiro e Albano; Beijinho, Brito e Palmeiro; atos, Gonçalves, Nogueira e Arnaldo.

A 1.ª parte despertou pouco interesse, dada a fraca exibição das duas equipas. Aos 28 minutos, Mendes fez um golo para a equipa local e com ele o resultado do primeiro tempo.

Oriental—Arroios

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema. Arbitrou Jaime Azevedo e os grupos formaram:

ORIENTAL—Soares; Siborro e Morais; Cordeiro 2.º, Alfredo e Silva; Luís, Adolfo, Duarte, Nogueira e Lourenço.

ARROIOS — Amaro; Costa e Agra; Peres, Quintela e Farrajota; Couto, oJsé Maria, Cardoso, Tomé e Roque.

Durante a 1.ª parte, os donos do campo desfrutaram de nítida vantagem territorial, desperdiçando os dianteiros inumeras oportunidades de golo, por apatia. Os visitantes, aos 15 minutos, contra a corrente do jogo abriram o activo por Cardoso, conseguindo os locais, o empate, aos 42 minutos, por Alfredo.

*

Em 2.ª TIRAGEM publicaremos os relatos dos desafios de futebol desta tarde.

O Dalai Lama

prossegue a viagem para Tawang

(Continuação da 1.ª página)

tes só lhe farão um convite nesse sentido, se tiver probabilidades de ser aceite. — (F. P.).

A jornada do Dalai Lama para o centro budista de Tawang

KALIMPONG, 4 — O Dalai Lama seguia hoje ao longo de um alcantilado desfiladeiro nas montanhas perto da fronteira do Tibet para o remoto centro budista de Tawang, onde se espera que chegue amanhã, juntamente com sua mãe, irmão, irmã e membros do seu Governo.

Naquela cidade, funcionários do Governo Indiano aguardam a chegada do «Deus Rei» do Tibet.

E' apropriado que Tawng seja a sua primeira paragem, após ter chegado com segurança a solo indiano, pois é o local onde está situado um dos maiores mosteiros budistas da India.

Daquela cidade, o Dalai Lama terá outra jornada de 15 dias para atingir a mais próxima via ferroviária, Balipara, que fica quase a 1.600 quilómetros de Nova Delhi.

Não existem aeródromos perto de Tawng, e helicópteros não podem voar a altitude suficiente para penetrar na área. — (R.).

Rumores de sublevações armadas na província de Sinkiang

PEQUIM, 4 — Parece que houve sublevações armadas na província do Sinkiang, de acordo com rumores sem confirmação, sobretudo no sector de Karghalik, ponto de partida da estrada que liga aquela província ao Tibet e que termina na cidade tibetana de Gartok. Ter-se-iam produzido incidentes identicos na província de Chinghai, paralelamente á estrada que vai de Sining a Lassa.—(F. P.).

As relações germano-britânicas

(Continuação da 1.ª página)

conservação esta que Bonn não aceita considerar «concessão» soviética, mas direito puro e simples. Por outro lado, o chanceler receia que a miragem da «confederação» seja tomada demasiadamente a sério nos Estados Unidos.—(F. P.).

Troca de mensagens

LONDRES, 4. — O informador do Foreign Office confirmou que o primeiro-ministro recebeu uma mensagem do chanceler Adenauer.

De acordo com notícias de Bonn, que as entidades oficiais britanicas se recusam a comentar, o chanceler respondeu a uma comunicação inglesa de 25 de Março, em que o primeiro-ministro tentava tranquilizar o seu colega alemão relativamente a certas intenções atribuidas á Grã-Bretanha (reconhecimento do regime de Pankow e criação de uma zona de limitação dos armamentos na Europa central). Crêem os comentadores diplomáticos ingleses que o chanceler federal não ficou inteiramente convencido com os argumentos britanicos. — (F. P.).

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Tel. 14
DOMINGO PASCOELA
Almoço Especial
5 — Ranchos Folclóricos — 5
EMENTA: Caldeirada á Fragateiro — Açorda de Savel — Pescada á Campino — Linguado á Moleira — Eirós á Pescador — Ensopado de Enguias — Peru á Camponeza — Dobrada á Portugues — Febras de Porco na Brasa — Grelhados Mistos á Salvaterra — Souté de Vitela, etc. etc.
Informações e Reservas em Lisboa Tel. 77320 (6 anos)

V. EX.ª DEVE PREFERIR O FAMOSO ASPIRADOR
RUTON
UMA PRECIOSIDADE NO LAR

VIELA
Celeste Rodrigues
SÉRGIO
BEATRIZ FERREIRA
Maria Silvestre, Adelino Santos, e Carlos Neves
RUA DAS TAIPAS

Veja se lhe convem...

HOMENS EM CONSERVA

Com certeza já todos viram uma armadura, pelo menos no cinema. Pois bem, o que talvez não saibam é que esse complicado «vestuário» possui segredos, terríveis segredos que será necessário revelar. Antes de aparecer a verdadeira armadura — aí por alturas de meados do século XV — os guerreiros defendiam-se por longa cota de malha e um elmo. Mas pelos especialistas podemos ver a que ponto as armaduras bem depressa atingiram extraordinário estado de perfeição: imitavam o trajo civil e recebiam, como este, a grande atenção de quem a usava. Não tardou que se tornassem verdadeiras obras de arte, cinzeladas, gravadas, incrustradas de prata, de ouro ou de pedras preciosas, conforme a fortuna ou categoria do guerreiro.

A evolução das armaduras deu-se a par das armas de fogo; conforme estas se tornavam mais poderosas e temíveis, tornava-se necessário aumentar a blindagem. E com a blindagem, aumentava, consequentemente, o peso do arnês. No século XV, uma armadura pesava 18 a 23 quilos; no seguinte atinge 35 quilos e até 42! No fim

(Continua na 3.ª página)

CRONICA DE LONDRES

POR

LUIZ DE SOUSA REBELO

Leitor da Universidade de Londres

Nestes dias luminosos de uma claridade peneirada e fina circula no ar doirado um hálito doce de Primavera. O verde dos parques é mais tenro e viçoso e os troncos altos dos sicómoros avivam-se de um castanho-escuro, levemente reluzente sob as folhas trémulas e brilhantes por onde se coam manchas de sol para as alamedas floridas. Nos lagos de água muito quieta, como uma chapa de metal polido, brincam, espelhados e sombras, breves reflexos dardejados que se perdem em escamas cintilantes junto ao rebordo baixo e redondo.

Londres desperta, por vezes, numa tenuidade diluida de bruma distante, fimbria da aurora que se esgarça num céu alvacento, onde longos dedos rosados alastram até tingirem o aro do horizonte de um carmim esbraseado. E de repente há um derrame de oiro fulvo por toda a terra, um delírio de luz sobre os telhados fuscos e sujos, arrancados de sobressalto á sua modorra triste.

Ao clarear da madrugada, quando pousa nas vidraças um tom alvadio, um passaredo oculto começa a pipilar timidamente nos beirais e nas ramadas reverdecidas das árvores defronte, e, por momentos, na cidade adormecida, abandonada áquele torpor matinal, nada mais se ouve que este gorjear bucólico.

Então Londres tem um ar candido e lavado de pastoral, como se se abrisse uma arca com brancuras de linho em dia de noivado, e é preciso sair dos «squares» ajardinados, com o seu cercado de arame, em cujo centro tufa uma massa vegetal veludosa, para reencontrar nos bulevares e nas avenidas o jeito conhecido da metrópole com o tráfego asmático, a multidão apressada e o cheiro acre do carvão queimado.

PRIMAVERA EM BRIGHTON

Mas o verdadeiro sinal da chegada da Primavera, o toque de clarim da sua anunciação, é dado em toda a Inglaterra pela glória doirada dos botões de «daffodils», belos narcisos de folhinhas brilhantes e loiras, muito espevitadas numa roseta alegre, que se balouça dormentemente num caulezinho tumido e delicado. Eles matizam os prados da sua cor de estriga, ondeiam ligeiramente tontos na brisa sussurrante por montanhas e vales, e insinuam-se, graciosos e espertos, nos jardinetes cuidados com amor, ou no vaso de loiça de alguma velha virgem a quem o crescer de um cacto ou o desabrochar de um «daffodil» trazem o alvoroço de uma maternidade longamente desejada.

Ligados aos molhos, aos montes, acumulados em scirões, ou atados

(Continua na página seguinte)

magazine

MARAVILHAS DO UNIVERSO — (2)

O NOVO PLANO SOBRE VIAGENS SIDERAIS

Recorda as técnicas de Colombo

por I. M. LEVITT (Director do Planetário Fels, de Filadélfia)
(Um exclusivo para Magazine)

Um homem de ciência já disse que um dia se viajará no espaço sideral da mesma maneira que Colombo na sua travessia do Atlantico.

Esta afirmação é inteiramente autorizada e digna de crédito. Se o leitor tem duvidas que veja esses aparelhos de quatro pás vulgares nas oficinas dos optometristas. São pequenos «motores solares»: como um dos lados das pás é negro, o Sol, ao incidir sobre elas, gera calor e a acção molecular cria um movimento que as faz girar. Eis um exemplo de como a energia solar se pode transformar em movimento.

A força assim criada é — presume-se — muito pequena. Devemos porém, ter presente que, longe da acção da atmosfera e da força da gravidade, um objecto lançado no espaço apenas necessita dum sopro para mover-se. Porque não bastará para isso a simples energia solar?

Quais são as condições necessárias para «navegar» no espaço sideral? A primeira — claro! — é a existência dum veículo que parta duma estação sideral e que gire em torno da Terra.

Velas de material plástico

Que espécie de material poderia usar-se nas «velas» deste veículo?

O dr. Richard L. Garwin, da Universidade de Columbia, Nova York, autor da ideia a que me refiro considera que tais velas seriam tão delgadas que trinta juntas, não seriam mais grossas que um cabelo humano?

Duas jardas quadradas destas velas pesariam cerca de uma onça!

A fim de duplicar a pressão que a luz solar exerceria sobre elas, levariam uma pintura de alumínio. A referida pressão seria suficiente para acelerar a nave sideral numa proporção igual a seis milésimos da força da gravidade na superfície da Terra.

Como exemplo, supunhamos um satélite «Vanguard» de vinte libras de peso e supunhamos ainda que o queremos elevar até uma órbita maior do que aquela em que já se move. Começamos por construir uma vela de 75 jardas de diametro, que se ataria ao satélite com cordas bem resistentes de dois mil pés de comprimento. Enquanto o satélite gira em torno da Terra e na direcção do Sol, a vela fica recolhida; quando, todavia, o satélite se afastar do Sol solta-se a vela e a pressão da radiação solar apressará o seu movimento e, desta maneira, ganhará ele maior altura.

Qual é a importancia do sistema do dr. Garvin? O leitor já o deve ter observado: será uma forma de se evitar o uso de combustiveis dispendiosíssimos que, ainda por cima, não correm o perigo de se esgotar.

Viagens veloxes

Mas outras vantagens existem. Por exemplo: uma viagem a Venus, utilizando combustiveis qui-

(Continua na ultima página)

FIGURAS DA VELHA LISBOA

O LIMPA-CHAMINÉS

por ALVARO BELO MARQUES

Das regiões nuas e pobres, onde os montes cobertos de neve ficam presos nas nuvens espessas, onde as pedras marcam extremas, onde os homens têm todas as virtudes e todos os defeitos porque são mais verdadeiros e menos civilizados, partem todos os anos alguns jovens em direcção ás grandes cidades. Pelas madrugadas frias e silenciosas saem dos seus apriscos e lançam-se aos caminhos, desgalgando a penedia, alguns garotos rudes, rumo aos grandes centros populacionais, convencidos de risonhas vitórias, em sonhos fundados em atoardas de serão longo, em que Fulano e Beltrano ficam ricos em poucos minutos de imaginação.

Em todos os países do Mundo é assim. Com ou sem saco ás cos-

(Continua na 3.ª página)

Diario de Lisboa

SUMÁRIO

O novo plano sobre viagens sidernis
DR. I. M. LEVITT

Burro por cavalo
ALFREDO BRÁS

Sacrifícios de carneiros
Benefícios de homens
MANUEL DO NASCIMENTO

Crónica de Londres
LUIS DE SOUSA REBELO

Os comedores de Rabanetes
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Fim de semana feliz
Cicerone
Crónica da Rua Humilde
MÁRIO CASTRIM

Homens de conserva
ANDEAS PADOVANI

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Verso reverso da semana
ALFA

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

com um sorriso nos lábios

A Primavera deu origem a vibrantes manifestações inspirativas e a comoventissimas cenas de saudade... dos «belos tempos» em que o Quintino andava cheio de ilusões e não tinha os cabelos grisalhos. Entre as manifestações inspirativas, levou a palma o nosso já habitualíssimo leitor, o sr. Francisco Maria Susano. Foi ele quem nos enviou as «Quinze rebentações da Primavera» e mais algumas rebentações suplentes que não publicamos por falta de espaço, claro está.

Eis o monumento:

PRIMAVERA!

— Que linda a Primavera!...

Rebentam as flores .. (sem serem de plástico!...)

Rebentam as seivas... (de pinheiro para a tosse!...)

Rebentam as nascentes... (divisa do Poço do Bispo!...)

Rebentam as fontes... (barrenta, fénica e a 3 mil reis o metro cubico!...)

Rebentam as árvores nos campos... (e a vida nas coisas!...)

Rebenta o dia mais cedo e a noite mais tarde... (enquanto não muda a hora!...)

Rebentam ervinhas, loureiros e pedrinhas «cor-derosa», do cimento armado do Metropolitano... (Vamos a ver!...)

Rebentam as frases de amor... (Que romantico!...)

Rebenta o botão do colarinho... (Apoplético!...)

Arrebentam-se muitas searas na Quinta-feira de Espiga (grande verdade!...)

Rebentam as moscas das estrumeiras... (aplique-se a «máxima» de Lavoisier...)

Rebenta o mar nos restos do «Hildebrand»... (milagres de engenharia!...)

Rebentam as borbulhas no corpo... (o mal dos nossos avós!...)

Rebentam os foguetões antes de chegarem á Lua... (incompreensivel!...)

Só não rebentaram os foguetes na Luz... (inconcebivel!...)

— ENFIM!... Até por coincidência, a minha Prima Vera tão querida... REBENTOU!

E' o destino.

Só falta acrescentar que rebentaram os CEM ESCUDOS NO BOLSO e o SORRISO NOS LÁBIOS (inolvidável!...) ao sr. Francisco Maria Susano, que tem que nos enviar a sua morada, pois embora acreditemos que este nosso correspondente seja célebre em toda a cidade (formidável!...) cuidamos que não basta disparar a massinha para Benfica sem designar rua, porta, andar e tudo o mais que nestas comoventíssimas cerimónias se requer. Cá ficamos, pois, aguardando, e PARABENS... (que grande «gentleman» ele nos saiu!...)

O sr. Silvestre Gaudêncio, nosso muito especial Amigo, não se esqueceu de nos enviar a sua habitual contribuição para manter entre os paisanos o sorriso nos lábios. E quase (é pouco, bem sei) que arrecadava a «notazita». Veja-se:

PRIMAVERA:

Para os novos — é uma passagem de nível sem guarda.

Para os velhos — é uma estação sem paragem.

Para certas mulheres — é o que as tascas são para certos homens: motivo de embriaguez.

A ultima perna do tripé é um pedaço facciosa. Porque não há-de a Primavera embriagar o... os certos homens? Até os velhos. Bem o diz o sr Mário Gonçalves Senna (custa a escrever os dois «enes»), de Lisboa:

PRIMAVERA—é a estação do ano em que muitos caem e muitos se levantam para cair.

E poucos dizem: nessa não caio eu ..

Poéticamente o mesmo tema é glosado pelo sr. Eurico Baptista, de Lisboa:

PRIMAVERA é alegria,
animação, alvorada!
No princípio, um tanto fria,
discreta, envergonhada...
Mas se á garota lhe dá
para aparecer de calção...
a mocinha é d'«abáfá»!
Não acreditam? — Verão! ..

Como os nossos leitores já terão reparado a estas horas, a Primavera é a estação das reticências.

Mas mudemos de inspiração. O sr. Luis Raul da Costa, também de Lisboa, pôs todos os seus altos conhecimentos farmacêuticos á nossa disposição. Muito obrigado e aqui deixamos a sua receita:

PRIMAVERA — é a melhor hormona.

Será especialidade farmacêutica ou pode aviar-se conforme as posses e as necessidades?

Próximo parente desta receita é o diagnóstico que nos envia o nosso indispensável colaborador, sr. E. Lass, de Coimbra:

PRIMAVERA é a estação que faz rebentar as flores e as borbulhas.

E' da mesma opinião do vencedor, o que significa que este devia compartilhar com ele, pelo menos cinco escudos da Taluda (filantropia!...)

A sr.ª D. Teresa de Moura Lapa (Armação de Pera) foi esta semana muito injusta para com o sexo contribuinte (nome que, nas repartições de finanças, dão ao antigo sexo forte). Diz esta nossa amável leitora:

PRIMAVERA — são três meses de céu na Terra. E só não é todo o ano por culpa de Adão...

(Há sinceridade nisso?)

A sr.ª D. Maria Fernanda Correia Lopes Senna, de Lisboa, inaugura a série turística dos concorrentes desta semana. Confessa que:

PRIMAVERA é a estação do ano em que eu gostava de desembarcar e ficar toda a vida.

A Primavera é que naturalmente não vai no bote e não se deixa embarcar. Por isso é que o contrário, o avesso da Primavera é a resignação. O sr. Alvaro Machado, do Porto, vai a caminho disso:

- PRIMAVERA — uma estação com dois «desvios»: o da Saudade, para os velhos, e o do Amor, para os novos

Ainda falando de apeadeiros, registamos a opinião da sr.ª D. Titina Gomes Simplício, das Caldas da Rainha:

PRIMAVERA — estação sem linhas e sem chefe, cujos passageiros são flores.

Lá fica o género humano fora das carruagens! Turismo para flores e nós a ver de longe Preferimos o depoimento que nos manda o sr. José Marques Beirão, de Alpedinha:

PRIMAVERA é um tempo de andorinhas indelicadas em que devemos dar graças a Deus por não ter dado asas ás vacas

Mas porque não havia de fazer esse jeito aos animalzinhos se já deu asas aos aviões? Repare o sr. Beirão que ao menos as vacas dão leite para toda a gente e os aviões só o dão para os accionistas.

Mas terminemos e muito comovidos. Do género «comovente» são estes dois depoimentos:

Para mim — desabafa o sr. Manuel Fraga Jor., de Lisboa — **a Primavera é a imagem sempre presente daquela jovem com quem convivi de perto, há quarenta anos, e que hoje não me reconheceria, se me voltasse a ver no Outono grisalho a que cheguei.**

Talvez tenha mais sorte do que eu que não convivi com a tal jovem e não chegarei ao Outono grisalho. A sorte sempre é muito madrasta! Tudo para uns, nada para outros

O outro depoimento é do sr. Jose António Cartaxo Vicente, de Lisboa Embaciam-se-me os óculos ao escrevê-lo:

PRIMAVERA é uma fase da vida por onde todos gostam de passar alegrando-se os jovens por nela estarem e entristecendo-se os velhos de a já terem passado.

Lá dizia o fado antigo: E tu passaste a correr, fizeste a minha desgraça.

Ora bem: o sr. Silvestre Gaudêncio propõe que para a semana venha a concurso a quente palavra

As respostas devem estar em MAGAZINE até ao dia 11 de Março (Magazine, Rua Luz Soriano, 44 a 48, Lisboa).

—*—

N. B.: O sr. Joaquim Eusébio, escreve-nos a dizer que oferece os CEM ESCUDOS que ganhou com a palavra LUA, aos nossos pobres. Muito agradecidos.

Eu não sei de vergonha como o conte!

Estas coisas são difíceis de explicar, tanto ou mais do que o sorriso de Mona Lisa, a *Gioconda*, que Leonardo da Vinci imortalizou no quadro célebre.

De facto, se me quiserem ver manietado pela vergonha, pela dor, pela duvida, é perguntarem-me *porquê*, morando em Lisboa há mais de vinte anos (tanto monta dizer, desde o berço que ainda aqui balanceou algum tempo) *porquê* desconhecia tão completamente o Castelo de S. Jorge.

Não sei que lhes diga.

Tenho um amigo cuja biblioteca lhe ocupa a maior área da casa. Os livros alastram seus tentáculos em todas as divisões, invadem a sala de jantar, o quarto de dormir, a despensa. E se o desejarem ver feliz ofereçam-lhe um livro: tempo utilmente empregado vem a ser aquele em que visita livrarias á cata da ultima novidade ou os alfarrabistas no encalço da ultima pechincha.

— Mas para que quer você mais livros! — pergunto-lhe eu, pacóviamente — Por muitos anos que viva já não deve ter ocasião de ler esses todos.

— Pois não. Eu sei isso — responde calmamente. — Mas não calculam o prazer que me dá saber que os tenho aqui ao pé de mim, fazendo-me companhia, vivendo comigo!

Aí está. Nós, alfacinhas de gema ou de adopção, somos um pouco deste feitio. Rica é Lisboa em panoramas, em beleza, em palácios e monumentos, em jardins e em Castelos de S. Jorge. Não os visitamos, porém. Basta-nos, como ao outro, saber que os havemos aqui á nossa beira, á mão, fazendo-nos companhia.

Entrementes, vamos sonhando com visitar as paisagens e monumentos que andam na boca do Mundo: *Capri, Nápoles* (e depois morrer...) *Versalhes, Escurial, Trafalgar Square*, sei lá!

Há dias tirei-me de meus cuidados e exclamei em voz alta, para me responsabilizar melhor: hoje é que vai ser! Hoje não escapo de visitar o Castelo de S. Jorge!

Como de facto.

Estava um dia suave, luminoso, um destes dias em que uma impalpável e levíssima neblina mais realça ainda as formas das coisas. Não corria a mais ligeira brisa e só isso me impede de falar em dia primaveril. Não é bem da Primavera que gosto, com seus ventos desaustinados e juvenis, arremessando sonhos, ilusões e sementes para onde quer que note um dedal de terra, mas também incomodando-me, provocando-me asma. Do que mais gosto são destes dias que precedem a Primavera, em que a luz se combina com o ténue «smog» para dourar os sonhos e a paisagem.

Quando cheguei ao cimo do castelo, foi um deslumbramento maior do que sempre imaginei — e isto avalia-se melhor se soubessem a minha imaginação cobre sempre o ultimo lanço da realidade...

Dele, da sua varanda, é como se conquistássemos Lisboa novamente. Nada nos esconde. Nem os prédios modernissimos da parte nova da cidade, bizarramente coloridos como as amêndoas sortidas, nem as velhas casas que se agarram com unhas e dentes nas vertentes das colinas. Os sítios familiares, com que convivemos desde que viemos ao Mundo, ganham novas perspectivas como se estivéssemos vendo *a outra face* — aquela que a distancia aproxima...

Era intenso o tráfego no rio. Vaporzecos desciam-no e subiam-no, trabalhosos e felizes como gente. Fragatas adornadas carreavam sal e mantimentos para o barco grandalhão instalado a meio do Tejo. No

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da página anterior)

em ramalhetes devotadamente acamados, eles atravessam a cidade em camionetas, espalhando no ar sereno um oiro líquido, levantando á sua volta uma agitação e um gosto de aventura como uma bandeira que passa a estralejar ao vento. Adornam, depois, em arranjo sábio, as vitrinas das floristas, aparecem numa botoeira elegante, repousam no regaço de uma mulher delicada, alegram a frescura de uma jarra clara e murcham, num abandono pálido, na mesinha de cabeceira de um hospital á hora das visitas.

Nesta poeira doirada que nos envolve não há duvida de que a Primavera chegou! Ela aí está ao abrir a janela á lufada do ar macio da manhã, quando todo o Londrino sente uma saudade daquele azul alto e limpido visto entre bosques, ou espelhado na vaga azul a rolar contra um areal de prata! Então tomado de uma decisão pronta ele atira á pressa alguma roupa para dentro de uma maleta, ou afivela uma mochila ao lombo, e, de calções, abala para os condados risonhos e para a costa solarenta, picada da ressalga forte do largo.

Aqui ao pé da porta o grande escoadouro de Londres é o porto de Brighton. Densamente povoado tem-se alargado como uma grande colmeia, serpeando ao longo do Canal da Mancha em dobras suaves, que desafrontam sobre o mar numa esplanada ampla. O casario apinhado e regular funde-se numa linha uniforme, a que se juntam, como pontos de sutura, pequenos burgos destituidos de antigas diferenças e contrastes locais.

A praia de banhos desdobra-se como uma imensa esteira de calhaus rolados, delimitada de Leste a Oeste por dois gigantescos pontões, onde gira um mecanismo velho de pavilhões de feira, barracas de tiro, cavalinhos, e caixinhas de imagens que, por umas placas de cobre, mostram uma nudez de mulher.

A turba vinda da capital enxameia todo o recinto, estonteada com a balburdia do vozerio, das maquinetas e da musica roufenha dos alto-falantes, ou enche os barcos de recreio, atracados num gingar molengão a um cais de madeira, donde pendem linhas de pescadores, que fumam pachorrentamente o seu cachimbo. Magotes de gente invadem as cadeiras de lona da esplanada, enquanto na linha de água alvejam corpos num espadanar furioso de espuma. Pela tarde todo este formigueiro, agradàvelmente derreado, regressa lentamente a Londres, e deixa o imenso balcão em frente ao mar numa solidão derrotada, com duas luzinhas imóveis e tristes nos pontões desertos.

Tal é o lado popular de Brighton detestado pelos residentes grão-finos. São eles velhos coronéis reformados, após anos de leal serviço nas possessões do Império, viuvas ricas, directores de companhias, artistas famosos, gente de luxo e dinheiro em busca de um refugio confortável e descansado. Constituem uma aristocracia local dos condados do Sul, com o seu «cachet» próprio, que mantém uma aura de grandeza recatada, dando as suas saltadas a Londres para jogar na Bolsa, ou vigiar os negócios num escuro gabinete da City. Vivem em bairros asseados com fachadas nobres de um branco creme e varandins de pedra, que contrastam singularmente com os blocos de habitação de tijolo enfarruscado. As suas pracetas dão mesmo uma ilusão tropical, com cascudos troncos de palmeira destacando, ao fundo de um declive suave, contra a barra muito azul do mar sereno.

No entanto Brighton tem também a mancha nocturna e sinistra dos «gangsters» á Graham Greene, dos bandos armados de laminas de gilete numa «vendetta» cobarde de dez contra um. Mas isto são dramas da esplanada, terra de ninguém, onde a elegancia duvidosa de um aventureiro se acotovela com o aprumo honesto de um «gentleman», e a mais candida «miss» recebe um olhar canalha. Ali é a parada do Mundo, camarote sempre em festa de uma comédia de enganos, mais tumultuoso e bulhento, em noite de corridas, nos hotéis da Praia, onde agora, pela Páscoa, se esbanjam em glória os ganhos das apostas dos cavalos.

Os hotéis, esses, bem conhecidos da crónica mundana, guardam ciosamente o segredo de um belo romance de Primavera e uma história de amor de todas as estações. Sob esta doçura assetinada e azul do céu, os olhos das raparigas tomam uma quebreira muito terna, cheios de uma promessa que sobe da alegria fresca dos vestidos claros. O sortilégio da tentação é demasiado forte e há namoros que, fugidos ás convenções dos homens, escondem a sua paixão por um fim de semana num quartinho alugado em Brighton.

E' uma cerimónia simples e breve. Ela muda o anelzinho de dedo, revirando o camafeu, o que vale por uma certidão em regra, e ele assina o livro de registo com um pseudónimo. O diabo é se, amantes inexperientes e falhos de imaginação, decidem selar essa noite de nupcias com o nome fatal de Smith. Os Smiths são como os nossos Soares e Antunes; há centenas, milhares deles em todo o reino, e o estratagema tem sido utilizado tantas vezes que Smith se tornou um personagem lendário. Por isso vê-lo aparecer levanta as mais negras suspeitas ás recepcionistas de hotel!

Mas nem todos os romances se redimem da aventura. Brighton habituou-se a ver todo o ano uns velhotes ajanotados, uns dandis de lapela florida e tez baça, cor-de-castanha pilada, que passeiam belas criaturas de ancas fortes e sinuosas com ar ostensivo de Brigitte Bardot. São os «sugar-daddies» — «papazinhos de açucar» —, quezília e raiva dos moços pobres da esplanada, que não perdoam aos dignos sujeitos o prazer caro de um luxo de raça.

Ah! A vida é dificil para estes, os amantes sem dinheiro, sem um carrito, ou uma lambreta que os leve aos altos rochedos cavados a pique e lambidos nas faldas pela babugem esverdinhada do mar. Só lá no alto se encontra o encanto de um balcão de Verona com aquela lua leitosa a escorrer um rastro metálico na mole crispação das ondas! Os outros terão tudo isso, mas a eles nada mais lhes resta do que um compartimento vazio no comboio, onde se dêem vagas carícias para recordar a doçura deste dia de Primavera, que se cerra lentamente, num ultimo fogacho de oiro, como uma pálpebra pesada de sono.

Março, 1959.

LUIS DE SOUSA REBELO

O LIMPA-CHAMINÉS

(Continuação da 1.ª página)

tas, partia de Saboia, todas as Primaveras, um rancho de rapazio que ia a Paris enriquecer... limpando chaminés. Da Galiza partem todos os anos alguns jovens rumo a Lisboa, dispostos a conquistá-la pelo churrasco e pelos bem condimentados refugados — já que talvez seja a unica maneira actual de a conquistar.

Por cá se vão ficando, entre patrícios e amigos, correndo várias profissões. Também algumas províncias portuguesas exportam jovens — pois que outra coisa lhes seria difícil exportar —, que aqui se fixam.

Nos mais diversos mesteres, a sua profissão base é limpar o esterco dos outros. Vêm como homens e ficam-se como servos. Limpam automóveis, ruas, chaminés, sargetas, o chão das fábricas e das tipografias, limpam os vidros e, alguns mais afortunados, limpam os balcões com as mangas da camisa, chegando até um dia a não o fazer, visto a camisa já não ser remendada.

O limpa-chaminés, indivíduo até há bem pouco tempo utilíssimo á sociedade, é um intruso simpático. Até as crianças, temendo talvez a cara e o fato cobertos de fuligem, sentem, contudo, uma grande atracção por eles — é o homem que vai para o telhado, uma espécie de «clown»; é o homem habilidoso que grita pelas chaminés, levando consigo uma corda e um caricato vasculho. Aquela figura negra tem o condão de contemplar a cidade do alto das casas, vendo passar os pequeninos homens bem vestidos pelas calçadas e ruas distantes. E' estranha a cidade vista de um telhado! E' angulosa, interrompida, colorida e calma. Os gritos, as buzinas, o «bruáa» da cidade chegam amortecidos. A aragem é vento e o Céu está mais próximo. Há o Sol que bate completamente, sem sombras esguias e esfumadas.

Aquela figura negra está mais alta quando trabalha, mais distante, mais independente. Talvez as crianças «sintam» estes factos quando olham admiradas para o homem de baraço e vasculho, que sobe aos telhados.

A corda começa o trabalho. Depois regressa e utiliza o vasculho. E, a pretexto de uma higiene duvidosa de momento, leva consigo um brinde material e deixa nas crianças do prédio algumas interrogativas quase formuladas e uma estranha e simpática admiração.

Era assim que eu os via há longos anos já.

Agora, aquelas modestas profissões vão rareando. Já há poucas chaminés sujas. A electricidade e o gás substituiram o carvão e a lenha.

Os limpa-chaminés são já poucos. Só raramente se vêem aos pares, correndo pela cidade. O seu grito «amanhã há limpa-chaminés» já não se ouve com tanta frequência. Batem agora modestamente ás portas do meu bairro e, apesar da recusa, apesar de já não ser necessárias a limpeza, voltam no dia seguinte e... é como se tivessem feito todo o trabalho! As donas de casa reagem como há trinta anos: a gratificação não se faz esperar — atendendo, claro está, ao tal pretexto de uma higienização flagrantemente á vista.

A figura desaparecerá por certo. Todas estas figuras desaparecerão para melhor valorização humana. Mas... deixam saudades boas. São recordações da nossa meninice.

O limpa-chaminés já não se recortará no Céu. A figura preta e belamente caricata, enviando cordas e gritos pelas chaminés dos prédios, deixará de existir.

Dentro de alguns anos as crianças não saberão o que era um limpa-chaminés, e nem sequer acreditarão terem existido homens que limpavam, por ofício, as chaminés aos outros homens.

Armadura de Henrique II de França

(Continuação da 1.ª página)

do reinado de Luís XIII atingem 82 quilos de peso. A armadura de combate é muito semelhante á de torneio — apenas é menos luxuosa, embora apareçam cavaleiros com um estadão de armadura muito semelhante ao usado nas liças cavalheirescas. Uma armadura vulgar comporta 80 peças; e as mais aperfeiçoadas vão até 250. As armaduras dos torneios eram ainda mais pesadas que as de guerra, pois eram destinadas a aparar os pesados galpes das enormes lanças ou das massas de dura madeira com que pelejavam os senhores fidalgos medievais. Só a armadura da cabeça pesava 19 quilos! Este elmo ou capacete, era cilindrico ou apresentava a forma de cabeça de pássaro, ligado com a restante armadura, fazia um todo, permitindo que a cabeça do cavaleiro se movesse livremente.

Claro que os homens de armas, depois de tão pesadamente equipados, não se podiam mover á vontade, nem descer ou subir para o cavalo sem ajuda do escudeiro. Mas se esta vestimenta representava uma defesa para o combatente — e admira como tão defendidos podiam ser atacados — era também uma ratoeira. Uma vez caído por terra, o cavaleiro ficava á mercê do inimigo; e os interstícios ou fendas das armaduras permitia que o adversário atingisse, por eles, o desgraçado.

Não é só o aspecto artístico que nos pode interessar nestes «trajos» de combate; eles trazem até nós pequenas histórias que, sem eles, não teriam ficado na História. Podemos saber o talhe exacto dos reis ou dos nobres, cujas armaduras nos ficaram. Assim é-nos permitido dizer que Frederico I era um verdadeiro gigante; media 1 metro e 95 de altura numa época em que a média se mantinha pelo metro e 60. Além de alto, Francisco I era corpolento — 1,25 de peito, 1,7 de anca e 0,40 de joelho. As pernas atingiriam, hoje, o esterno de um homem médio. E não podemos duvidar destas medidas, pois as armaduras eram fabricadas com extremo cuidado, para que não molestassem quem as vestia.

O amor de Henrique II por Diana de Poitiers ficou revelado na armadura deste monarca, decorada com H e C — sendo o C o crescente de Lua, emblema de Diana E para que não pudesse confundir-se com sua esposa, Catarina, lá estavam os distintivos da preferida e as suas cores.

Luís XIII ordenou o uso de uma armadura antiga que mal os protegia dos golpes inimigos e com a moderna táctica tornada verdadeiramente poderosa. Sempre que podiam, os cortesãos despiam-nas e lançavam-nas nos fossos; não só eram inuteis como até perigosas. Seu filho, Luís XIV nunca vestia a dele, que achava pesada e feia, embora a gravação fosse maravilhosa. Por ela podemos ver que o rei era baixo: 1,59 (para ter a majestade que o berço lhe recusara, usava saltos de 5 cms. e uma cabeleira de 20!). Neste reinado morre o uso da armadura, embora noutros países da Europa ela chegue ao ano de 1800.

As próprias crianças tinham as suas armaduras-miniaturas, com que aprendiam a pelejar. Algumas mulheres, como Isabel, a Católica, usaram também armaduras, e até os animais reais gozaram do privilégio de se defenderem como os seus senhores, usando uma cota de malhas que não raro, terminava por um gracioso penacho.

A Renescença emprestou-lhe uma elegancia grande, estreitando o busto, arredondando as ancas, arqueando o peito. O imperador Maximiliano, usava as armaduras compostas de peças móveis e ornadas de caneluras estreitas que desviavam os golpes inimigos. Mais tarde, o luxo degenerou em estranhas decorações — bigodes e barbas façanhudos, grandes narizes, caras mefistofélicas — que pretendiam, talvez, amedrontar os antagonistas, figuras heráldicas ou animais de fabula.

FIM DE SEMANA FELIZ

(Continuação da página anterior)

cais, guindastes levavam e traziam dos porões, como quem brinca, pesos descomunais. Longínquamente, um paquete saía a barra, deixava após si um rasto de fumo como uma bandeira negra de saudade.

Isso, fora. Porque por ali, nos terraços e ameias, nas ruínas douradas e romanticas e ermas, pares de namorados tomavam céu e mar por testemunhas de seus transportes e juramentos. Que cenário melhor o amor sonhou?

Leitor amigo! Para o passeio de amanhã, o conselho aí fica. Não te arrependerás. Segura bem na tua a mão da companheira e passeia tua felicidade, aumentando-a, pelos terraços e jardins suspensos do Castelo de S. Jorge. E tu, leitor da província, quando vieres a Lisboa manda ás urtigas os divertimentos vulgares e sabidos em qualquer urbe mentirosa e cosmopolita; toma o caminho difícil que te leva lá, onde Lisboa — e quiçá Portugal — nasceu a sério.

Muitos hão-de rir deste conselho. Receitar Castelo de S. Jorge parecer-lhes-á quase tanto como aconselhar aspirina para dor de cabeça. E os que mais riem hão-de ser, por certo, os que o desconhecem...

CICERONE

CURIOSIDADES

Cientistas americanos conseguiram enxertar um buldogue numa tartaruga. Eis o primeiro resultado

O «TESOURO NACIONAL»

O «tesouro nacional» polaco que tanta tinta fez correr durante e depois da ultima guerra, acaba de seguir o caminho do regresso á Pátria...

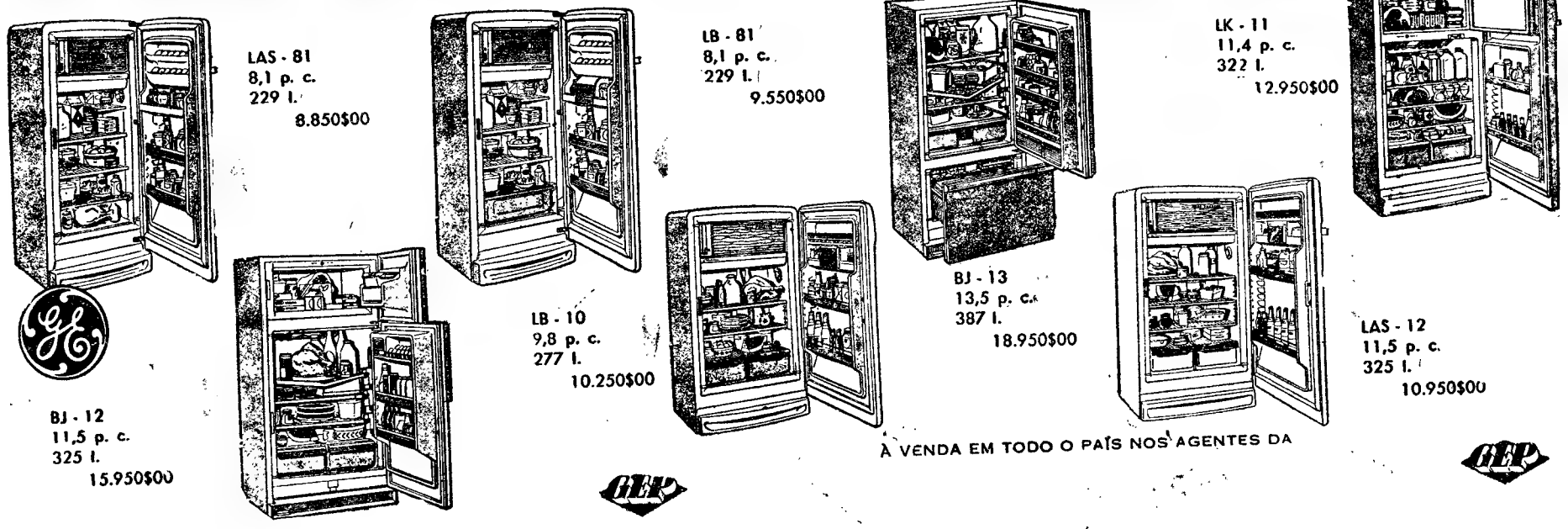
Como se sabe, muitas e preciosas obras de arte foram evacuadas do Castelo Real de Cracóvia em 1939, quando as tropas nazis se aproximavam. Protegido pelo amor de um punhado de heroicos combatentes, o «tesouro nacional» seguiu para o Canadá onde permaneceu uma parte, nas caves de um banco, outra parte num museu de Quebec.

O Governo canadiano recusou-se a entregar o tesouro artistico («o Tesouro Nacional») aos representantes da Polónia. Esta interpôs acção no tribunal internacional de Haia, sem qualquer resultado.

Foi então que os imigrados polacos no Canadá intervieram junto do Governo desse país no sentido de permitir que o «tesouro nacional» regressasse á Pátria.

Esta atitude vem como consequência da política de apaziguamento levada a cabo pelo Governo polaco de Gomulka. Os refugiados polacos no estrangeiro foram autorizados a entrar no país ou a serem visitados pelos membros das suas familias.

Para comemorar a entrada do tesouro nacional no Castelo Real de Cracóvia, serão levados a cabo na Polónia festivais artisticos entre os quais um grande concerto em que participará o célebre pianista polaco, exilado em Londres, Witold Malcuzynsky.



REPORTAGEM DE MAGAZINE

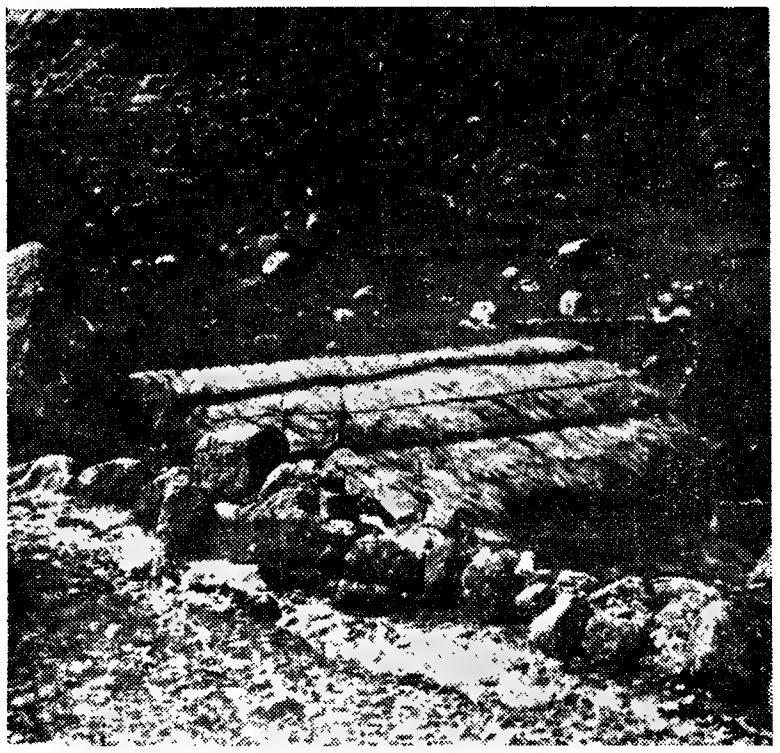
sacrificios de carneiros

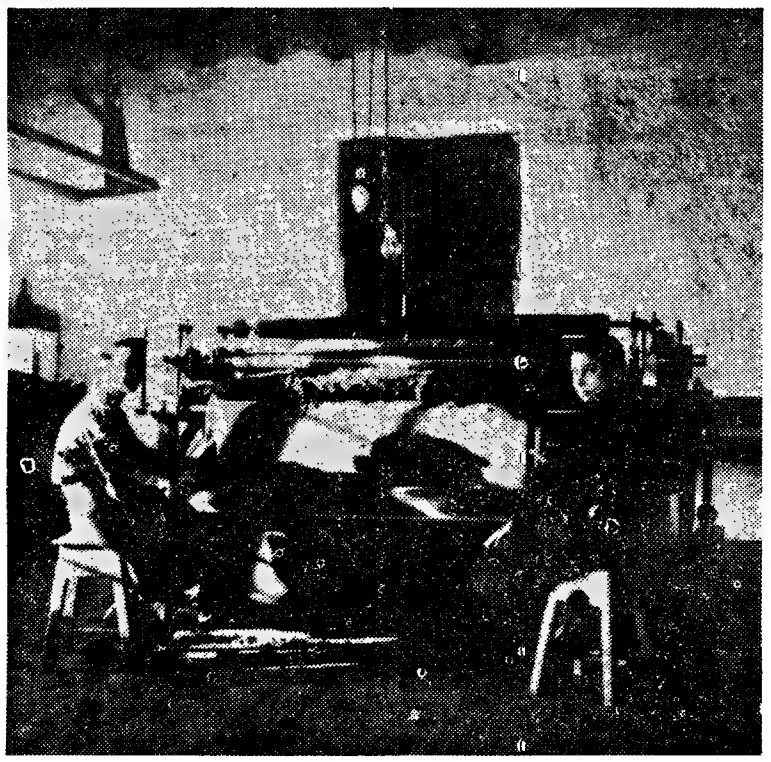
BENEFICIOS DE HOMENS

Aquela lançadeira, cheia de fio, vai saltar de um lado para o outro, cruzando-se e entrelaçando-se com as linhas da teia. Fixe bem. Neste preciso constante de lançadeiras vão crescendo, em centímetros, os panos tecidos.

Uma pergunta para si, senhor das pantufas e dos gestos medidos: Mandaria cortar, tal qual o tecido sai dos teares, um desses casacos com que passeia, nas tardes primaveris, no seu imprescindível Chiado? Pense bem e não diga que sim! Lembre-se que ainda não chegámos ao fim da meada.

Passe a mão por este pano. Uma estrutura laça, não lhe dá a impressão de que irá desfazer-se? Não o acha áspero? E o que diz ao entrelaçado, perfeitamente visível? E





Pode bocejar á vontade, pode respirar fundo. Para chegarmos ao fim só falta a vaporização, só falta levar o tecido á «calandra». A vaporização empresta ao pano, o seu brilho característico e a calandra não é mais que uma prensa contínua, um grande cilindro de ferro fundido, brilhante e perfeitamente polido, em que o vapor entra por um dos extremos e sai pelo outro.

Agora, Maria José, senhor das pantufas e dos gestos medidos da cidade, poderão mandar cortar o tecido da vossa predilecção. Só lhes peço que ao olhá-lo lembrem os pastores e a sua vida dura, as suas casas com telhados de colmo, as suas angustias pela perda dos animais que têm á sua guarda; que lembrem os milhares de homens e mulheres que, desde o fuso e da roca, desde os teares manuais, desde os velhos pisões lutaram e lutam para vesti-los.

Quer estejamos no alto da Serra da Estrela, na Nave-de Santo António, nas planícies sem fim do Alentejo, nos campos rasos da Idanha, seja onde for que vejamos um rebanho de carneiros, desses animais a que despem forçosamente para nos vestir, lembremos o sem numero de sacrifícios, de dores, de desejos recalcados contidos na factura desses poucos metros de tecidos com que cobrimos o corpo, lembremos o muito que devemos aos outros homens.

Você Maria José escusa de me olhar com esses ares fingidamente reconhecidos. A mim, nada—a não ser a estopada de me acompanhar. Se neste arrazoado encontrou alguma coisa de util agradeça-a ao inválido que me ditou estes apontamentos rabiscados á pressa. Uma engrenagem mastigou-lhe todos os dedos da mão direita. As próprias máquinas que ele afagava com o carinho dum amante enternecido expulsaram-no da fábrica.

E' bela a sua camisola bordada, Maria José. Sei que gosta dela. E mais gostaria se compreendesse a vida daqueles que lhe proporcionaram o conforto de usá-la.

por

Manuel do Nascimento

ao cheiro dos óleos? Nesse Chiado galante, se se atrevesse a vestir-se com um pano assim tomá-lo-iam, não pelo «dandy» que julga ser. Chamar-lhe-iam talvez azeiteiro.

—Para onde vamos?

Porquê essa pergunta de menina apressada? Calma, Maria José! Espére. Por esta porta. Olhe em frente. Nem sombra de máquinas complicadas. Estas operárias marcam, medem, cerzem e tiram fios de forma a que desapareçam todas as imperfeições.

—E o cheiro do azeite?

O senhor, com esse ar incrédulo, vê-se que ficou terrivelmente impressionado. Uma simples lavagem o fará desaparecer. Também nos livraremos das substancias aglutinantes que deram consistência á teia. O que se chama matar dois coelhos de uma só cajadada.

E aquilo? Aquilo tem nome: são os pisões. O pisoamento aproveita de uma das possibilidades da lã—a feltragem. Entram agora em acção dois agentes físicos. O calor e a pressão. Os tecidos, depois de pisoados, ficarão com mais «corpo», maior resistência.

Na secção de tinturaria vão as fazendas continuar o seu calvário de etapas ate ao embelezamento. Mais uma correcção de defeitos e, depois, nova carbonização. O fim é o mesmo do trabalho afeito á massa dos velos, o mesmo banho de água acidulada em barcas especiais, o mesmo ataque ás substancias vegetais.

O que diz você, Maria José, a esta amostra de fazenda acetinada. Que belo casaco de Inverno. Este aspecto deve-se á «perchagem». Levantar o pêlo, deitar o pêlo, torná-lo mais espesso — é trabalho para as «perches».

Estamos agora em frente de uma tesoura mecanica. Uma lamina de aço fino e um cilindro guarnecido de dez navalhas dispostas em hélice. Repare na rapidez com que o pêlo é levantado e cortado.

Isto cansa, sei-o bem. O senhor?

DESVENTURAS DUM FLAMENGO NOS

OS COMEDORES D

Deixámos na semana passada o grande humanista Nicolau Clenardo, mestre de latim do futuro cardeal D. Henrique, ás voltas com o barbeiro. Nunca, em dias da vida, ele supuzera que pudessem existir barbeiros com prosápias de fidalgos. Aí os tinha, e em Portugal! O pior, contudo, ainda estava para vir. Só agora encontra explicação para um facto que, logo de princípio, o impressionou: na península Ibérica são em muito maior numero os barbados do que na Flandres. Pudera! Com barbas por

POR

AUGUSTO DA COSTA DIAS

este preço e navalhas em tal preparo poucos terão coragem para viver escanhoados. A lamina rombissima com que o barbeador lhe monda a barba fere tão estranha melopeia de finados, que Nicolau Clenardo cerra a vista e espera chegados os seus ultimos dias. As lágrimas debruçam-se-lhe nos olhos; aperta as pálpebras heroicamente, para não dar parte de fraco, mas o trilhar dum pêlo arranca-lhe um grito e atira-lhe com a lágrima pelas faces a baixo. O tosquiador nem sequer lhe pede desculpa. Ah!...

Quando a função termina, o bom do flamengo sopra um suspiro: enfim, escapou! Claro que semana após semana acabará por se habituar... De resto, tem muito a que se habituar. No seu país, na boa cidade burguesa de Diest e em todo o Brabante, um filho de seu pai aprende sempre um ofício: ou das letras, ou das artes, ou mecanico, ou dos negócios. Mesmo quando explora o trabalho de outrém, não se abandona aos ócios: desenvolve actividades económicas, é agente de progresso. Aqui não! Clenardo muitas vezes recorda o enorme espanto que o embasbacou ao chegar pela primeira vez a Évora, nos finais do ano de 1533: o burgo estava pintalgado de profusa população de cor — escravos negros ou mouros. Nunca tal vira! Para que servia tal gente?

Poucos dias depois, começa a perceber; ou julga ter percebido. Como quer que seja, Clenardo pensa o seguinte: o Português não quer trabalhar; trabalho é bom para o preto! Desta forma se convence da sua superioridade racial: é um dos povos nobres da terra; povo feito para dominar; para ter quem trabalhe por ele. Numa cidade como Lisboa — fantasia o brabantino — haverá mais escravos e escravas de que gente livre. Espreitando o negócio chorudo, ricos filantropos montam fábricas de escravos—para o que sustentam inumeros casais de negros — e arrecadam fartos lucros com a venda das crias.

Comentando o caso, em carta a seu querido mestre de Lovaina, Látomo, o nosso flamengo diz («Clenardo e a sociedade portuguesa do seu tempo» pelo dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal-patriarca de Lisboa, pág. 282): «Chegam-me a parecer que os criam como quem cria pombas para levar ao mercado».

Fortes coisas, estas! Clenardo pe-

de ao mestre que não deixe transparecer estas notícias. Se os Portugueses as conhecessem, não lhe perdoariam, decerto.

Como sempre, Clenardo confunde a nobreza, o clero e os extractos sociais que vegetam á sua roda com o camponês — todo o santissimo dia dobrado sobre a terra — ou com o homem dos ofícios. Confunde, além disso (e há que desculpar-se-lhe, pois ainda hoje lhe repetem o erro...), atraso social com mandria. A falta de industria artesanal no nosso País não representava desamor pelo trabalho, mas atraso económico. O homem de Diest vinha dum país onde o capitalismo já tinha uma passada firme e, por artes de berliques e berloques, caía no meio duma sociedade ainda fortemente estruturada no feudalismo, em que as classes dirigentes, por isso mesmo, não era a burguesia mas a nobreza — tanto laica como clerical. O produtor de mercadoria — o camponio ou mesceiral — além de constantemente sangrados pelos impostos dos senhores ou do Estado (a caminho da bancarrota e sempre a lançar achas materiais e humanas nas guerras

Crónica da Rua H

Lição para os mais novos

A noite tarda a descer sobre a Rua Humilde. Sem nenhum obstáculo ao poente, que lhe impeça a chegada do Sol, o ultimo olhar deste é para a rua mal ferida tal como os pais que na hora de partir guardam a ultima recordação para os filhos desgraçados...

Tarda a descer, mas quando o faz é com acinte, mete-a no saco com um golpe certeiro e rápido. Deixa-lhe apenas dois oasis de luz mortiça, um á entrada, outro mais para diante, junto á porta da casa que foi do João Caldeiro.

Muitas habitações não estão ainda electrificadas. Manda o candeeiro a petróleo. Por isso, os homens mal engolem o ultimo bocado do jantar, por aqui me sirvo, em direcção á Academia.

Ontem, depois do jantar, o estivador convidou-me a visitá-la. Fui.

A Academia fica instalada num prédio de construção antiga com rés-do-chão, primeiro andar e sótão. No pavimento inferior há a sala da direcção, com o retrato dos fundadores, busto da Republica, uma vitrina onde se guarda o diploma de benemerência; uma outra sala, de reduzidas dimensões, chamada a «Sala das Relíquias»: objectos oferecidos á Academia por grandes homens já desaparecidos, autógrafos, medalhas ganhas nos primeiros tempos. Entre essas medalhas existe uma, enegrecida já, onde se destaca a cabeça nobre de um cão, cujos olhos doces conseguiram vencer a mordaça do zebre. Ao lado, nas costas de um cartão de visita, a tinta castanha, lê-se: «Medalha deixada á Academia por vontade expressa do morto, sr. Joaquim Tavares que a ganhou por ter arriscado a vida no salvamento de um cão. O sr. Joaquim Tavares oferece-a, em especial, aos sócios mais novinhos e aos filhos dos sócios».

Também no rés-do-chão fica a sala de espectáculos, o teatro, de que falaremos um dia com mais vagar.

No primeiro andar instalaram a sala de jogos, que o ocupa quase todo. Dois bilhares, um pingue-pongue, um jogo de futebol. Conta-me o próprio Marcos, o estivador, que há dois anos apareceu lá um representante de divertimentos americanos a oferecer, em regime de comissão, um jogo eléctrico, com metralhadora. Apontava-se a metralhadora e metiam-se no fundo paquetes e submarinos.

— Respondi-lhe que nesta casa ninguém tinha interesse em matar ninguém. «Mas é a brincar...» dizia inocentemente o homem. «Pois nem a brincar!» disse-lhe eu. «A brincar é que se ensina a sério!».

Nos espaços livres puseram mesas redondas do jogo das cartas e das damas.

— E xadrez? — perguntei, durante a minha primeira visita em que assisti ao ensino do teatro. Xadrez não havia. Ninguém sabia jogar...

Nem o co
«que entra
-me para
dele, se ho
interessada
presidente
prara um
aprender s
no corred
Instrutor
essados»..

Também
a bibliotec
mesa ao m
extremos a
sa do tect
vros, jorna
na mesa,
francesas
um distico
vre: é o ho

Na sala
curso noct

Foi na
tempo mai
nhei o ar
cheiro, li
timo de li
enquanto e
teraturas,
direcção or
sença.

Quando
mar no esf
severança
sentava, ha

ENGO NOS REINOS DE PORTUGAL – 2

RES DE RABANETES

patriarca do Oriente), não encontra na expansão ultramarina um alargamento de mercados.

Clenardo via superficialmente, neste caso. Mas era exacto—deliciosamente exacto! — quando satiriza a nossa nobreza. Era um gosto vê-la sair á rua! Ali seguia, por exemplo, um Dom Meneses qualquer. Tem menos rendimento anual que Nicolau Clenardo, que o disfruta da janela; mas traz na sua cauda e á sua roda nada menos de oito serviçais. Como os sustenta ele, só Deus sabe!

O Flamengo risse, pois recorda uma boa piada que lhe contaram, e ele, por sua vez, contará a seu mestre, Látomo:

«Um fidalgo português andava de rixa com um estrangeiro, creio que francês, que viera para Portugal no tempo de D. Manuel, como fazendo parte da casa da rainha D. Leonor. O Português levava-lhe a palma no fausto exterior, mas o francês tinha melhor mesa. Conhecendo este, como quer que fosse, os hábitos locais e levado pela curiosidade, conseguiu habilidosamente obter o livro onde eram lançadas as despesas diárias do outro. Acertou de dar logo com os olhos num passo bastante cómico, mas genuinamente português. Encontrara apontada a seguinte diária:

Água	4	ceitis
Pão	2	reais
Rabanetes	4.5	reais

E como durante toda a semana continuassem estas prodigalidades, imaginou que o domingo, esse pelo menos, seria lautamente banqueteado; mas para esse dia (que viu ele?) achou simplesmente isto escrito:

«Hoje nada, por não haver rabanetes na praça».

Há aqui, meu caro Látomo, uma chusma desses faustosos *comedores de rabanetes* que trazem, todavia, pela rua atrás de si maior numero de criados do que de reais gastam em casa».

Ali vai aquele com nove serviçais: dois caminham á frente do cavaleiro: um terceiro leva-lhe o chapéu; o quarto, o capote, não se dê o caso de chover; o quinto vai á rédea da cavalgadura; o sexto tem a alta função de segurar os sapatos de seda; o sétimo empunha prestimosamente uma escova para limpar os pêlos do fato do amo; o oitavo — verdadeiro antecessor da Sociedade Protectora dos Animais— segura um pano para limpar o suor da besta; o nono, finalmente, traz um ponte para entrar em acção quando o amo for cumprimentar alguém: mal lhe ficaria se fosse despenteado. Naquele tempo já havia «existencialistas».

(Continua)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

A REUNIÃO DE ALTO NIVEL ENTRE FENÍCIO E NAPOLEÃO

POR
DIOGENES

Tenho andado a afastar-me da infancia. Descobri isso outro dia. Como? Da maneira mais imprevista. Nem vem em romance algum. Parece-me que apesar de tudo, quer dizer apesar de todas as contingências que nos apertam num anel de ferro e tentam forçar-nos a ser iguais a *toda a gente*, ainda conseguimos segregar uma gotinha do mel da nossa originalidade. Eu tive uma infancia original: e entre as jóias singulares que nela brilham, coloco o Fenício, o meu amigo Fenício.

Há-de confessar-se honestamente que, depois das Guerras Púnicas, ninguém acreditaria que ainda pudesse restar algum Fenício. Os Romanos eram perfeitos em matéria de extermínio: á ira de Catão, atrasado mental que só conseguira aprender a cantar o *Delenda est Cartago* nem as Fenícias escaparam: e assim se acabou a raça e se acabou a semente. No entanto nada disto evitou que um dos meus colegas de infancia se chamasse Fenício. O padrinho odiava Catão; sempre odiara quem tinha mais olhos do que barriga; e o nome de Fenício soava-lhe como um clarim de liberdade, como o demonstrativo da inutilidade de todos os Catões deste Mundo e do outro.

Fenício, que sprintou comigo a instrução primária, era um jovem com muitas reminiscências vegetais: tinha o exagero compridamente esguio das árvores novas e ariscas; nas juntas dos artelhos, dos joelhos, dos cotovelos, dos pulsos e mesmo da maçã de Adão engrossava em nós que lhe davam um ar desengonçado: e, para extremo, o cabelo tinha qualquer coisa de semelhante á copa trasbordante dos chorões.

Ao encontrá-lo outro dia só nos reconhecemos pelos nomes—Diógenes e Fenício: a imagem física que guardávamos do nosso involucro infantil estava irremediavelmente desactualizada: eu, pelas razões que se sabe, ele, o Fenício porque também encorpou.

Conferimo-nos mutuamente durante algumas horas de conversa torrencial e passámos a encontrar-nos de tempos a tempos. Ora o Fenício mudou, não de residência, mas de aspecto: encontrei-o na nossa ultima conversa torcido de tiques nervosos — ele que era a calma em pessoa; e dizia estranhas coisas acerca dos tiranos, de Napoleão em particular e das guerras em geral — ele que era totalmente frigido em matéria de política e de história. Achei o caso tão estranho que resolvi informar-me do que se passava o mais próximo possível da fonte: a mulher, já se calcula. E foi ela que me contou as estranhas aventuras do Fenício.

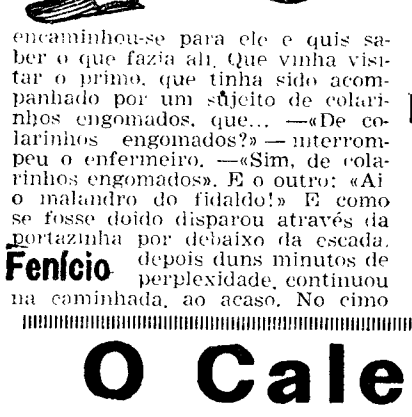
Antes de mais um primo de Fenício experimentou recentemente ficar doido e para levar as coisas até ás suas ultimas consequências deixou-se internar no manicómio. Lá é que o meu amigo o foi visitar no domingo passado. Fenício ia munido de tabaco em abundancia conforme o aconselharam pessoas avisadas. Apresentou-se á porta do manicómio e mal tinha dado dois passos lá dentro surge-lhe um sujeito de colarinhos engomados e ar distinto: «Vem visitar alguém?» — perguntou-lhe com grande correcção de maneiras. Fenício ia. E então o sujeito prontificou-se a acompanhá-lo. O meu amigo entretanto ia dizendo para si: «Caramba! os contínuos agora apresentam-se como verdadeiros *gentlemans*». O cicerone falava com grande circunspecção, explicava coisas, contava histórias e tudo seguia no melhor dos mundos. Chegaram a um patamar. Dele saía uma escada em caracol. Começava a subir por ela um sujeito carregado de panelas e tachos.

Que se teria passado? O cicerone de colarinhos engomados deitou a correr, escondeu-se debaixo da escada e rugiu como um bulldogue. O homem que subia a escada assustou-se, largou panelas e tachos, que vieram rebolando de degrau em degrau com um estrondo formidável. Feita a graça, o cicerone escapou-se por uma portinha e deixou o pobre do Fenício sòzinho. Nessa altura um enfermeiro acorreu ao barulho e perguntou ao sujeito que transportava as panelas o que tinha sido aquilo.

O sujeito chorava, sentado num degrau. «Que fizeste tu? — perguntou-lhe mais uma vez o enfermeiro. E o doido — porque era um doido—respondeu entre soluços, apontando para o Fenício:

«Foi... foi aquele senhor... senhor que me meteu... me meteu um susto...»

Fenício foi sacudido por uma descarga. «Eu?» — disse com voz sumida. O enfermeiro



encaminhou-se para ele e quis saber o que fazia ali. Que vinha visitar o primo, que tinha sido acompanhado por um sujeito de colarinhos engomados, que... —«De colarinhos engomados?» — interrompeu o enfermeiro. —«Sim, de colarinhos engomados». E o outro: «Ai o malandro do fidalgo!» E como se fosse doido disparou através da portazinha por debaixo da escada.

Fenício depois duns minutos de perplexidade, continuou na caminhada, ao acaso. No cimo da escada havia um corredor atravancado por um grupo de homens. Fenício informou-se sobre o quarto do primo. A' laia de resposta, pediram-lhe tabaco. O meu amigo pegou numa onça e ofereceu liberalmente. «Deite aqui!» — ordenou um dos sujeitos, estendendo a palma da mão. Fenício tremeu, mas obedeceu. Mal tinha cumprido a ordem, o beneficiado voltou a mão e estendendo-a, de costas para cima, quis mais: «Bote agora aqui, que também é preciso». Claro que Fenício voltou a obedecer. E logo todos os presentes exigiram o mesmo. Ao fim de cinco onças de tabaco, Fenício suava e teria caído com uma sincope se um enfermeiro, imponente como um almude, não acorresse.

Assim conseguiu chegar até ao quarto do primo. O pobre jazia deitado e amarrado a uma cama. Pediu um cigarro. Fenício meteu-lho na boca e baixou a cabeça para acender um fósforo. Quando estendia o fósforo aceso, ficou bocaaberto. O cigarro tinha desaparecido e o primo mastigava-o muito calmamente, lançando para Fenício um olhar inexpressivo.

O meu amigo começou a tremer e voltou costas. Andava-lhe o mundo á roda.

No corredor surgiu-lhe um estranho parceiro, com chapéu de três bicos em papel de jornal e polainitos da mesma matéria-prima.—Senta aqui!» — ordenou com ar marcial. Havia ali uma mesita redonda escoltada por quatro cadeiras e Fenício deixou-se cair numa delas. Falando muito lentamente, o sujeito identificou-se: «Eu sou Napoleão!» — «Mentira!» — ouviu Fenício ciciar a um dos ouvidos. Mirou de esguelha. Era um patusco com feições de fuinha, que repetia: «E' mentira! Eu sou a imperatriz Maria Luísa e nunca o lá vi».

Napoleão, imperturbável, prosseguiu: «Queres ir comigo até Austerlitz?» — Não! — gaguejou Fenício. — não gosto de guerras». — «Porquê? Que mal te fizeram as guerras?»—«A mim, não — esclareceu o meu amigo — mas causam mortes!» — «E que tem isso? — prosseguiu Napoleão com a mesma calma. — Se não morreres em Austerlitz, cama de tanta glória, morres em casa, como qualquer mortal. Convém-te?»

Fenício — olhou á roda. Estavam chegados os seus ultimos dias! Estavam chegados os seus ultimos dias! Desesperadamente, deu um salto, largo a correr e só parou em casa. Ainda agora continua doente. Mas diz com muito alívio e grande preocupação nossa: «Escapei a Austerlitz. Livra». Eu, pelo sim, pelo não, vou vê-lo todos os dias.

O Calendário

O ano nem sempre começou no dia 1 de Janeiro. No tempo de Carlos Magno, em todo o seu vasto império, o inicio do ano estava fixado em 25 de Dezembro, dia de Natal.

Mas havia outros países e até mesmo posteriormente em França, em que principiava com o equinócio da Primavera, o que seria mais agradável e lógico para nós, europeus, pois o Ano Novo aparecer-nos-ia enquadrado no renascer da Natureza. Em França só no século XVI e em Inglaterra no século XVIII é que se estabeleceu o começo do ano em 1 de Janeiro.

Sucedeu até nessa altura que os Inglesses mostraram certa resistência á reforma, e o acontecimento não passou sem motins. As pessoas vendo-se de repente mais velhas três meses, não acharam graça á inovação e os operários perdendo, aparentemente, um trimestre do ano, revoltaram-se.

E quando o pobre Chesterfield, que apadrinhara a lei, passava na sua carruagem através das ruas de Londres a caminho do Parlamento, o povo em tumulto corria-lhe atrás, gritando: «Restitua-nos os nossos três meses!» Calcule-se o susto do infeliz lord!

Os animos aqueciam rápidamente nesses bons tempos em que os Ingleses haviam acabado de descobrir a genebra, cuja enorme produção fazia de cada inglês um ébrio em potência. «Bebedeira simples, um «penny»; a matar, dois», eram os convidativos anuncios.

Mas felizmente as pessoas acabaram por verificar que a diferença era mais aparente do que real, e o povo aquietado, bebeu á saude do ilustre reformador com a mesma naturalidade com que anteriormente bebera pela sua morte!

Porém, agora reparemos numa curiosa incongruência resultante dessa reforma. As designações dos meses, cuja origem remontava ao calendário romano, estavam de acordo com o atrás citado uso de considerar como primeiro mês, o de Março e ultimo, o de Fevereiro. Assim teríamos:

1.º Marco — mês de Marte.
2.º Aprilis — mês de Afrodite.
3.º Maia — mês de Maia.
4.º Junius — mês de Juno.
5.º Julius — mês de Julio Cesar.
6.º Augustus — mês de Augusto.
7.º September — sétimo mês.
8.º October — oitavo mês.
9.º November — nono mês.
10.º December — décimo mês.
11.º Januarius — mês de Jano.
12.º Februs — mês dos mortos.

Ora se olharmos com atenção logo verificamos o absurdo destas designações: é que actualmente o mês de que se mantém a designação de 7.º mês, setembro; passou a ser o 9.º, o 8.º ficou sendo o 10.º o 9.º o 11.º, e o 10.º o 12.º.

Assim os nomes dos meses do nosso actual calendário são perfeitamente absurdos, não só por que têm a sua origem em nomes pagãos, mas também porque as suas designações não correspondem á sua verdadeira ordem.

Humilde

Nem o conheciam. Sabiam apenas «que entravam cavalos...», ofereci-me para ensinar os rudimentos dele, se houvesse pedras e pessoas interessadas. No dia seguinte, o presidente comunicava-me que comprara um jogo, modesto, mas para aprender servia; e foi posto aviso, no corredor, dizendo que «havia Instrutor de xadrez para os interessados»...

Também no primeiro andar fica a biblioteca. Uma sala, pequena, a mesa ao meio, dois candeeiros nos extremos além da lampada suspensa do tecto, o armário com os livros, jornais e revistas espalhadas na mesa. Na parede, em letras francesas garrafais sobre cartolina, um distico: «*Só há um homem livre: é o homem culto*».

Na sala do fundo trabalha um curso nocturno para adultos.

Foi na biblioteca que passei o tempo mais interessado. Esquadrinhei o armário, interroguei o ficheiro, li as condições de empréstimo de livros e revistas. Marcos, enquanto eu ficava entregue ás literaturas, desandou para a sala da direcção onde requeriam a sua presença.

Quando saí da biblioteca, a cismar no esforço, no carinho, na perseverança que tudo aquilo representava, havia na grande sala de jogos uma unica mesa vaga. Foi aí que me sentei, fatigado das andanças. Veio ter comigo, exuberante e simples o Alberto Marceneiro, meu vizinho.

— Está aborrecido? — perguntou com um sorriso.

— Não, ora essa! Até estou muito bem. Gostei muito da biblioteca.

— Coisas do Marcos... Bem, também dei uma ajuda. Muitos daqueles livros eram meus. O ideal era que a sala estivesse sempre cheia de leitores, mas estes amigos também gostam de jogar as cartas...

E após uma segundo de reflexão:

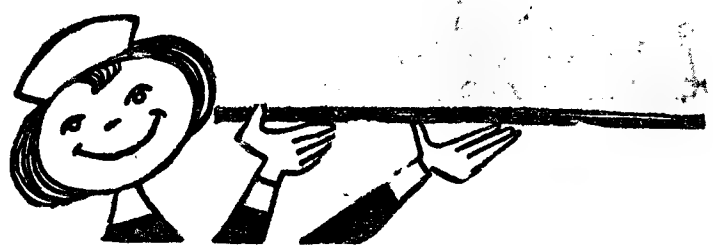
— Tudo é preciso, enfim... Quer jogar uma bisca?

O baralho veio. Deu as cartas. Ganhei o primeiro jogo, ele o segundo. A meio do terceiro, apareceu-me, no centro das cartas, a frase do cartão de visita, junto á medalha do cão: «*Para os mais novinhos...*». Demorei a jogada. Quando ia a lançar a carta, reparei que o meu amigo marceneiro, de cabeça baixa, adormecera, deixava-me ver todo o seu jogo onde havia o ás de trunfo.

Marcos veio livrar-me do embaraço. Trazia uma proposta para eu preencher. Fiquei sendo o sócio 4.624.

MÁRIO CASTRIM

SAIBA COMER



A cura pelo germe de trigo

O germe de trigo constitui um regime á base de calorias fácilmente digeríveis e assimilável. Tendo uma consistência um pouco gelatinosa, a sua passagem pelas mucosas gastro-intestinais onde se desenvolvem os resíduos putrefactivos e fermentos de metabolismo permite a sua eliminação natural, preludio favorável

para a cura de perturbações, cuja causa é, precisamente, uma deficiência de fermentos e bactérias. Sobre a benéfica acção do germe de trigo completo, as mucosas dos órgãos digestivos repousam, sofrem uma limpeza completa e regeneram: tudo isto provoca a normalização do peristaltismo destes órgão beneficiados. Além disso, a cura pelo germe de trigo é uma autêntica cura de

limpeza geral do organismo. O cura pelo germe de trigo é, pois, indicada nos casos de gastrite, ulcera, prisão de ventre, etc., quer dizer perturbações funcionais e afecções do meio gastro-intestinal.

O que pode e deve comer o doente renal

Sopas magras, puré de legumes, cremes de cereais. Legumes cozidos

ou crus, temperados com um pouco de azeite e sumo de limão; carne de cava, carneiro, galinha e pombo. Peixe sempre muito fresco, magro e, de preferência, de água doce.

Ovos inteiros ou preferentemente só a gema (uma a três vezes por semana). Legumes verdes, como cenouras, nabos, todas as saladas, espinafres, ervilhas frescas (sem excesso). Cereais, como as pastas sem ovos, as sêmolas e os farináceos (legumes secos sem excesso). Arroz sem gorduras. Leite cru, fervido, condensado, queijos brancos, gruyere, holandês (sem excesso). O pão deve ser torrado; biscoitos sem sal. Compotas e mel, frutas cozidas e cruas.

Estas ultimas constituem a parte mais importante da alimentação das doenças de rins. Apresentam todos os benefícios das substancias vivas e fornecem o acuçar que os rins necessitam para o seu funcionamento. Mas os frutos oleaginosos são proibidos. Porém os outros podem ser consumidos em quantidade, em especial a uva. Todo o doente de rins

deveria fazer, semanalmente, uma cura de frutas. Em abundancia.

Os doentes em questão podem também usar, na comida, as plantas aromáticas, como alho, limão, salsa, louro, cebola, etc.

No capítulo de bebidas, o doente renal deve beber sem o risco de eliminar em quantidade, porque isso fatiga os rins. As excepções a esta

regra são puramente da competência do clinico. A' mesa, um copo de vinho tinto cortado de água, não lhe fará mal; mas abstenção completa de aperitivos e digestivos.

Parece que o doente dos rins, não tem muita razão de queixa. Com estes alimentos permitidos, quantos bons pitéus se podem preparar!...

Cortar em postas; temperar com sal e pimenta, salsa, alho picado e sumo de limão ou vinho branco. Deixar descansar neste molho. Passar por farinha e ovo batido e depois em pão ralado, fino. Fritar em óleo bem quente durante uns quinze minutos.

Fazer uma pasta de fritar, espessa. Deixar macerar, durante uma hora, frutas variadas — ananás, peras, bananas, laranjas, etc.— cortadas finas, em conhaque, rum ou vinho do Porto, com o sumo de um limão. Deixar escorrer. Enrolar cada bocado de massa na fruta, fechar os bordos e fritar. Polvilhe com canela e açucar, se quiser.

Para aproveitar pão duro, cortá-lo em pedaços não muito grandes. Temperar com bastantes coentros pisados no almofariz. Pôr ao lume a água suficiente para a sopa. Ferver escalfando ovos (um para cada pessoa). No momento de servir, deite a água sobre o pão e sirva bem quente, temperando com sal, ao paladar. Ficará mais saborosa, se aproveitar água da cozedura de bacalhau

E' uma velha sopa sempre apreciada.

Nem só de pão vive o homem

Não devemos olhar apenas á alimentação, se queremos conservar uma boa saude. Sendo o regime alimentar fundamental para atingir o equilíbrio do corpo, há que olhar ao perigo de uma vida sedentária. Ela mina a saude, deforma o corpo e intoxica.

O drama da vida moderna é a falta de exercício, sem o qual os musculos se atorfiam, perdem forma e resistência e elasticidade. Do enfraquecimento dos musculos, a coluna vertebral deforma-se; e não tarda que as articulações comecem a emperrar.

Esta vida sedentária é responsável por inumeras doenças, como a celulite, artitrismo, reumatismo, prisão de ventre, perturbações de nutrição e circulação, nervosismo, insónias. Nem vale a pena, muitas vezes, procurar outra origem. Mas um exercício racional e regular permite obviar a estes males da nossa época. A velhice prematura pode ser evitada, usando um método de vida diferente do habitual. Para quem trabalha a uma secretária, para o médico, o pintor, o mineiro, o engenheiro de gabinete, o escritor, o comerciante, para todos que não andam regularmente senão de automóvel, autocarro ou eléctrico, a necessidade de uma boa caminhada a pé torna-se preménte. Não interessa dizer «alimento-me bem, segundo as regras da Dietética», «sigo um regime que me mantém em forma»... não, não basta uma alimentação racional — interessa um regime muscular racional. Só assim será senhor da sua linha, da sua saude, não terá receio de envelhecer precocemente, nem dará cabo dos nervos. E os nervos doentes são a base de um edifício em ruinas que não tarda a desmoronar-se. Trabalhe com calma durante a semana, mas se trabalha muito, não esqueça que o fim de semana deve ser inteiramente «seu». Guarde-o como um tesouro — defenderá a sua preciosa saude, tanto ou melhor que comendo «bem».

discoteca

7 LEM 3015 — A VOZ DO DONO

VIRA DA NAZARÉ, CIUMES DO MAR, TOMA LÁ DÁ CÁ, VIRA DA PRAIA.

7 LEM 3016 — A VOZ DO DONO

NÃO VÁS AO MAR, TONHO, NOVO VIRA DA NAZARÉ, VIRA DO SÍTIO, LÁ VAI O BOTE.

Adeus, «Tonho», Deus te leve em bem...

E lá vai ele e muitos mais num pequeno barco, em nada, lutar com o mar imenso, contra tudo. Lá vão eles para colher seus frutos, e, algumas vezes, para lá ficar...

Há que conhecer bem a vida do mar para comprender os cantares dessa gente simples e valente da Nazaré.

Há que compreender as suas alegrias, tristezas e amarguras, o seu optimismo e, principalmente, as suas tragédias. Há que conhecer os seus costumes, a sua paisagem grandiosa e pitoresca. Há que compreender a sua história entretecida de lendas e milagres...

E, quando cantam, há um pouco disso tudo nas suas vozes salgadas pelo mar e pelo pranto.

O Rancho Tá-Mar da Nazaré é talvez aquele que melhor define o sentir da gente rude que vive e morre no mar. E é agradável vê-los cantar e dançar envergando os seus trajes típicos. A confirmá-lo, as muitas deslocações ao estrangeiro com o patrocínio do SNI e as esplêndidas classificações obtidas em certames internacionais.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

Pão e Circo

POR
MANUEL AGRA

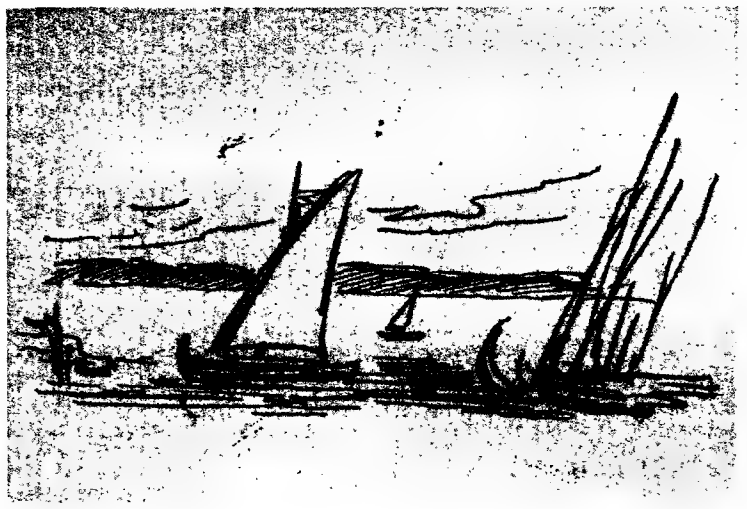
Quando se chega ao domingo é uma pasmaceira.

Os «doentes» vão para a bola. E' o caminho. Eléctricos apinhados, verdadeiros cachos suspensos da plataforma, das janelas, um pé aqui, outro onde calha.

Outros para o cinema. As salas dos cinemas cá do bairro são pequenas. Enchem-se, de tarde.

Há quem junte os garotos, um em cada mão, e vá até ao jardim onde se apanha ar e se não gasta dinheiro.

E também quem dê uma volta por aí, sem destino certo. Passo lento, medido, a mastigar bem o



tempo. Uma olhadela para os prédios em construção, a visita, até, a alguns deles, a saber as divisões, a renda, na miragem de encontrar alguma coisa que caiba na magra bolsa. Gente que acredita em fadas.

Os «cafés» animam-se um pouco. Homens, quase exclusivamente, á tarde. De noite também aparecem as companheiras para fazer «tricot» e assistir á televisão.

Animam-se, quero eu dizer: são frequentados. Fumo. Sussurro. Anedotas, os boatos do dia.

Tanto que o domingo se deseja, e vai-se a ver... Vai-se a ver, é a pasmaceira dos «cafés» e das ruas, vagamente á espera de um qualquer D. Sebastião. Mãos nas algibeiras — e um dia de Sol esplendoroso sem nada que meter lá dentro.

Há cidades na Europa onde existem para cima de duzentos estádios, cidades comparadas a Lisboa. Lá, o publico não apenas vê, mas joga corre, toma conta do gramado. Sonho, além disso, com grupos de teatro e de musica. Com amplas salas de concerto, reunião, discussão. Cinema amador. Campismo pelas terras desconhecidas de Portugal. A praia, aqui tão perto, não será artigo de luxo... Nem o Tejo será apenas o fundo ideal para cinemascópio, mas beleza utilitária, possuida pelos jovens...

Suponham o que vi no domingo passado ao deambular na cidade e ao chegar, por acaso, ao parapeito de um jardim suspenso. Não a velazinha vagabunda que por lá cirandava por ventos e marés. Não ela só, pioneira da alegria — desta alegria que chega a afrontar-nos em certos momentos como uma ofensa ou uma provocação. Não só uma vela, mas dezenas, mas centenas delas. Iam e vinham e saudavam-se — e saudavam-me... Eu, encostado á grade, vendo-as, lembrava os tempos difíceis, figuras bem amadas que, debruçadas dos meus olhos, assistiam á alegria dos jovens cavalgando o dorso manso do Tejo.

Sonho. Decerto que sonho. Passar o domingo a sonhar, nos tempos que vão morrendo, ainda e, quanto a mim, a melhor maneira de passarmos o domingo.

Representantes das belas-artes, da musica e do cinema francês vão ser convidados dos japoneses em Maio próximo, altura em que chegará ao Japão a «colecção Matsukata». Em Veno, será levantado um pavilhão para receber as obras de arte de valor incalculável. O projecto do pavilhão é de Corbusier.

A colecção foi constituida de 1934 a 1937 pelo barão Matsukata, em Paris. Teve de desistir da sua transferência total para o Japão porque a alfandega gaulesa impunha taxas que ultrapassavam 100 % o valor dos quadros! Ficaram em França 308 quadros (Courbet, Cézanne, Van Gogh, Monet, Manet, Renoir, Degas, Gauguin, Delacroix, Millet, Corot, Pissaro e Pacisso) e 62 esculturas, entre as quais um grupo de Rodin intitulado «As portas do inferno» que pesa 10 toneladas.

Durante a ultima guerra, o Governo francês confiscou estas obras como sendo «propriedade do inimigo». Mas em 1955 resolveu-se, finalmente, a restitui-las ao Japão. O acto oficial da entrega assinou-se em 23 de Janeiro passado. As obras de arte foram embarcadas no barco japonês «Asama Maru» e devem chegar ao seu destino nos principios de Abril.

VERSO E REVERSO

I

Não sei se leste a insignificante
notícia que morreu pelos jornais
sepultada entre mil sensacionais
fantásticas notícias do quadrante.

Uma cobra terrível, dessas tais
que despacham a gente num instante,
injectou seu veneno fulminante
num pobre homem das selvas tropicais.

Mas outro homem surge. Dá um corte
na perna desse tal. Sorve o veneno
salva-o e fica ele quase à morte.

Notícia pobre? Destas gosto eu!
Que onde estiver um homm, um sereno
cântico à vida ascende para o céu.

II

Há perigo em Berlim? Creio que sim.
As zonas ficarão? Creio que não.
Faz-se o tratado, enfim? Agora, sim.
Com acordo geral, então? Ah, não.

Esperam pelo Verão? Ou sim ou não.
Virá a calma assim? Talvez que sim.
Eles discutirão? Mal é se não!
Alguns, enfim dizem que não? Pois sim!

Temes uma explosão? Eu sim e não.
Que aconselhas assim? Juizo sim.
Um apelo à razão? E porque não?

A guerra é solução? Juro que não.
Que se entendem por fim? Juro que sim.
Ámen do coração, pois sim? Pois não!

ALFA

XIII

DOMINGO de Páscoa .. Passo a vida a registar domingos... Talvez porque sejam dias mortos, talvez porque de oito em oito dias me seja necessário dar um balanço á vida.

O padre de Alfarelos andou a benzer todas as casas. Todas não. Menos a nossa e a de Mr. Skalton. Foi o Inglês quem lhe disse que não era católico e quanto a mim, classificou-me de ateu, de ateu inveterado. Mrs. Skalton usa os adjectivos como um lápis de um caricaturista. Mordaz. Sobretudo para não se trair. Encontro-o ás vezes a fitar-nos, a olhar para o perfil cinzento-negro das oficinas. Quando percebe que dou por estas manifestações de ternura, lembra-se de dar-me ordens, ordens secas de cabo de esquadra. Está de partida.

Estiveram em nossa casa os filhos do Salvador. Nunca vimos olhos tão alegres, em frente de um prato de comida, como os do mais velho. Comeu, comeu. Comeu até ficar aturdido. Comparando o seu facies habitual com o deste domingo de Páscoa senti quanto a fome pode modificar o rosto de uma criança.

Uma espécie de encantamento nos olhos das crianças. Deram-lhe agasalhos fizeram uma pequena festa. As senhoras chamaram-lhe uma festa simbólica e os rapazes não compreenderam o que era simbolismo. Tinham os rostos afogueados, correram e saltaram no campo de jogos e comeram mais do que nos outros dias. Até o filho do Jana, com a mãozita entrapada, em cabresto, esqueceu em parte a sua obcessão de maquinista frustrado. Não olhou para o lado da mina, não parou á porta da oficina de tratamento.

A' tarde encheu-se a taberna do Pinto. Mais velho, acho o Pinto mais velho. Embranqueceu depois da partida da filha. Dizem que foi de desgosto. Não acredito. Chamem-me cruel, digam o que quiserem de mim. Um «homem honrado», comentam alguns mineiros. Honrado porque arranjou aquele carão ensimesmado de circunstancia, quando continua a deitar água no vinho, a abrir conta aos pobres que têm um bocado de terra, a tratar com palavras untuosas o pessoal superior de mina? Não quer que

Tirei-lhe o lápis da mão e pus o «dossier» na estante.

—O turno da noite já deixou o trabalho.

—Bem sei, há quase uma hora. Onde estiveste tanto tempo?

—Precisava de andar. Fui até á estrada da vila.

—Porque não me vieste buscar?

—Estava muito frio.

—Vocês têm todos a mania que as mulheres são gatas, que passam a vida enroscadas junto da lareira...

—Como vês, o fogão não está muito longe de ti.

—Esteve cá o Rua. Impressiona-me aquele olhar vago...

—O que queria...

—Trazia um recado para ti.

Esfreguei os olhos. Tinha sono mas não me apetecia deitar-me. Afastei-me um pouco e deixei cair a cabeça no colo da Janette.

—Estás cansado?

—Não. Estou farto disto tudo.

* * *

Disse que o dia de hoje é um dia terrível. Não dramatizo. Mas quantas vezes não me apetece gritar, erguer o punho cerrado contra tudo e contra todos. E faço um esforço desmedido para lembrar a mim próprio que sou um homem calmo, melhor que devo ser um homem calmo, com uma conduta marcada pelas convenções. Engolir em seco. Mas fica-me a saber a amargo esta necessidade de expandir, de dizer que o mundo é injusto, de denunciar... Calo-me. Os outros querem diálogo e as suas reacções deixam-me ainda mais amarfanhado. Por isso escrevo, mas escrevo sangrando. Deve ser doloroso o ofício de escrever...

Tudo isto porque esta manhã, um menino, esmagou três dedos na mandíbula de um triturador. Que importam três dedos de um menino num dia cheio de sol. Os motores continuaram no seu resfolgar lento, eu próprio não deixei de encher papeis e papeis de cálculos de frases sentenciosas, mister Skalton não deixou de beber «wisky», a senhora Ana limpou duas lágrimas á bainha do avental... O mundo não parou.

* * *

Um menino loiro ficou sem três dedos. Quatro anos... O filho do Jana, um mineiro que anda no desmonte da galeria n.º 4. Sólido como uma rocha. E' difícil encontrar um filho de mineiro como o Augusto. Quatro anos.

Levava as manhãs, levava os dias inteiros junto da oficina A. Metia a cabeça pelas grades dentro, espreitava, com os olhos muito atentos depois, imitando as descargas dos «trommers», sentava-se. Pedaços de madeira, tiras de oleado, latas e improvisava no chão, com um cálculo de proporções não muito fácil de igualar. Um sem-fim transportava pequenos montículos de terra. Onde em onde um ruido mais forte... Uma pedra mais difícil de vencer pelo seu portador imaginário. Ninguém conseguia desviar a atenção do menino. Mister Skalton, para o irritar, segurava-lhe ás vezes pela gola do camisolão negro e arrastava-o. Sempre a mesma resposta dada com uma calma que apavorava.

BURRO POR CAVALO

O nosso tempo preza bem pouco a inteligência. E' ver o desprezo, se não a hostilidade, com que os intelectuais são tratados. Em certos meios, particularmente entre essa classe média tão ciosa da sua incurável mediocridade, o termo «intelectual» chega mesmo a ser usado como um insulto e arremessado arbitrariamente sobre qualquer pessoa que leia livros não policiais, ou manifeste o mais ténue interesse por assuntos não futebolísticos. E, no entanto, parece-me que nunca os intelectuais foram como agora credores da admiração e do reconhecimento dos outros homens, porque nunca eles foram tão acossados e também tão heróicos na sua resistência a essa inclemente perseguição. Encerrados por todos os nazis em todos os campos de concentração do Mundo, torturados, alguns assassinados, eles conseguiram salvar a honra das suas pátrias ávoltadas e tentaram, e tentam ainda por toda a parte, aquilo que o poeta belga Marcel Thiry chama «a aventura de merecer o nome de homem».

Porquê então este manifesto desprezo pela inteligência e por aqueles que ainda são os seus legítimos representantes? Que nova deusa teria substituído a nobre e sábia Minerva no seu vetusto altar? Se olharmos atentamente á nossa volta não nos será difícil verificar que ao progressivo declínio do culto da inteligência tem correspondido o endeusamento de uma outra qualidade humana: a esperteza, e que a nova deusa adorada pelos mortais não tem a olímpica dignidade da outra, mas um ar suspeito, um sorriso matreiro nos lábios e nas hábeis mãos um desses tão celebrados barretes...

Não afirmo ter o culto da esperteza principiado ontem, pois suponho-o contemporaneo do aparecimento da economia mercantil, mas tratava-se em princípio de um culto modesto, envergonhado, quase secreto, feito em altares de categoria muito secundária e mesmo os seus mais devotos praticantes tinham ainda um pudor que os levava a simularem a adoração de outros mitos mais antigos e conceituados, como a sabedoria, a arte, a virtude e a coragem. Depois, pouco a pouco, esse pudor foi-se atenuando e o facto de conseguir êxito nos negócios ludibriando o parceiro — «impingindo gato por lebre», segundo a fórmula consagrada no tempo dos nossos avós — tornou-se prática mais ou menos corrente. Até que por fim se atingiu a total desvergonha do nosso tempo, em que já nem sabedoria, nem arte, nem virtude, nem coragem contam alguma coisa perante a toda-poderosa esperteza e assistimos impotentes ao aparecimento de uma nova raça de senhores do Mundo: os «espertalhões», os «aproveitadores» ou, mais de acordo com o vocabulário da própria época, os «vivaços».

A tal velha fórmula consagrada desde o tempo dos nossos avós: «impingir gato por lebre», que até há pouco tão bem parecia definir o crescente predomínio dos espertos, tornou-se manifestamente incapaz na época da total hegemonia dos «vivaços» e outra mais concludente está agora a fazer a sua justíssima consagração: «impingir burro por cavalo», esta certamente com muito maior propriedade, tanto pela proporção dos quadrupedes em causa como pelo profundo simbolismo que encerra.

E' realmente isso! Desconfiava há muito tempo, desde a minha meninice, que nos estavam a impingir burros por cavalos, mas só agora acabei por ter a absoluta confirmação. E quantos burros até hoje nos terão impingido! Não é que sinta qualquer antipatia pessoal pelos burros quando eles sejam apresentados no seu natural, isto é, com todos os seus asininos defeitos e as suas não menos asininas qualidades, mas disfarçar um burro em cavalo é de facto coisa extremamente perigosa para a saude publica e ainda mais tratando-se de burros secretos, clandestinos, impróprios para consumo.

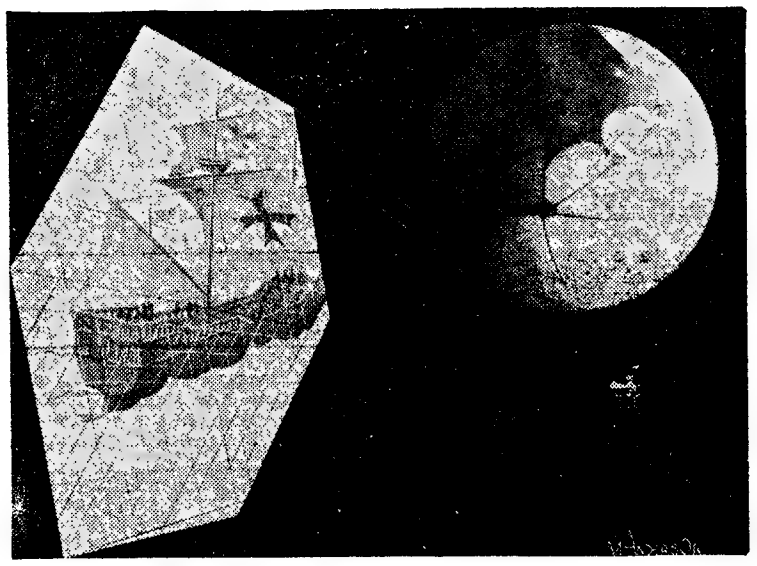
Pobres burros! Sei bem que a culpa não é deles, embora muitos estejam dispostos a aceitar de bom grado a troca desde que ela não implique a morte prévia e o esfolamento. E compreende-se bem porquê: posição de mais destaque, melhores rações, arreios mais bonitos, vida mais descansada... Mas é evidente que não são eles que têm a culpa e isso aumenta a minha revolta. Há certamente quem hábilmente se aproveite da vaidade ou do sacrifício dos burros para lucrar á sua custa e ainda por cima chamando-nos também burros a nós, e esses são os tais «espertalhões», os tais «vivaços», os actuais senhores de um mundo onde quem não tem escrupulos é rei.

Porque a questão, creia o caro leitor, resume-se afinal em ter ou não ter escrupulos e a inteligência é escrupulosa, escrupulosa e ingénua, e os intelectuais estão cheios de escrupulos e de ingenuidades. Mas ainda assim são eles os unicos capazes de distinguirem os burros dos cavalos, por mais bem disfarçados ou até esfolados, e isso é de molde a torná-los perigosos para os interesses dos espertos. Daí a antipatia que estes lhes dedicam e a impiedosa perseguição que lhes movem.

E' triste, muito triste mesmo, ver tanta boa gente que nada tem a lucrar com a confusão de burros com cavalos e acaba até por ser envenenada com a carne deteriorada dos primeiros pagando-a ao elevado preço da carne limpa dos segundos, ser conivente nessa campanha contra a inteligência e participar no culto da deusa esperteza, sem sequer suspeitar de que está a ser insconsciente joguete da grande manobra dos espertalhões.

Ficamos no entanto esperançados em que a ampla divulgação dada ás ultimas falcatruas seja de molde a fomentar a união de todos contra os espertos e inescrupulosos traficantes e venha abalar um pouco o culto da nova deusa matreira e suspeita. Voltemos, pois, enquanto é tempo, á velha e honesta Minerva, repudiemos os aproveitadores e os aldrabões, defendamos intransigentemente o que ainda resta de lisura e de dignidade sobre a Terra, se não queremos dentro em pouco morrer todos envenenados com carne de burro, muita carne de burro e toda podre, cada vez mais podre.

ALFREDO BRÁS



Quando o homem conseguir finalmente realizar viagens siderais, é muito possível que utilize a propulsão de velas, tal como Colombo na sua nave «Santa Maria»...

Maravilhas do Universo

(Continuação da 1.ª página)

micos, levaria dois anos. Como, porém, tal planeta está mais próximo do Sol que da Terra, poderia fazer-se com que o veículo se colocasse debaixo da força de gravidade solar, e usando a força da vela como freio, dirigi-lo em espiral até Venus.

Na volta, viajar-se-ia directamente. A viagem demoraria um ano, ida e volta.

Poder-se-ia fazer a vela com material mais delgado — e já se considera a hipótese de produzir uma matéria plástica de 1/30.000 de polegada. Desta forma, se construiriam velas muio maiores mas com o mesmo peso. Admite-se que tal melhoramento aumentará ainda a velocidade do veículo sideral. Então a viagem a Venus gastaria apenas cinco semanas.

O que até agora mais tem preocupado, no que respeita a viagens siderais, é o tempo que demoraram. Ora a energia solar poderia, como vimos, reduzir extraordinàriamente esse tempo.

ULTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL

O PAÍS INATINGÍVEL
por ANDRÉ DHÔTEL

O ENCONTRO MARCADO
por FERNANDO SABINO

leia

Próximamente, prepare-se para a novidade:
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
por MARCELIN DE FOURNEAUX

—Larga! — Arrastava-se depois, os olhos fitos naquela oficina improvisada. O mesmo sussurro dos motores. A's vezes nem dava pelo grito das sereias. E corava quando isso acontecia como se tivesse cometido uma falta. Punha-se de pé e seguia os operários, tomando a si o mesmo ar cansado. E enrolava um papel, e metia-o na boca. Voltava de manhã como se a sua vida estivesse totalmente ligada á rotina da mina.

O Jana contava-me que os dias de chuva eram um inferno.

Escapava-se mal a mãe abria a porta. Augusto não podia passar um só dia que não espreitasse, com a cabeça metida nas grades do portão da oficina, o movimento lento dos classificadores.

E dava ordens procurando o mesmo som de voz do Mota.

—Parem os britadores!

Silêncio, depois de fingir desligar uma comutação. Punha o braço no ar, descia-o como se ligasse um manípulo e as máquinas voltavam ao movimento.

O turno de largada era o seu suplício. Limpava com amor todas as peças da maquinaria imaginada. Fizera uma cova, que tapava com uma laje de xisto e lá metia tudo. A caminho de casa voltava-se constantemente para trás. Parecia despedir-se de uma namorada. Mas de uma vez, a meio do caminho, o vi correr ao local onde guardava tantas preciosidades. Arrastava a laje e, de pernas abertas, como uma seriedade extraordinária estampada no rosto, dava um balanço a tudo. E nem sempre tudo estava certo. Voltava ao local onde montava a maquinaria, revolvia a terra, encontrava uma porca ou um parafuso velho, guardava-o, metia as mãos nas algibeiras e partia, partia satisfeito consigo.

Um homem, daqueles que vivem para o sonho, tem uns olhos de menino encantado, iguais aos do Augusto. E' capaz de caminhar até gastar as solas, até que os pés lhe sangrem á procura de miragem que julgou ser a vida. Mas onde existe, aqui, nesta nesga de chão, onde a terra nem sequer tem a cor da terra, um homem que sonhe? O Sousa partiu. Notícias... Um homem que sonha nunca dá notícias...

Disse que o dia de hoje amanheceu belo. E foi mesmo assim. Tão belo que me revoltou. Maldito sol que põe alegria num quadro onde se movem nuvens de tristeza.

Só o Augusto saiu de casa com o sol nos olhos. Vi-o partir para a mina. De mãos nas algibeiras, um andar cheio de decisão e um sorriso nos lábios. Nem sequer deu por mim.

A sua cabeça loira, metida nas grades da cancela, era uma nódoa de ouro num pano cinzento.

* * *

—Quem deixou o portão aberto?

Nunca supus que a raiva, que a amargura transformassem tanto o rosto de um homem. Mr. Skalton — continuava a gritar:

—Quem deixou o portão aberto?

Estava fora de si. Depois foi-se encostar a um dos pilares da oficina. Sofria.

Deixaram o portão aberto. Augusto levantou-se. E não havia grades na sua frente. E podia ver tudo como nunca tinha visto, podia assenhorear-se de qualquer pormenor que ainda não compreendia. Correu. Correu

com um sorriso luminoso nos lábios rosados. Dois passos, quatro, dez... Tudo ali era encantamento. Lá estava o manípulo que para a sua estatura parecia enorme. Pôs-se nos bicos dos pés. Não lhe chegou. Mas o barulho dos trituradores atraía-o mais do que qualquer outra coisa. Subiu os degraus que levavam ao fundo da oficina.

As máquinas mastigavam a pedra do filão. Um bloco enorme e as mandíbulas não se queriam fechar. Talvez a Augusto lembrassem um homem engasgado. As mandíbulas tremiam, procuravam juntar-se. O bloco movia-se, esfarelavam-se-lhe os contornos agudos. Augusto sentiu que o pedregulho fugia da posição em que devia ser tragado. Pareceu-lhe, pelo menos, que assim as mandíbulas continuavam a mastigar em vão. Augusto perdeu a paciência. As suas máquinas comandava-as ele, com as mãos, pequeninas. Empurrou um caixote até junto da caixa do britador. Saltou-lhe para cima. O bloco moveu-se, pareceu-lhe que ia fugir e as mãos do menino entraram, como se participasse na mais bela aventura do Mundo, nas goelas do gigante de aço.

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

Mesmo em plena zona de ocupação inglesa (estava-se na Guerra dos Cem Anos), a aldeiazinha de Domrémy mantinha-se amorosamente fiel á causa desesperada do infeliz Delfim Carlos. Estava-se em 1429: dezanove anos antes, num pobre tugurio camponês, nascera ali uma menina em cujo coração viria a florescer o mais belo, o mais puro amor que alguém pode sentir pelo povo a que pertence. Desde tamanina que ouvia á sua roda os queixumes da boa gente camponesa: searas queimadas! casas destruidas! a morte! o roubo! a crueldade! o susto a chicotear o coração!... Ah, se houvesse um rei forte bastante para amar o povo, castigar os nobres e expulsar os estrangeiros!

A menina escutava tudo isto e no seu soninho de criança ia sonhando com um jovem rei que venceria os maus e plantaria por todas as terras de França a bela árvore da paz. De olhos acordados também o imaginava: falava-lhe; pedia-lhe que desse todo o seu afecto á boa gente que sofria: e assim, ano após ano foi crescendo dentro dela um grande amor pela pátria e pelo infeliz delfim que a representava. E esse amor era tão grande que se transformava numa voz imperiosa, que ela ouvia desde os treze anos:

«Et la voix me disait d'aller en France faire sacrer le roi:»

Naquele ano de 1429, não pôde mais sofrer o desespero daquela voz e parte. Leva consigo a nobre missão de salvar a França, tão dentro de si como a mãe levaria o seu filho — «comme une femme enceinte d'enfant». Ao chegar a Vaucouleurs, a cujo senhor se dirige, fala ao povo miudo na voz de Amor que nela mora. A' sua roda acende-se em todos os olhares lágrimas de esperança. O povo sabe que ela diz as palavras que andam enraizadas na alma de todos, mas que ninguém soubera dizer. Logo decidem juntar todas as suas economias para comprar a armadura que a Donzela vestirá para libertar a França. Eis o fulminnate sinal da comunhão que unirá para sempre a Heroína e o seu povo.

De Vaucouleurs, acompanhada da escolta que lhe oferece o senhor da terra, a jovem dirige-se para Chinon, onde reside o Delfim. Escreve-lhe a anunciar a sua chegada, mas este fá-la esperar dois dias até que a receba. Ao aparecer, por fim, rodeado pela corte, dá-se um acontecimento extraordinário: a Donzela que não o conhecia, e porém trazia-o desde menina no seu coração, aponta para ele sem hesitação e diz:

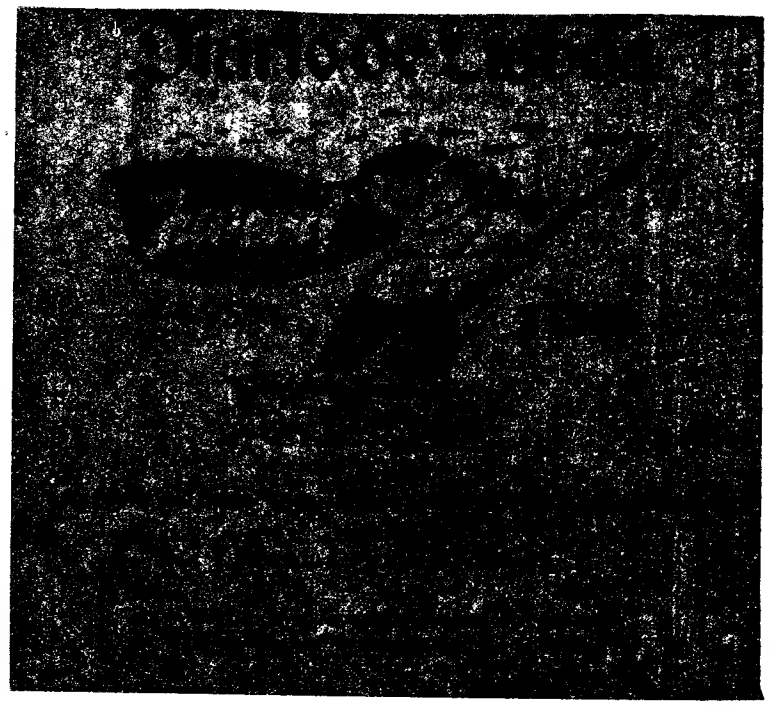
«En nom de Dieu, gentil prince, c'êtes vous et nou autre»

A Junta de teólogos que a examina, por ordem do Delfim, convence-se da força que anima a jovem. E começa então a maravilhosa epopeia que termina na fogueira de Ruão.

Ao morrer supliciada a Donzela sabe que se realizará o seu enorme sonho de menina:

«Tous nos ennemis seront boutés du Sol de France»

As respostas devem ser-nos enviadas até ao próximo dia 11 de Março, acompanhadas das habituais informações, nome, idade, morada e os três artigos que mais lhes agradaram no JUVENIL desta semana. Para o melhor trabalho sobre o Gigante que hoje homenageamos haverá um prémio especial, além dos habitualmente concedidos.



PERGUNTE • PERGUNTE

Como deves ter notado, Amigo Jorge, a semana passada uma camaradona de uma gralha veio pousar-nos no caminho. Aquilo foi obra de um segundo! Mal vamos a olhar para ela e já nos tinha roubado umas palavritas, por sinal bem necessárias. Depois de a cuxotarmos é que vimos a linda obra que nos deixara. Isto, vê lá tu:

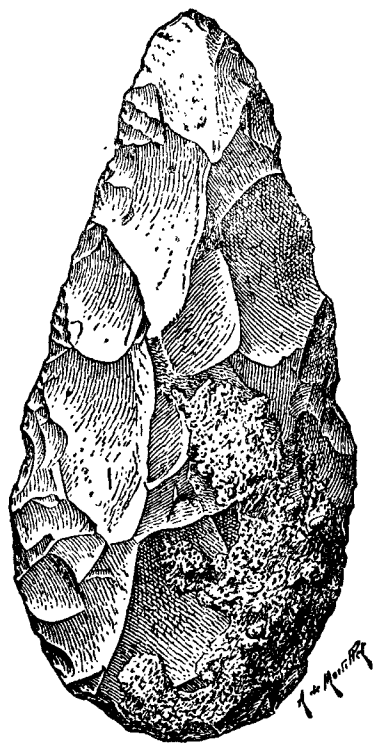
era um problema de vida ou de morte. Havia, antes de mais, que vencer o terrível fantasma da fome. Embora os primeiros agregados sociais fossem forçosamente constituidos por pequeno numero de indivíduos (a escassez alimentar não permitia o aumento da população) — facilmente se esgotavam as reservas alimentares. Nesta al

A VIDA NA PRÉ-HISTÓRIA (2)

AO AMIGO N.º 222
JORGE MÁRIO HORTA

«O ser humano não é o produto das condições geográficas.»

O que nós haviamos concordado era afinal no seguinte: que o ser humano não era apenas o produto das condições geográficas; que



as condições que mais nele influiam eram as sociais.

Reatemos a conversa no sítio em que a gralha meteu o bico.

Aquelas condições geográficas decerto que têm influência na vida humana. De resto o que é a vida humana, em grande parte, senão luta com as forças da Natureza? Mas aqui tens mais uma diferença entre o Homem e os restantes seres da criação. Para dominar um ambiente físico hostil, o homem primtivo sentiu profunda necessidade de se unir, de viver em sociedade. E como lutava socialmente o Homem com a Natureza? Destruindo-a, dimimando-a — tal como fazem os demais bichos?

Se bem que isto também suceda — e ainda hoje, infelizmente — o próprio das relações do Homem com o meio é uma tentativa cada vez mais firme e ousada para o dominar *por meio do trabalho*. Que significa a expressão por *meio do trabalho?*

Significa uma transformação inteligente das forças da natureza, com vista a utilizá-los em proveito da sociedade; significa ainda um outro facto *histórico* de alta importancia e que tu, Jorge Mário, não deves perder de vista: geração atrás de geração as sociedades procuram transmitir, *em bom estado, aos herdeiros*, os progressos no domínio da Natureza, os se quiseres outros termos, os progressos no campo das ciências e das técnicas. Eis fenómenos que só ocorrem entre homens e não com qualquer outro animal.

Que te parece? Talvez valha a pena repisarmos que o homem deve *ás condições geográficas* uma *resposta social*.

Nos primeiros tempos a união tura (e durante milhares e milhares de anos) o homem não produzia alimentos: limitava-se a colher os que encontrava — caracois, ervas, raízes, etc.; era aquilo que os historiadores designam por *Recolector*.

Estás a ver o que é que sucedia, não é verdade? O espectro da fome perseguia constantemente as sociedades primitivas e elas eram constrangidas a deslocar-se aos tombos, daqui para ali, só permanecendo num local enquanto este local lhes proporcionasse alimento. Suas noites deveriam ser pavorosas: lembra-te que ainda não se tinha *inventado* o fogo — espécie de cão de guarda que, nas longas noites da pré-história, afugentava os animais ferozes; tudo se lhe apresentava adverso; e no entanto dando ao mundo que o rodeava a tal resposta social, o homem ia sobreviver, ao contrário da maioria dos animais que foram contemporaneos dos primeiros homens.

Repara nos dois machados de mão, que publicamos junto: um do chamado período chelense, (o antiquíssimo; a matéria prima (sílex) apenas foi afeiçoada com meia duzia de toques; e outro, que dele dista uns milhares de anos(pertence ao período «acheleuse») é já de grande perfeição e exigiu um grande domínio técnico: basta ve

(Continua na ultima pagina)

Problemas dos jovens

Quando li o artigo do amigo Velosa da Silva (no Juvenil de 34-1-1959) resolvi dar-lhe uma pequena resposta; depois de ter lido o do amigo Carlos Cardoso, três semanas depois, esse meu desejo aumentou, mas no sentido de a resposta ser também dirigida a este amigo, em virtude de algumas das afirmações que ele fez. Portanto, este pequeno artigo engloba duas respostas reunidas.

Amigo Cardoso: não vejo que o Velosa tenha abusado de liberdade na escrita; além de tudo o mais, isso é uma coisa muito subjectiva e uma crítica — nunca é demais re-

TEDDY BOYS & C.ª

por ARMANDO DELFIM N. HASSE FERREIRA (16 anos)

petí-lo — deve ser objectiva, porque senão cai-se num debate estéril em que cada um procura quase sempre «puxar a brasa á sua sardinha» e do qual ninguém tira proveito algum; assim, sobre este assunto acho melhor nada mais dizer.

Considerando que um Teddy Boy não é um super-homem, diz você que lhe chamemos «toda a série natural de nomes». «...Nomes feios» também? Permita-me ainda que lhe pergunte se os nomes têm sérios; que eu saiba não têm.

Quanto á descontracção não me parece que a possuam. As suas acções são descontraídas? Isso está bem; mas elas são ocasionadas precisamente porque eles, Teddy Boys, são, poderemos dizer, contraídos, possessos de uma contracção nervosa género desespero que os leva a essas acções «descontraídas», mas não «desempoeiradas», que são as praticadas por indivíduos simples e sem «penceiras» (passe o calão) que quanto a mim são os verdadeiramente descontraídos. Por isso creio que essa descontracção do Teddy Boy tão apregoada por todos (incluindo eles próprios) pode referir-se apenas ás suas acções e não ás suas origens e motivos nem a esses «enfants gâtés».

Os países em que se dão geralmente os factos a que o amigo Velosa se referiu consideram-se e são considerados, por uns ou por outros, civilizados: Suécia, Noruega, Inglaterra, Estados Unidos da América, França, Russia, Polónia, Itália, etc. O que me admira é o seu espanto; não há grande razão para isso; esses países dizem-se civilizados e são-no apenas técnicamente, pois sob um outro ponto de vista — aliás muito importante — não o são: faltam aos seus habitantes espiritualidade, consciência verdadeira de si próprios e uma religião (ou pelo menos uma moral) pela qual possam compreender e realizar a vida, em vez de cometerem desacatos. Verifique que os Teddy Boys — e quem diz Teddy Boys diz toda a juventude que se lhe assemelha em qualquer terra — aparecem em países com uma maioria populacional de índole racionalista ou socialista. Mas também em países e povos considerados normalmente com um grau inferior de civilização em relação á Europa, como a União Indiana e algumas tribos nativas da União Sul Africana há umas espécies de Teddy Boys, embora surgidos, é certo, devido a determinantes diferentes.

Um dos maiores males desta crise é, precisamente, contra o que o amigo Velosa diz, os Teddy Boys não serem de um modo geral dotados de deficiências e complexos psíquicos; se assim fosse seriam alienados mentais e o problema não se equacionaria como actualmente está posto e não seria de tão difícil solução como é porque para loucos há casas de saude e terapeuticas especiais.

Outra das suas características é que ele não é tímido: é «cobarde»; por isso — principalmente na América do Norte — actua em «gangs» (só tem «medo» de actuar); o que em grande parte o leva a cometer essas acções é a sua cobardia e o medo de passar por fraco e incapaz aos olhos dos seus camaradas, mesmo quando não estejam organizados em grupos.

Propõe o amigo Velosa como solução do problema: 1.º) humanização desses rapazes; 2.º) assistência social, e 3.º) o isolamento desses mesmos rapazes por «quem de direito».

Concordo plenamente com a humanização, mas humanização pelo desenvolvimento de um verdadeiro humanismo cristão nesses rapazes, dando-lhes também personalidade e consciência de si próprios e incutindo-lhes civismo. Falando genéricamente, podemos salientar que não vemos um rapaz com uma conduta moral religiosa cocrente ser Teddy Boy.

Sendo assim, é evidente que a assistência social teria de ser completada por uma assistência moral, porque, caso contrário, ficaria incompleta.

Quanto ao isolamento... talvez

(Continua na ultima página)

vistos pelos jovens

O coração de Anibal batia descompassadamente. Fitava, como que hipnotizado, a bengala de bambu que o japonês revolteava, com despreocupação. Tinha um ar tão simples, tão de bengala inocente, aquele bocado de cana oriental — e no entanto era dele que a sorte do Mundo dependia, no dizer do grande detective Pararraios!

Seguiu-o a curta distancia até chegarem á Avenida 24 de Julho. Aí, fez sinal que descessem á Maria da Graça e ao José Martins, parados e vigilantes no cimo das escadinhas da Rocha.

— Desta vez não nos escapa! — murmurou Anibal Mendes, esfregando as mãos.

— Onde irá ele? — pergunta Maria da Graça.

— Isso gostava eu de saber! — retorquiu Anibal.

— E não etsamos aqui para outra coisa! — acrescentou José Martins.

— Anda rápido, o nipão! — verificou a Amiga do Barreiro —. E' capaz de sentir já o fogo que o persegue.

— Provável que sim. Mas a gente não se desmancha. Devemos seguí-lo com o ar mais natural deste Mundo...

— Ele fala português?

— Sim. Deve tê-lo aprendido com os comerciantes lusitanos no Extremo Oriente.

Sum Wi subia a Avenida. No jardim de Santos parou alguns instantes diante da estátua de Ramalho Ortigão. Depois admirou os cartazes do Cinearte.

— Pergunta-lhe se quer ir ver a fita! — exclamou Maria da Graça, com um sorriso, dirigindo-se ao José Martins.

— Fita vai haver e não tarda muito — respondeu este.

— Atenção! — murmurou Anibal entre dentes. Ele dirige-se para aqui. O melhor é separarmo-nos, não convém que el nos tope juntos...

De facto. Sum Wi dirigiu-se a Anibal Mendes.

— Pode dar-me uma informação? — perguntou com voz mansa e lenta.

— Da melhor vontade...

— Dizem-me que Lisboa é a cidade que possui os mais belos panoramas do Mundo.

— E não lhe mentiram..

(XVIII)

— Sim. Podia dizer-me onde devo dirigir-me para ter a prova disso?

Anibal não tirava os olhos da bengala de bambu, fascinado. Com tal insistência que Sum Wi notou e não foi capaz de esconder um movimento de nervosismo.

— Pode dirigir-se, por exemplo, ao Alto de Santa Catarina .. Se quiser, eu mesmo posso acompanhá-lo...

— Mas não a pé! Já estou desabituado das longas marchas... Tomaremos um táxi, importa-se?

— De maneira nenhuma!

Fez sinal a um automóvel que passava. «Cai na armadilha?», perguntara Anibal a si próprio.

Sentaram-se.

— Parece que simpàtiza com esta bengala... — disse repentinamente o japonês, com um sorriso.

— N...ão — gaguejou o rapaz. — Simplesmente acho-a muito estranha... muito bonita.

— De facto, E' de bambu autêntico. Nunca tinha visto?

— Nunca. Só de imitação.

Sum Wi pareceu ficar tranquilizado.

— Esta bengala tem uma história acidentada — , ao mesmo tempo que a levantava, até, com a ponta dela, chegar ao tecto do táxi, olhava de soslaio o rapazinho, tentando prescrutar as suas reacções. E com um sorriso:

— Logo lhe contarei!

Chegados que foram ao Alta de Santa Catarina, o Japonês encostou-se ao gradeamento admirando a paisagem. Alguns minutos decorridos, durante os quais o Japonês se encontrava. A voz de Anibal fez-se ouvir forte, segura, bem timbrada:

— Sum Wi, acabemos com a comédia. Entregue-nos, imediatamente, a *bengala de bambu*...

Sum Wi empalideceu e levantou-se, de um salto, com uma expressão feroz nos olhos miudos...

(CONTINUA)

murmurava só para si palavras estranhas, Anibal Mendes notou, com alegria que o jardim estava cheio de amigos. Além do José Martins e da Maria da Graça, viu o Joaquim, o Cirilo, o Vitor, a Elsa, a Margarida, a Manuela, o Carlos, o Ramiro... Esfregou as mãos, de contentamento. *Ninguém, com semelhante exército, podia evitar que a preciosa bengala de bambu lhes caísse nas mãos...*

— Não há duvida — e o japonês sentimental, elevou o peito num suspiro — que a vossa cidade tem um encanto muito especial.

E quase sem transição:

— Vamo-nos sentar um minuto, quer? Aproveitarei para lhe contar a acidentada história desta bengala. Gosta de aventuras, é?...

Sentou-se, cruzando a perna esquerda sobre a direita. Entretanto, a um gesto de Anibal Mendes, todos os amigos se aproximaram e rodearam o banco onde o Japonês

Por
MANUEL SALGUEIRO

Mina
que mina
busca no chão
a pedra fina

um clarão
ou o carvão
que o reduz
—escuridão
que vai dar luz...—
Mina
que mina
a vida inteira
deste homem sina
é ser toupeira
andar na guerra
da natureza
tirar da Terra
o que ela encerra
grande riqueza.
—E a ele pobre
miséria cobre !—
Ò gente amiga
gente fiel
que mina as minas
lá de Aljustrel
forte metal
que sem cansaço
reforça o aço
de Portugal !
Ò gente nossa !
A gente moça
desta cidade
te rende preito
do seu respeito
sua amizade !

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redação até ao próximo sábado 11 de Abril.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 100: I - CONCURSO GENTE NOSSA: Lisboa; II — CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE: SÃO TOMÁS DE AQUINO.

1. — Amigo N.º 205 — Manuel Pedro Bravo Pestana Gil (Lisboa).

2. — Amigo N.º 1625 — Maria Teresa de Oliveira Lemos (Lisboa).

3. — Amigo N.º 1568 — Victor João Lourenço de Araujo (Vi'a Franca).

4. — Amigo N.º 1570 — Natália de Sousa e Costa (Lisboa).

5. — Amigo N.º 81 — Maria Luisa Chaves Dias (Lisboa).

6. — Amigo N.º 1494 — António de Gois Pereira (Lisboa).

7. — Amigo N.º 14 — António José Coelho Peça (Leiria).

8. — Amigo N.º 1068 — Ana Maria Lory (Lisboa).

9. — Amigo N.º 1567 — Luís Fernando Andrade dos Santos (Torres Vedras).

10. — Amigo N.º 1569 — Candido Augusto Carneiro (Lisboa).

11. — Amigo N.º 1571 — Maria Matilde Pessoa Figueiredo (Lisboa).

12. — Amigo N.º 1572 — Maria Emília Rodrigues (Coimbra).

13. — Amigo N.º 1573 — José António Cartaxo Vicente (Lisboa).

1. — TRÊS LIVROS DA COLECÇÃO «CONTOS DE ENCANTAR» — Livraria Clássica Editora.

2. — «SINAIS NA SERRA» — Col. «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» — Clássica Editora.

3. — UM SÁBADO DE AVENTURAS» — Col. OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS — Clássica Editora.

4. — UMA QUINTA-FEIRA DE AVENTURAS — Col. OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS.

5. — CANTIGAS DE EL-REI DOM DINIS — Clássicos Portugueses — Clássica Editora.

6. — CRÓNICA DE D. FERNANDO — Clássicos Portugueses — Clássica Editora.

7. — «LEAL CONSELHEIRO» — por D. Duarte — Clássicos Portugueses — Clássica Editora.

8 a 13: «OS PIONEIROS», por Jack Schaefer — Ultimo volume da Colecção «MINIATURA» de LIVROS DO BRASIL, LDA.

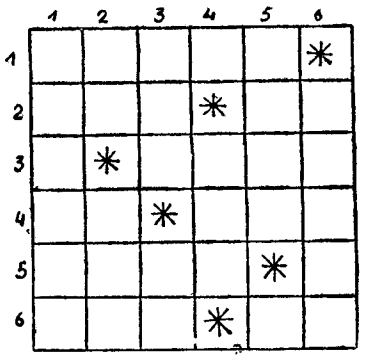
PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE SÃO TOMÁS DE AQUINO

14. — Amigo N.º 1499 — Aníbal José Paulista (Lisboa).

14. — «A HOLANDA» por Ramalho Ortigão — 2 volumes.

PALAVRAS CRUZADAS

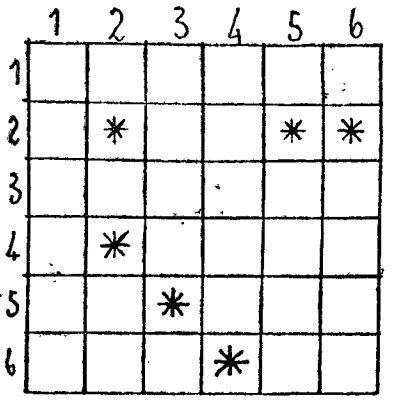
Francês



HORIZONTAIS: 1 — Cabeças. 2 — Verão. Ou. 3 — Leis. 4 — Promove pessoal. Terminação do particípio passado do verbo votar. 5 — Inferno, sem a consoante final. 6 — Sal. Acolá.

VERTICAIS: 1 — Barracas. 2 — Conjunção copulativa. Artigo indefinido. 3—Tal. Consoante de «multidão». 4 — Despe. 5 — Seda. 6 — Futuro do verbo usar.

Inglês



HORIZONTAIS: 1 — Dia do Sol, isto é, domingo... 2 — Ou. 3 — Passeando a cavalo... 4 — Em qualquer tempo. 5 — Como porque. Três letras de «ensaio, tentativa». 6 — Celeiro. Terminação indicativa das dezenas.

VERTICAIS: 1 — Corrente marítima. 2 — Por isso. 3 — Laço. 4 — Guiar. 5 — Ninho. 6 — Cinzento.

SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Sunday. 2 — Or. 3 — Riding. 4 — Ever. 5 — As. Esa. 6 — Mow. Ty.

VERTICAIS: 1 — Stream. 2 — So. 3 — Node. 4 — Drive. 5 — Nest. 6 — Gray.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Tetes. 2 — Ete. Une. 3 — Tel. Fl. 4 — Ote. 5 — Sole. 6 — Usera.

VERTICAIS: 1 — Tentes. 2 — 5 — Enfe. 6 — Sel. La.

HORIZONTAIS: 1 — Tetes. 2 — Ete. Ou. 3 — Lois. 4 — Tu. Tee. 5. 6 — Sel. La.

VERTICAIS: 1 — Tentes. 2 — Et. Une. 3 — Tel. Fl. 4 — Ote. 5 — Sole. 6 — Usera.

Inglês

Em plena estrada, um pacífico transeunte é assaltado.

— Mãos ao ar!

— Tenha piedade de mim! — implora ele — Tenho onze bocas a sustentar...

— E' chefe de família?

— Não, sou presidente de um grupo de futebol!

PELOS JORNAIS...

Uma notícia sensacional era encimada, num jornal italiano, pelo seguinte título:

«Preso quando comia um comerciante de tecidos»...

CAMPEÃO

O pai ralha com o Periquito:

— Não tens vergonha? És o rapaz mais desobediente do Mundo!

Logo o Periquito:

— E não sente orgulho em ser pai de um campeão mundial?

A novidade da semana

Na colecção a VIDA QUOTIDIANA, de que tantas vezes aqui vos temos falado, acaba de sair mais um volume:

A vida quotidiana no tempo de Joana d'Arc
por Marcelin Defourneaux

Como todos os anteriores é uma bela obra histórica cheia de rigor científico e que, no entanto, se lê como se fosse um romance.

Eis um livro que não poderemos deixar de recomendar aos nossos jovens leitores.

E' uma edição de Livros do Brasil, Ld.ª

TU GOSTAS DE EPOPEIAS VERDADEIRAS?

Dizem que sim? Então se gostas de epopeias verdadeiras, vividas por homens de carne e osso, não te esqueças de ir comprando, um a um, os três volumes até agora publicados na excelente colecção da Livraria Clássica Editora:

«VIAGENS — AVENTURAS — EPOPEIAS»

São as seguintes, essas três obras:

N.º 3 — Os caçadores de cabeças do Amazonas, por W. Up de Graff
N.º 1 — O Patrão do «Girl Pat», por Dod Osborne
N.º 2 — Rumo ao perigo, por F. A. Mitchell-Edges

São obras que tu lerás cheio de emoção, emoção ainda maior por saberes que as heroicas aventuras que lês são autênticas...

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se para si, aos sábados!

OS CAVALEIROS da TAVOLA REDONDA

por TROTE

ASSIM despedido, como se fosse um raio, atravessei as desbaratadas hostes inimigas, nelas semeando ainda maior confusão. E perdi-me nos espaços: atravessei montes e vales e rios; acordei com o meu tropel desabrido adormecidas e quietas aldeias; parecia nunca mais parar! Já meu nobre cavalo, que fora negro como um corvo, alvejava em borbotões de espuma; a custo corria: e aos poucos e poucos foi tardando no passe até que ajoelhou mansamente e caiu para o lado. Era num descampado, no topo duma colina. O silêncio que me apertava por todos os lados, metia medo. Desmontei com enorme dificuldade; olhei o meu querido companheiro de tanta caminhada: como arfava, o pobrezinho! Ajoelhei e limpei-lhe a espuma do pescoço; falei-lhe; pedi-lhe desculpa e ele parecia mesmo que me estava compreendendo, pois mirou-me com uma expressão de profundo agradecimento.

Entretanto a noite começou a cerrar-se. Que iria fazer naquele descampado? Puxei pelas rédeas ao cavalo, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Vá, meu amigo, vamos! Precisamos de encontrar poiso onde as feras nos não comam.

Vagarosamente, ele ergueu-se. Puxando-lhe pela arreata, recomeçámos caminho. Foi quando, passos adiante, topei com uma humilde cabana aconchegada por um anel de árvores. Quem viveria ali? Fui-me aproximando e nem um ruído ouvia. E' de algum eremita — pensei — e estará já a dormir... Empurrei a porta, cujos gonzos refilaram ruidosamente. Assim naquele descampado, assim de noite, já se calcula o susto que senti. Olhei em redor; mas já a noite escura se tinha apoderado de tudo á minha volta: nada se via a escassos metros de distancia. Então afiei o ouvido, sustive a respiração, para que nem o mínimo ruído perturbasse a minha atenção: e mais uma vez me dei conta de como era pesado aquele silêncio.

Não havia duvida: aquela casa estava deserta. Aos apalpões, entrei. E luz? Voltei atrás e, abaixando-me tacteei o chão em cata de duas pedras. Não foi difícil encontrá-las. Pus-me depois *a* varrer o solo com ambas as mãos, a fim de reunir gravetos, folhas secas. Conseguido o meu intento, mas já com as mãos arranhadas, feri as pedras para delas tirar uma faísca. A coisa custou, mas finalmente lá se pegou fogo ao monte de folhas muito secas. Ao ver a chama espreguiçar-se alegremente na direcção da minha cara, até esqueci o cansaço, o susto e o desgosto que me consumiam. Guiado pela fogueirinha fui desencantando por todo o lado bons cavacos e até mesmo algumas ramadas mais grossas.

Empunhando um pedaço de madeira a arder, entrei na cabana. Tudo ali estava irrepreensivelmente limpo. Em cima duma grande lousa

havia uma cama feita de palha e folhas de árvores. Isto era a um canto, ao fundo, á esquerda... Parece que a estou vendo! Cama já eu tenho — disse para com os meus botões. E a lareira? A cabana, apesar da estação do ano, tinha uma temperatura pouco agradável. Segui com a vista

todo o resto da cabana e lá topei com o sítio da lareira. Possuía mesmo uma chaminé. A lado, uma mesa tosca, feita de pernadas de árvore e com meio tronco de árvore a servir de tampo.

Saí até ao relento e comecei a transportar achas acesas para a cabana. Dentro em pouco a lareira rejubilava, de tanta luz. Nessa altura é que deparei com duas marmitas, batatas, um pichel de vinho, uma almotolia de azeite e um almofariz com sal grosso. Pensando em comida senti, na verdade, a grande fraqueza em que estava. Rápidamente pus ao lume uma das marmitas com agua que encontrei numa bilha e deitei-lhe dentro umas batatas.

Enquanto elas coziam fui tratar do cavalo, que tremia. Descobri então, num dos lados da casa, um telheirozinho cuja cobertura e paredes eram de feno. Para lá encaminhei o meu companheiro, dei-lhe de comer e de beber. Depois cobri-o com o meu manto.

Mal acabei de mastigar as batatas senti um peso enorme nos olhos. Ah! como agora me doía o corpo todo! Depois duma batalha exaustiva, uma caminhada exaustiva... Custosamente, fui tirando a armadura.

O que me sucedeu já vós o calculareis ao saberdes que, abrindo os olhos, era dia alto e fazia um sol radioso. Não chegara a tirar por completo a armadura: vencido pelo sono, caíra para o lado.

Ainda sentia o corpo muito moído. Ergui-me. Lá fora soou um ruído e estremeci. Nos primeiros momentos não sabia onde estava, mas aos poucos fui-me recordando da noite anterior. Lá fora soou outra vez um ruído qualquer. Agarrei na espada e encaminhei-me para a porta. De repente, que vejo eu á frente dos meus olhos? Um letreiro de madeira que dizia:

Se és pecador, irmão, não te esqueças de remir o teu pecado. Outros assim o fizeram, aqui mesmo, nesta cabana, longe de tudo e de todos. Que Deus te aconselhe e se amerceie da tua alma!

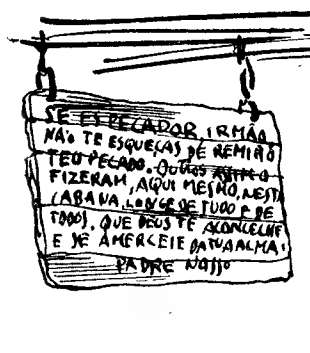
Padre Nosso.

Foi como se um raio me encandeasse! Vi á frente dos olhos a minha própria pessoa, no campo de batalha, correndo de espada erguida para o traidor que gravemente ou mortalmente ferira o bom cavaleiro Eduino, vosso pai, pelas costas. E via a cabeça do cobarde a rolar, a rolar... Então caí de joelhos. Fora eu mesmo o justiceiro do meu amigo, aquele que até aí considerara como irmão. Ele merecera; na verdade ele merecera: mas quem era eu para fazer justiça por minhas mãos? E prevenira eu o desleal de que ia feri-lo com o meu braço vingador? Dissera-lhe ao menos:

— Miserável! Vais ter o castigo do teu crime nefando?

Não. E não lhe oferecendo sequer um minuto para o arrependimento, eu tinha-o empurrado afinal para o inferno. Era tão criminoso como ele!

Meus olhos inundaram-se-me de lágrimas. Lá fora, alguém batia nas paredes de madeira da cabana. Pensei que era chegada a hora do meu castigo.



ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Lembro-me perfeitamente dele; parece até que estou a vê-lo! Era um lindo cão, vagamente Serra da Estrela; no físico apenas é que era vagamente, porque na valentia, na coragem, na dedicação e no ódio era, sim, um serrano da gêma. Não havia cão ou cachorro que o não temesse — a fama de terrível batalhador estendia-se muitas léguas em volta.

Onde aparecia o «Zaire», entrava o terror. De cães e gente. Mas para os donos, que manso era, que dedicação desinteressada manifestava nos olhos ternos, na ternura com que encostava o focinho negro, no cuidado com que estendia a pata peluda!... O «Zaire» era um cão, como se diria hoje... estupendo!

Um dia, nem sei já como, conheceu uma cadelinha, uma lulu mimosa, pequenina, branca, ladina. O bom do «Zaire» que era uma fera assanhada para todo o animal de pelo que lhe passava em frente do focinho, mostrou-se para com a «Belita» — era a graça da cadela — de uma atenção e um cuidado muito cavalheirescos. Nunca lhe mordeu, nem consentiu que alguém a maltratasse. Deixava-se morder, arranhar, puxar a cauda, com uma paciência muito evangélica, desinteressada. Quando pensava que só uma das suas patas a podia esmagar, deitava-se, pachorrento, e consentia as ladinas brincadeiras da bichinha, até que esta se fartasse e abalasse a correr, em busca de outra companhia menos surumbática...

Parecia compreender que «Belita», ao pé dele, era uma criança, digna de protecção.

Mas o «Zaire» só era assim para os donos e para ela. De resto, não havia ninguém que se aventurasse, sequer, nas imediações do portão da quinta. Havia histórias e mais histórias sobre a ferocidade do cão, homens tratados no hospital, calças rotas mesmo em sítios que a decência proíbe, etc., etc., um nunca mais acabar.

Mas a mais curiosa história do «Zaire» é aquela do gatuno que entrou uma noite, na propriedade em que viviam. Parece que o homem não era daqueles sítios ou que lá entrou acossado de outras bandas. O que é certo é que não devia saber da existência do guarda fiel que ali pernoitava. Precisamente no momento em que pretendia o gatuno saltar para a propriedade vizinha, a fim de chegar á estrada — a salvação — o bom do «Zaire» farejou algo de estranho e correu. Correu a tempo de apanhar o homem junto ao muro que pensava escalar. Não o pôde fazer, porém; o «Zaire» não deixava que alguém entrasse ou, se deixava entrar sem querer, era mais que certo que já não saía.

...Quando a manhã raiou e o caseiro passou a primeira busca pela quinta, encontrou esta insólita situação: encostado ao muro, um homem de mau aspecto, esfarrapado, pálido; e deitado aos pés dele, o bom do «Zaire», de focinho voltado para o visitante, os olhos atentos ao mínimo movimento.

O homem contou, ainda trémulo das lágrimas que lhe bailavam na voz, que toda a noite ali ficara, estarrecido, estatelado contra a parede. Ao menor gesto, o cão rosnava e mostrava uma dentuça tão ameaçadora, que ele não tinha podido sair da incómoda posição. Nem sequer se pudera sentar, que bem o tinha tentado, por mais de uma vez!

Chamado o dono, ouvido o relato da caçada e do susto tremendo que horas a fio o desgraçado ali sofrera, foi mandado em paz. Que para castigo já bastara o daquela noite em branco...

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados

Amigo n.º 856 — Francisco José Fernandes: Experimenta então fazer a primeira entrevista e manda para apreciarmos. Teremos muito gosto nisso.

Amigo n.º 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa); Cá aguardamos o teu artigo sobre o «Hula Hoop». Mas não me obrigues a dançá-lo, não?

Amigo n.º 403 — José Augusto Folga da Silva (Lisboa): Ainda esta semana deverás receber o livro. Obrigado pela tua paciência.

Amigo n.º 3572 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Que lugares ocupas entre os Amigos do Juvenil? Aquele que mereces: entre os da «Velha Guarda», entre os que melhor colaboração e amizade nos têm dispensado. Vamos saber o que se passa com o livro. Entretanto toma nota que gostaríamos que conhecesses, aí no Porto, alguns dos nossos Amigos também da «Velha Guarda». Um, por exemplo, é o n.º 67 — a Margarida Losa, que mora na Rua do Campo Alegre, 942.

Quanto á Maria do Céu, manda-lhe dizer que eu estou totalmente zangado com o silêncio dela (não com ela, portanto...)

Vamos publicar «A VELHA».

Amigo n.º 1243 — Teófilo Valente de Araujo (Almada): vamos mandar a carta para a destinatária.

Amigo n.º 67 — Margarida Losa (Porto): Obrigada pela tua visita e parabéns pelos dezasseis...

Agostinho de Brito Macedo: Não tenhas receio. Podes publicar á vontade os contos no «Correio do Sul». Mandar-te-emos o que nos pedes. Continua a enviar-nos colaboração.

AMIGOS NOVOS ENTRADOS ESTA SEMANA

1566 — Luís de Jesus Ferreira (Lisboa); 1567 — Luís Fernando Andrade dos Santos (Torres Vedras); 1568 — Vítor João Lourenço de Araujo (Vila Franca); 1569 — Candido Augusto Carneiro (Lisboa); 1570 — Natália de Sousa e Costa (Lisboa); 1571 — Maria Matilde Pessoa de Figueiredo (Lisboa); 1572 — Maria Emília Rodrigues (Coimbra); 1573 — José António Cartaxo Vicente (Lisboa).

DEPOIS DE SHANE...

Poucos serão os nossos jovens Amigos que não conhecerão esse maravilhoso livro «**Shane**», da autoria de Jack Schaefer, que começava com as seguintes palavras:

«Foi em '89 que ele chegou, a cavalo, ao nosso vale. Nesse tempo era eu um garoto que mal chegava ao cimo do taipal traseiro do carroção fechado de meu pai. Estava em cima da travessa superior da vedação do nosso pequeno curral, encharcando-me do ultimo sol da tarde, quando o vi, lá ao fundo da estrada, no ponto em que ela voltava da planície para o vale».

Pois bem: Livros do Brasil, que já editara o «**Shane**», acaba agora de lançar mais um livro de Jack Schaefer — um livro de contos, por sinal. Chama-se ele:

OS PIONEIROS

e tem igualmente como ambiente o Far-West americano, na época em que os pioneiros desbravavam esse país imenso.

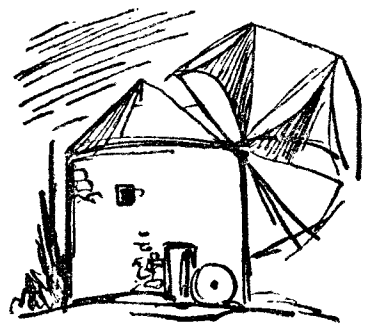
Eis um livro que vai interessar vivamente os nossos amigos. (E' já o volume n.º 99 da Colecção «Miniatura»!)

O pinho, plantado pelo bom rei D. Dinis faz parte integrante da nossa vida. Não podemos passar sem ele. Serviu-nos de auxiliar precioso nos grandes descobrimentos, pois seriam de forte pinho as naus que os Portugueses tripulavam; continua hoje a ir ao mar, para não perder o costume nos barcos dos pescadores, barcos mais modestos mas tão necessários á vida do País.

Precisando, há dias, de fazer umas prateleiras encarreguei desse trabalho o senhor Joaquim, aqui do bairro. E depois do trabalho feito mandei-lhe que lhe desse uma demão de «viochene».

A propósito: sabes o que significa e de onde nos vem este *viochene?* Aposto que não sabes! Então escuta: «viochene» é um líquido que se aplica ás madeiras para lhes dar uma aparência de castanho antigo. Castanho é madeira nobre, no dizer de Aquilino Ribeiro, e por isso toda a gente gosta de ter em casa objectos feitos nessa madeira, que é mais resistente e mais bonita. Quando não pode ser a madeira pro-

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



priamente, cada qual já se contenta com as aparências...

Ora *castanho antigo* diz-se em francês «vieux chêne», e já não é dificil ver agora de onde vem o nosso *viochene*. São quase irmãos gémeos, o *viochene* e o «vieux-chêne»...

* * *

Os operários recebem os salários; certos profissionais liberais recebem os *emolumentos;* os trabalhadores agrícolas recebem a *jorna.*

E' interessante conhecer de onde vieram estas expressões.

Entre os romanos, a gente mais pobre alimentava-se de pão com sal *(panis cum sale).* O sal servia, deste modo, de conduto, evitando que se comesse o pão por só. Aos soldados romanos era paga, pois, uma determinada importancia destinada á compra do sal com que os seus familiares e eles próprios acompanhariam o pão. Essa importancia chamava-se em relação ao fim a que se destinava, *salarium.*

Salário era e *salário* ficou. Assim se chama ainda hoje ao pagamento dos pobres, embora eles, felizmente, já não se contentem só com o «panis cum sale» (Quem lhos dera, outras vezes).

Emolumentos representava o pagamento que se fazia ao moleiro pelo trabalho de transformar o grão em farinha. Assim *emolumentum* deriva de *emolere,* moer.

Finalmente *jorna* representava uma medida agrária. *Jorna* era a distancia que se podia trabalhar num dia. Receber a *jorna* era receber uma importancia devida pelo facto de se ter cumprido uma jorna, isto é, um dia de trabalho.

NOTAS DE LEITURA

Um belo quadro da vida medieval

Outro dia uma ilustre professora do liceu, não de História mas de Germanicas, confessava-me esta coisa extraordinária: que os jovens, na sua maioria, não gostam, mesmo o que se chama nada, de História, enquanto essa História vive dentro das muralhas do liceu; fora delas, através de livros extra-programa, esses mesmos jovens estudantes adoram-na. Eu sei o que vocês estão a pensar neste momento... Vocês estão garantidamente a pensar o seguinte:

—Ora, mas que grande novidade este amigo nos vem dar!...

Claro, que não dou. Mas era assim mesmo que tinha de começar a nossa conversa de hoje. Na verdade ao ler «A Vida Quotidiana no Tempo de Joana d'Arc», livro tão rico e apaixonante, foram aquelas as palavras que me saltaram á ideia. Que noção fazemos nós do passado? Nunca pensaram nisso? Então façam um esforço. Eu não gosto de ser abelhudo, mas estou quase certo que para vós, como para a esmagadora maioria das pessoas, o passado, a História, é assim um parente próximo do romance — quer dizer um conjunto de acontecimentos cuja realidade apenas existe nas páginas impressas dos livros...

Acertei? Admito que muitos de vós não concordarão comigo. Mas eu teimo: é apenas porque não pensaram bem, no assunto. A leitura dum livro como esta «Vida Quotidiana no tempo de Joana d'Arc» é que nos fornece a melhor prova. Quê? Pois a vida na Idade Média é tudo isto? *Mas que coisas extraordinárias...*

A começar pelo país: uma França feita de centenazinhas de Franças, cada uma com o seu senhor, algumas vezes mais poderoso que o próprio soberano. Fronteiras portanto, em todo o lado: estradas— nenhumas; as florestas infestadas de bandos de cavaleiros-ladrões que têm seu covil, em castelos no cabeço de montes.

E a vida dos homens? Vida? Mas há uma vida comum a todos os homens nesta Idade Média ainda retintamente feudal? Que faz o nobre que seja comum ao burguês ou artesão ou ao campónio? Nascer e morrer apenas. O resto... — o resto, mais de vagar. Vejam este jovem fidalgo! A vida apresenta-se-lhe a frente dos olhos como uma bela aventura: torneios, cavalaria, o amor, os feitos de armas, a guerra...

Que disse eu? Foi guerra, não foi? Mas que pensa dela o camponês? Uma via sacra cujos passos são o exterminio, a morte, o roubo, o saque, a negação do amor e da alegria. E atrás dela a fome, as epidemias — que perseguem toda a Idade Média como o anjo negro da dor.

E os burgueses? Eles pensam que o comércio vive melhor nas estradas pacíficas e que não florescem as feiras onde crepita o desassocego.

Claro que todas as classes da população têm suas horas de tristeza e de alegria. Mas também aqui as

diferenças são enormes; que semelhança há entre o faustoso torneio fidalgo e os cantos e as danças do vilão? Na verdade a vida é rica, mesmo no longínquo passado. Eis o que nos revela sobre a Idade Média — nos tempos de Joana d'Arc — este excelente livro de Marcelin Defourneaux.

A. C. D.

«A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC» por Marcelin Defourneaux, tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias, edição de Livros do Brasil.

FLASH

O balão não rebenta

Perdi o comboio para Cascais quando diz por um suspiro. Eu chegara á estação de Alcantara e ele a partir desabalado.

Deixá-lo. Tenho uma hora a minha frente para não fazer nada. Tão raro acontecer isto! Uma hora sem nada dentro, para a enchermos como bem nos der na real gana, é um milagre nos tempos que vão correndo!

Disponho-me a instalar-me nessa hora com armas e bagagens. Começo por me sentar, respirar fundo. Atiro para a frente os olhos vadios, como quem solta os cães. Ide! Ide, por aí fora, lançai vossas redes na distancia, um dia a recolhereis repleta de peixes valiosos!

Tamborilo os dedos na pasta cheia de livros. Não sou tão tolo que va abri-la! E' o vais!

Acontece que esta decisão peca por ser pouco decidida. Por isso me levanto, dou um giro no cais provinciano, cumprimento as florinhas miudas que formam um coral se exibem no dedal de terra encostado á valeta.

Fatigado, volto a sentar-me.

Então reparo que tenho um companheiro de banco. Seis anos, sete o máximo. Loiro, as sardas avivadas junto ás asas do nariz. Macilento. Os olhos azuis estão recapitulando o céu. Não pára um instante. Os pés descalços e roxos do frio andam num sarilho. Sete tampinhas de cerveja — quatro para balizas, uma para bola. Vai jogando e vai relatando o jogo: Aguas, passa a não sei quem, não sei quem «devolve» a Aguas... E é goooooloo!» Batoteiro. Arranja sempre as coisas de maneira que seja o Benfica a ganhar...

De repente, suspende a partida. Ainda de joelho em terra. Ainda com o indicador encostando a unha ao chão, apto para o chuto... Aparece por ali um reizinho agarrado á mamã. Segurava um balão colorido...

— Aquilo é que eu queria! — diz-me o chiquito pobre, apontando.

Senta-se a meu lado, balançando as pernas.

— Para que o querias tu? — pergunto.

— Ia por aí fora! Agarrava-me a ele e ia por aí, até ás nuvens!

Pausa. Atrás dos olhos, a aventura prossegue mais viva, mais real.

— E se o balão rebentasse? — disparo eu, no jogo.

— Não rebentava.

— Porquê?

— O meu não rebentava.

Digo que também gostava de ter um balão, de ir por aí fora...

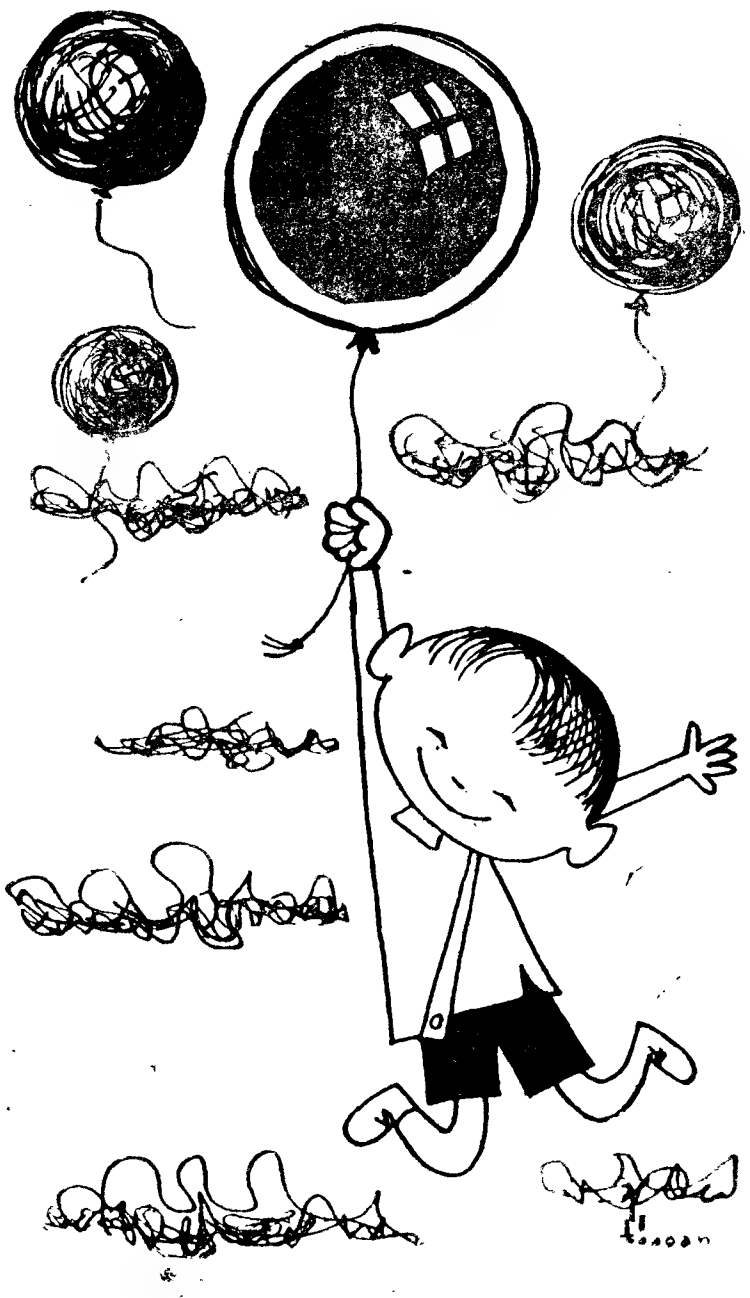
— E's maluco! — e fez o gesto sabido — o teu balão rebentava logo e depois?

Fito-o muito a sério, tem razão, em não pensara naquilo, nunca pensamos que o nosso balão rebenta. O menino vê-me a tristeza estampada no rosto, acrescenta.

— E' mentira. Podes ir á vontade que eu digo que não rebenta. Estás contente?

Ai não que não estou!

MANUEL AGRA



ANTOLOGIA

«Recebi a tua carta, meu Sancho da minha alma, e juro-te, como católica, que não faltaram dois dedos para eu ficar louca de contentamento. Olha, mano, quando eu ouvi dizer que estás sendo governador, por pouco não caí morta de puro gozo; que tu bem sabes que dizem que tanto mata a subita alegria como a grande aflição. A Sanchita, de puro contentamento, pôs-se num charco sem se sentir. Eu tinha diante de mim o fato que me mandaste, e os corais que a senhora duquesa me enviou ao pescoço, e as cartas nas mãos, e o portador ali presente, e ainda me parecia, com tudo isso, que era sonho o que eu via e tocava; porque, também, quem é que podia pensar, que um pastor de cabras ainda havia de ser governador de ilhas? Bem sabes, amigo, que dizia minha mãe que para ver muito era necessário viver muito; digo isto porque espero ainda ver mais se mais viver, e cuido que ainda hás-de vir a ser recebedor de sisas, ou cobrador de alcavalas, que, ainda que são ofícios que em se usando mal deles leva o diabo quem os usa, enfim, enfim, sempre mexem em dinheiros. A duquesa minha senhora te dirá o desejo que tenho de ir á corte; pensa nisso e dize-me o que queres que eu faça; que procurarei honrar-te na cidade, andando sempre de coche.

O cura, o barbeiro, o bacharel, e até o sacristão, não querem acreditar que sejas governador, e dizem que tudo são embelecos ou coisas de encantamento, como todas as de D. Quixote, teu amo; e afirma Sansão que te há-de ir buscar e tirar-te o governo da cabeça e a D. Quixote a loucura dos cascos. Eu, então, não faço senão rir-me a olhar para o rosário e a pensar no vestido que tenho a fazer do teu fato para a nossa Sanchita. Enviei umas bolotas á senhora duquesa e bem quisera que fossem de ouro. Manda-me alguns fios de pérolas se nessa ilha se usam.»

(Trecho da carta escrita por Teresa Pança, mulher de Sancho Pança, então governador da ilha da Barataria. Do livro genial «DOM QUIXOTE DE LA MANCHA» de Miguel de Cervantes Saavedra).

Problemas dos jovens vistos pelos jovens

(Continuação da 1.ª página)

em certos países fosse mais fácil isolar os outros — os que não são Teddy Boys — do que aqueles que o são... E quem é «quem de direito»? Será a mesma sociedade que é responsável pela existência desse género de juventude? Se assim é creio que teria bem poucos direitos.

Note-se que a solução não é só reeducar os Teddy Boys, mas também os adultos que ainda não cometem tantos desacatos como os da geração mais nova nem se chamam ainda Teddy Men (e aqui é que está o nó do problema), mas (e agora é para si, C. Cardoso) que são os responsáveis pelas atitudes dos adolescentes precisamente porque não lhes deram princípios morais nem cívicos — é certo que talvez porque os tivessem já perdido; mas, se assim aconteceu foi por culpa própria e não por nossa culpa, nem desses infelizes e desgraçados Teddy Boys.

ARMANDO DELFIM N. HASSE FERREIRA

A VIDA NA PRÉ-HISTÓRIA

(Continuação da 1.ª página)

res a grande quantidade de toques que o artista deu na pedra.

Por meio do trabalho o homem separava-se do reino animal. No decorrer da pré-história, passando o Paleolítico Inferior e depois o Superior(onde se situam as belas manifestações artísticas das cavernas), a experiência humana enriquece e com ela passa o homem a distanciar-se cada vez mais dos restantes animais.

TROTE

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE: RUA DO DUQUE DE LOULÉ, 148 — PORTO

Relatório e Balanço da Gerência de 1958

SENHORES ACCIONISTAS:

Para cumprimento das disposições legais e estatutárias, temos a honra de apresentar e submeter á vossa deliberação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1958.

Produção e venda de energia electrica

		1948 kWh	1957 kWh	1958 kWh
Energia hidráulica recebida da Central do Lindoso		124 551 130	184 353 157	**236 169 868**
Energia hidráulica recebida das Centrais de Pego do Altar e Vale do Gaio		—	1 058 690	1 956 836
Energia térmica emitida	Freixo	27 736 061	22 803 568	4 581 166
	Cachofarra	46 723 250	16 044 865	3 678 052
Energia recebida de outras empresas (Norte)	Comp. Nacional de Electricidade	—	184 607 894	176 784 499
	Outras empresas	18 598 161	20 712 985	22 478 225
Energia recebida de outras empresas (Sul)	Comp. Nacional de Electricidade	—	123 032 415	144 334 645
	Outras empresas	4 964 200	—	—
Energia entregue ás redes de AT	Norte	170 885 352	412 477 604	440 013 758
	Sul	51 687 450	140 135 970	149 969 533
	Total	222 572 802	552 613 574	**589 983 291**
Energia vendida com carácter eventual a outras empresas (Norte)		15 427 222	14 892 686	15 660 925
Energia vendida a clientes	Norte	138 769 900	380 580 764	411 227 563
	Sul	48 243 413	128 338 379	138 166 239
Energia total vendida		202 440 535	523 811 829	**565 054 727**

Os valores que indicamos traduzem, na sua frieza, a posição da nossa sociedade no conjunto eléctrico nacional e a evolução que tem sofrido nos ultimos dez anos.

Dentro da orientação já traçada em relatórios passados, faremos alguns comentários a estes valores, para se tornarem bem aparentes o seu conteudo e significado.

1) Da Central do Lindoso recebemos 236,2 milhões de kWh, valor máximo registado desde sempre. Com efeito, os máximos havidos anteriormente tinham sido de 223,9 milhões de kWh em 1952 e de 224,3 milhões de kWh em 1956. A emissão média anual desta Central, desde que se concluiram as obras de ampliação, é de 202,1 milhões de kWh. Em relação a 1957 a diferença é extremamente sensível; com efeito, o aumento verificado é de 52,2 milhões de kWh correspondente a 28 %. Este facto deve-se ás boas caracteristicas hidrológicas do ano de 1958; na realidade, ao passo que em 1957 o coeficiente de hidraulicidade foi apenas de 0,84, no ultimo ano este índice alcançou 1,38, com o valor de 1,44 na zona Norte. A Central do Lindoso tem a 3.ª posição no conjunto de todas as oficinas hidroeléctricas do País, a seguir a Vila Nova (Hidro Eléctrica do Cávado) e a Picote (Hidro-Eléctrica do Douro).

2) A repartição das chuvas não foi, porém, igual ao longo do ano, sendo o mês de Janeiro ainda afectado pela estiagem de Outono que se prolongou para além do habitual.

Por esse facto, as Centrais térmicas que tinham iniciado a sua laboração em Outubro de 1957, só puderam parar em fins de Janeiro de 1958. As nossas Centrais do Freixo e da Cachofarra produziram cerca de 8,2 milhões de kWh, dando assim uma contribuição valiosa para o complemento térmico necessário á produção hidroeléctrica. Em relação a 1957, a produção térmica acusa contudo uma baixa sensível.

Embora a Central da Tapada do Outeiro (Empresa Termoeléctrica Portuguesa) deva entrar em serviço nos primeiros meses deste ano, nem por isso as nossas instalações termoeléctricas se devem considerar de menor valia, pois em anos de caracteristicas hidrológicas muito baixas é natural que se tenha de recorrer a toda a potência térmica existente. Além disso, as Centrais do Freixo e da Cachofarra desempenharão sempre papel de relevo como reserva e socorro das nossas redes do Norte e do Sul; de qualquer forma, pode dizer-se que estas Centrais cumpriram o seu dever e que, mercê do especial cuidado havido na sua manutenção e conservação, prestaram serviços inestimáveis á economia do País.

3) As Centrais hidráulico-agrícolas de Pego do Altar e de Vale do Gaio continuam a representar elemento de pouco interesse no conjunto da nossa rede; efectivamente, apesar da boa hidraulicidade verificada no País, apenas a Central de Pego do Altar trabalhou poucos meses no ano, pois a Central de Vale do Gaio só iniciou a sua exploração nos ultimos dias de 1958, devido ás chuvas abundantes caidas no mês de Dezembro.

A energia produzida por estas Centrais não foi além de 1,9 milhões de kWh.

4) A energia recebida pela rede de alta tensão representou cerca de 590 milhões de kWh, com um aumento de 37,3 milhões sobre o ano anterior. A emissão máxima diária da nossa rede do Norte atingiu 1 966 154 kWh, no dia 28 de Novembro de 1958, com a ponta máxima de 135 000 kW, ás 11 h. e 30 m., o que corresponde a uma utilização de 14 horas e meia ou a um factor de carga de 60 %.

Na nossa rede do Sul a emissão máxima diária foi de 509 000 kWh no dia 20 de Novembro. A ponta máxima correspondente foi de 28 150 kW e registou-se ás 10 h. e 50 m.; a utilização continua a ter valores elevados, pois atingiu cerca de 18 horas ou seja um factor de carga de 75 %.

No conjunto da rede (Norte e Sul) o valor máximo diário de emissão foi de 2 423 154 kWh e a ponta máxima correspondente foi de 158 000 kW.

5) O numero índice que representa expressivamente a actividade da empresa e a sua posição no conjunto eléctrico nacional é, sem qualquer duvida, a energia vendida. Em 1958, atingiram-se 565 milhões de kWh com um aumento de 41 milhões sobre o ano anterior, correspondente a cerca de 8 %, contra 12,4 registados em 1957. No consumo permanente do País o aumento registado foi de 10 %.

O índice de 8 % continua no entanto a ser elevado, pois corresponde a uma duplicação do consumo em menos de 10 anos e é superior á taxa média verificada na maioria dos países da Europa, em que normalmente se anda pelos 7 %.

6) De 1948 a 1958, passámos de 202 milhões de kWh vendidos para os 565 milhões acima referidos, isto é, a venda foi multiplicada pelo factor 2,8. Este aumento é significativo: revela claramente o desenvolvimento da nossa empresa e traduz-se, em ultima análise, por investimentos pesados para se atender a este crescimento.

Na verdade, os investimentos acompanham o consumo e assim, se neste decénio a energia vendida aumentou 2,8 vezes, os investimentos cresceram na mesma proporção, o que fácilmente se confirma, cotejando os balanços de 1948 e 1958.

Em relação á energia total permanente distribuida no País, pela rede abrangida pelo Repartidor Nacional de Cargas, a nossa venda representa um pouco mais de 30 %, quer dizer, continuamos a manter a posição de relevo que sempre temos ocupado na rede eléctrica nacional.

7) A energia vendida reparte-se pelas seguintes classes de consumo:

Distribuidoras	257 548 981	kWh	45,6 %
Têxteis	72 188 807	»	12,8 %
Ceramica e Materiais de Construção	60 026 418	»	10,6 %
Químicas e Electroquímicas	52 090 464	»	9,2 %
Alimentação	23 014 729	»	4,1 %
Metais e Construção Mecanica	19 690 167	»	3,5 %
Outras Empresas	15 660 925	»	2,8 %
Papel	12 177 123	»	2,2 %
Cortiça	6 447 295	»	1,1 %
Mineiras	5 333 482	»	0,9 %
Vestuário	4 186 700	»	0,7 %
Aguas	2 873 144	»	0,5 %
Diversas	33 816 492	»	6,0 %
	565 054 727	»	100,0 %

Destacamos este ano mais 3 classes de consumo, pelo relevo que têm, umas; pela importancia que virão a ter outras. Assim, aparecem pela primeira vez indidualizadas as classes de consumo do papel, do vestuário e da elevação de águas. Devemos notar que o consumo na industria do papel é devido essencialmente á fábrica da Companhia Portuguesa de Celulose e que os outros provêm de desenvolvimento em classes já existentes e que anteriormente estavam englobados na rubrica «Diversas»; o consumo total na elevação de águas é evidentemente muito superior ao valor indicado, mas não se pode discriminar, dado que é medido em globo no fornecimento ás distribuidoras, isto é, a maior parte do consumo para esta finalidade está incluida na pirmeira classe.

As distribuidoras continuam a ocupar a posição de relevo que sempre têm tido, com 258 milhões de kWh, correspondente a 45,6 %, percentagem ligeiramente superior á verificada em 1957, que foi de 44,1 %.

A ordem de classificação por consumos das restantes classes mantém-se aproximadamente a mesma do ano anterior. Com efeito, as industrias têxteis mantêm-se no segundo lugar, embora em ligeira regressão, tanto em valor absoluto — 72,2 milhões de kWh contra 73 milhões do ano anterior — como em percentagem: 12,8 contra 13,9%; a de Ceramica e Materiais de Construção acusa um progresso, de 60 milhões de kWh contra 56,6 milhões, e a de Químicas e Electroquímicas denota uma ligeira baixa em consequência da menor produção de carboneto, na fábrica da Empresa Industrial do Freixo.

O nosso mercado mantém, como se vê, as suas caracteristicas essenciais, não registando qualquer alteração digna de nota.

8) O movimento de contratos e clientes é dado pelos seguintes numeros:

Alta Tensão

		1957	1958
Numero de clientes	Norte	480	490
	Sul	100	111
	Total	580	601
Numero de postos de transformação	Norte	805	844
	Sul	207	231
	Total	1 012	1 075
Potência ligada (kVA)	Norte	189 805	191 911
	Sul	46 444	54 434
	Total	236 249	246 345
Contratos novos		19	31
Contratos renovados		33	38

Baixa Tensão

Numero de clientes	20 820	22 848

A observação dos numeros referidos acima permite-nos concluir que o desenvolvimento da nossa empresa se vai processando seguramente; na verdade, continua a aumentar o numero de clientes, o numero de postos de transformação ligados e a potência correspondente; merece referência especial o valor de 246 000 kVA instalados nos postos de transformação, notando-se que a potência especifica por posto de transformação se mantém sensivelmente constante.

É de 22 848 o numero de clientes ligados ás nossas redes de baixa tensão nos concelhos em que somos distribuidores — Almada, Seixal, Sesimbra, Palmela, Alcochete e freguesias rurais de Setubal. O aumento em relação ao ano anterior é de 2 028 clientes, correspondendo sensivelmente a 10 %.

O consumo das nossas redes de baixa tensão continua a representar parcela insignificante do volume total de energia vendida; de facto, em 1958, esta percentagem foi apenas de 1,4 %. Devemos contudo advertir que os problemas levantados pelo fornecimento em baixa tensão não se podem medir pela importancia relativa da energia vendida; com efeito, em pessoal, em organização, em dificuldades, a distribuição em baixa tensão supera francamente a distribuição em alta, a ponto de se pôr a duvida, no nosso espírito, de haver interesse nesta actividade.

Muitas das regiões servidas pela nossa empresa, de caracteristicas rurais ou semi-rurais, não oferecem condições de rentabilidade que justifiquem o investimento dos capitais necessários á existência de uma rede de baixa tensão. E, se não fora a natureza especial da nossa industria que se traduz mais por uma prestação de serviços do que pela venda de uma mercadoria, já este problema podia ter sido ventilado e a orientação seguida ser diferente. Esta afirmação é feita com o simples intuito de situar na sua verdadeira posição a distribuição de baixa tensão e não para fugir a responsabilidades que esta empresa assumiu voluntáriamente, com o perfeito conhecimento das realidades e que continuará a assumir sempre que o interesse publico assim o exija.

Obras e Projectos

O consumo de energia eléctrica, crescendo segundo uma lei exponencial que até à data não teve ainda qualquer desmentido dos factos, obriga a manter as instalações sempre em estado de poderem garantir o abastecimento dos clientes.

Este facto força, como já temos dito em relatórios anteriores, a obras contínuas de ampliação e de remodelação da rede, substituindo instalações antiquadas por outras mais modernas, desclassificando linhas ou Subestações por não terem já capacidade suficiente, numa palavra, melhorando sem cessar o nosso aparelho industrial.

Dentro deste capítulo, vamos enumerar ràpidamente as principais obras realizadas no decorrer do ano, deixando propositadamente sem referência especial o trabalho de rotina de todos os dias, aliás essencial para o normal andamento da empresa.

Em linhas a 60 kV, enumeramos as seguintes:

Linha	Coimbra-Figueira da Foz	(37 165 m) — Em construção
»	Coimbra-Pereiros	(1 464 m) — Construída
»	C. N. E.-Coina	(18 250 m) — Em estudo
»	Coina-Sobreda	(14 000 m) — Em estudo

A nossa rede a 60 kV não sofreu por consequência qualquer ampliação de vulto no decurso de 1958, mas encontram-se diversas linhas em construção e em estudo, algumas das quais ficarão certamente concluídas no decorrer de 1959.

A construção de Subestações e de postos de seccionamento obedece ao mesmo ritmo de crescimento, já por ampliação dos existentes, já pela construção de novas instalações; assim, temos a considerar as seguintes:

Subestação de Ruivães	— 130/60/15 kV — 40 MVA	— Encontra-se quase concluída, devendo entrar em serviço no começo de 1959.
Subestação de S. João da Madeira	— 60/15 kV — 20 MVA	— Concluída
Subestação de Guimarães	— 60/15 kV	— Em construção muito adiantada
Subestação de Coimbra	— 60/30/15 kV	— Em estudo devendo iniciar-se a construção no ano corrente
Subestação do Barreiro	— 60/15 kV — 26 MVA	— Em construção, devendo entrar em serviço em 1959
Posto de seccionamento de Alcáçovas	— 30 kV	— Concluído
Subestação da Sobreda	— 60/30/15 kV — 20 MVA	— Em estudo e projecto

Foi ainda ampliada a potência das seguintes Subestações:

Condeixa	— 10 MVA
Inha	— 10 MVA
Mogofores	— 5 MVA
Coina	— 20 MVA

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da página anterior)

Temos em estudo a instalação duma bateria de condensadores estáticos na Subestação de Coina para melhoria do factor de potência da nossa rede do Sul; será a maior das instalações do género existentes no País.

Esta breve resenha não é mais do que um aspecto restrito da actividade da nossa empresa no campo da construção, pois, como acima dissemos, omitimos referência destacada a todos os ramais de alta tensão, postos de transformação e redes de baixa tensão que tivemos de executar no decorrer do ano e que representaram um volume de trabalhos que exigiu um esforço e uma organização poderosos.

A rede de alta tensão tem a seguinte extensão:

	1956	1957	1958
Norte	1 492 km	1 516 km	1 585 km
Sul	677 »	707 »	771 »
Total	2 169 »	2223 »	2 356 »

Notamos assim que sofreu um aumento de 133 km, correspondente a quase 5.6 %.

Devemos frisar que, além das linhas e ramais de somenos importância, se construíram extensões na rede do Sul, que permitiram o abastecimento de todo o concelho de Santiago do Cacém.

Terminaram as obras de construção do novo escritório para a nossa sede e estão muito adiantados os trabalhos de ampliação do escritório da Delegação em Lisboa, devendo ficar concluídos no decurso de 1959.

Continua a execução do plano de ampliação das nossas instalações do Freixo e inaugurámos uma agência na Costa da Caparica, para atender de maneira condigna os clientes desta progressiva praia e resolver rápidamente os seus problemas.

Plano de Fomento 1959-1964

A Lei n.º 2 094 promulgou as bases da organização do Plano de Fomento da Metrópole e das Províncias Ultramarinas, para o período compreendido entre 1 de Janeiro de 1959 e 31 de Dezembro de 1964.

No relatório final preparatório, vê-se a importância que o Governo dispensa à produção, transporte e distribuição de energia eléctrica, o carinho que lhes dedica e as dificuldades que tem sido necessário vencer para atingir a situação em que hoje estamos.

Do citado relatório, transcrevemos as seguintes palavras:

...«O índice português 0,135 km de rede/km² de área, deve confrontar-se com 0.615 para a França e 0.835 para a Bélgica. E isto prova a fraca densidade da nossa rede de alta tensão (transporte e grande distribuição e por consequência o índice ainda reduzido de electrificação do País. Mas, se examinarmos a relação rede de distribuição/rede de transporte (acima de 100 kV) encontram-se os seguintes valores:

Portugal	10.36
França	16.72

o que significa residir o principal atraso na rede de distribuição.»

Está assim focado, com clareza e com verdade, o problema fundamental da electrificação portuguesa: a distribuição de energia eléctrica

Com efeito, a produção tem-se desenvolvido em ritmo acelerado e não existe hoje em dia qualquer problema neste aspecto; as fontes de produção são neste momento suficientes para atender às necessidades do País e as previstas no Plano de Fomento cobrirão perfeitamente os aumentos do consumo no sexénio correspondente.

E' na rede de distribuição que se revela a fraqueza da nossa estrutura e por isso não admira que o Governo tenha encarado com especial atenção este problema.

Vê-se assim claramente a razão das nossas asserções, quando temos insistido em relatórios anteriores pela necessidade de resolver com urgência o problema da difuão da rede de distribuição e muito em especial da electrificação rural, assunto que merece um capítulo especial no relatório do Plano de Fomento.

A Câmara Corporativa no seu Parecer n.º 3/VII propôs para a distribuição uma verba de 1:700.000 contos, ampliando assim a verba de 1.000 000 de contos indicada pelo Governo; damos a esta proposta o nosso inteiro aplauso, embora julguemos que a dotação feita é ainda insuficiente.

A nossa empresa, de acordo com a sua tradição e a sua maneira de ser, colaborará activamente com o Governo na realização do Plano de Fomento, certa de que contribuirá desta forma para o bem geral e para a elevação do nível de vida da população.

Pessoal e Serviços Sociais

Dentro da orientação traçada desde há longos anos, prosseguimos firmemente na nossa política social de valorização do indivíduo, concedendo um conjunto de regalias que constituem um verdadeiro complemento do salário ou do ordenado; garantimos assim àqueles que trabalham na nossa sociedade, a certeza de que pertencem a uma organização progressiva que deseja dar-lhes segurança, o que nem sempre é fácil no perturbado mundo de hoje.

Como é hábito, citaremos um conjunto de dados estatísticos que, melhor do que todas as palavras, permitirão ajuizar do valor e da importancia da política social da nossa empresa:

Contribuição total para as Caixas de Previdência	4.466.423$90
Abono de familia (suplemento)	1.325.426$50
Subsídios de férias	400.935$75
Subsídios de doença (complemento)	240.605$73
Subsídios de morte (complemento)	49.500$00
Subsídio de casamento	34.559$70
Subsídios de reforma	28.987$60
Radiografias, análises, medicamentos e serviços médicos	272.586$03
Cantina da Central do Freixo	351.713$27
Cantinas da Escola Industrial e Comercial e do Liceu de Setubal	63.965$00
Colónias de férias	267.583$81
Escolas para adultos e subsidios de estudo	47.090$59
Campanha de profilaxia contra a tuberculose	27.500$00
Bolsas de estudo	20.000$00

1) Os encargos de acção social totalizam 7.597 contos, com o aumento de 1.4 % sobre o ano anterior; verifica-se assim uma relativa estabilização destas despesas, o que é natural, dado o elevado montante que representam. Correspondem, como já dissemos mais de uma vez, a cerca de 30 % dos ordenados e salários pagos.

2) A contribuição total para as Caixas de Previdência, atingiu 4.466 contos, assim divididos:

A cargo da U. E .P.	3.299 contos
A cargo do Pessoal	1.167 »

Representa a contribuição para a Previdência um pesado encargo para a empresa, que nós gostosamente aceitamos pelo que significa de vantagens de ordem social.

Os subsídios recebidos das Caixas de Previdência pelo pessoal totalizaram 2.092 contos, dos quais a maior parte se destinou a abono de familia.

3) Por nossa iniciativa e nos diversos campos em que se realiza a nossa acção social, despendemos por consequência 3.131 contos, importancia da mesma ordem de grandeza da do ano anterior.

4) A verba mais elevada é o suplemento do abono de família, em quantia igual á que é concedida pelas Caixas de Previdência. Fazemos notar que consideramos muito importante esta modalidade de acção social, auxiliando as famílias mais numerosas, dentro de uma política que é hoje comum a todos os países.

5) Os subsídios de doença e de morte, totalizando 290 contos, são também complemento daqueles que concede a Caixa de Previdência; com os primeiros, pretendemos garantir ao pessoal doente o valor inteiro do seu salário ou ordenado durante um período amplo, para evitar diminuição de proventos, justamente quando eles são mais necessários.

6) Aparece pela primeira vez a verba relativa a subsídios de reforma com um total de 29.000$00; chamamos a atenção para esta rubrica, não pelo seu montante, mas pela orientação que traduz. Pareceu-nos que não devíamos abandonar aqueles que, tendo dedicado a sua vida inteira á nossa empresa, chegavam a certa altura incapacitados de trabalhar por doença ou por velhice.

7) Os nossos serviços médicos continum a ter uma larga acção social de auxílio a todos os que trabalham connosco, procurando combater as doenças por meio de uma profilaxia apropriada.

O posto médico do Freixo tem um movimento que justifica inteiramente a sua criação, a tal ponto que vamos também instalar na Cachofarra um posto médico; temos continuado a auxiliar a campanha de profilaxia contra a tuberculose.

Os resultados obtidos são extremamente animadores, pois tanto o índice de mortalidade como o índice de doença têm diminuído na nossa empresa.

8) Um dos problemas que mais têm ocupado os nossos serviços médicos é a saude das crianças e, nesse sentido, se lhe tem dedicado uma especial atenção.

Por isso as Colónias de Férias merecem um carinho e interesse muito grandes e procuramos que o maior numero possível de crianças beneficie das vantagens destas instituições. Em 1958, 234 crianças frequentaram as Colónias de Férias com vantagens apreciáveis para a sua saude.

A nossa Colónia de Férias privativa, localizada em Palmela, continua a ser considerada como um modelo e como um exemplo.

9) Manteve-se em vigor a contribuição da empresa para as refeições tomadas na Cantina da Central do Freixo, totalizando 352 contos e continuaram a pagar-se as refeições dos filhos do nosso pessoal que frequentam as cantinas da Escola Industrial e Comercial e do Liceu, de Setubal.

No prosseguimento desta orientação, vamos este ano instalar cantinas no escritório da sede e na Central da Cachofarra em moldes análogos aos que vigoram para o Freixo.

E' mais um encargo que assumimos, mas é mais um benefício que concedemos ao pessoal, indo assim de encontro aos desejos por ele manifestados.

10) Não foi só no domínio da assistência e da saude que se exerceu a nossa acção: o problema cultural também nos prendeu a atenção e nesse sentido concedemos subsídios de estudos para pessoal da empresa, de forma a realizar o seu aperfeiçoamento profissional e a ensinar a ler os que ainda não sabem.

11) No Natal realizámos, como é uso, as habituais festas, com distribuição de bolos e brinquedos, para alegria e satisfação dos pequenos que a elas assistem.

São as festas de confraternização da família da U. E. P.

12) Como é uso também, distribuímos relógios a todos aqueles que atingiram 25 anos ao serviço da empresa.

13) Em face do momentoso problema de habitação que se põe hoje com acuidade em toda a parte, temos facultado empréstimos ao pessoal para o auxiliar na construção das suas casas.

Parecem-nos inuteis quaisquer outros comentários para situar no seu verdadeiro nível a política social feita pela empresa. Apenas queremos significar que não vemos qualquer motivo para alterar a orientação que temos seguido, a qual pensamos ir ampliando á medida que isso nos for possível.

Para fechar este capítulo, queremos testemunhar a todo o pessoal técnico, administrativo e operário o nosso reconhecimento pela dedicação e competência revelados no decorrer do ano ao serviço da sociedade.

Comparticipação noutras empresas

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve — Durante 1958 prosseguiram os trabalhos de electrificação do Baixo Alentejo e Algarve, em antecipação sobre o programa cometido pelo Governo a esta Companhia; falta apenas atingir os concelhos de Odemira e Barrancos, no Alentejo e os de Castro Marim, Alcoutim, Aljezur e Vila do Bispo no Algarve.

No decurso de 1958 instalou-se a Subestação 30/6 kV da Lagoa e montaram-se linhas de alta tensão com o comprimento total de 95 km, assim discriminadas:

30 kV	55 km
15 kV	40 km

Até ao fim de 1958 a rede de alta tensão tinha o seguinte comprimento:

60 kV	134 km
30 kV	405 km
15 kV	176 km
6 kV	2 km
	717 km

O total de energia vendida no ano atingiu 12 289 100 kWh, havendo assim, em relação ao ano anterior, um aumento de 8 993 278 kWh.

Está-se ainda longe de atingir aquele volume de vendas que constitua justificação económica do empreendimento realizado. De facto, para assegurar a rentabilidade dos capitais investidos na electrificação destas províncias, será necessário atingir um consumo avultado, o que levará alguns anos. A região é pobre, fracamente povoada, os centros populacionais muito afastados, e assim a quantidade de energia vendida por km de linha é sempre escassa

Para que esta empresa possa realizar a obra de fomento que lhe foi confiada, será necessário que lhe seja criado um conjunto de condições especiais, nem sempre fáceis de atingir. De qualquer forma, conscientes da importancia inerente a uma concessão de distribuição de energia eléctrica, continuaremos a prestar a nossa colaboração com o maior entusiasmo no exercício do nosso cargo de vogais do Conselho de Administração.

O financiamento desta Companhia foi obtido por uma ampliação de capital de 7.000 contos, um empréstimo do Fundo de Fomento Nacional de igual valor e por emissões de obrigações de 7.000 contos também, integralmente tomadas pelas Caixas de Previdência.

Hidro Eléctrica do Cávado — Com o escalão de Paradela, concluído na Primavera passada, terminou o esquema proposto pelos serviços oficiais, aquando da constituição da sociedade. Compreende esse esquema os quatro escalões: Venda Nova, Salamonde, Caniçada e Paradela; contudo, por estudos levados a efeito pelos serviços da sociedade, as possibilidades do sistema, cuja energia produtível em ano médio deveria ser da ordem dos 610 milhões de kWh, passaram a ser da ordem dos 920 milhões, o que muito é de apreciar.

Novas perspectivas se abrem no entanto á sociedade com a importante obra do Alto Rabagão (Pisões), inteiramente concebida, estudada e projectada pelos seus serviços técnicos.

As produções registadas nas Centrais foram as seguintes:

	1956	1957	1958
Vila Nova ...	212 996 MWh	271 370 MWh	394 366 MWh
Salamonde .	109 848 »	117 447 »	174 951 »
Caniçada	138 850 »	164 577 »	226 944 »
Total	461 694 »	553 394 »	796 261 »

Verificou-se assim um aumento de 243 milhões de kWh sobre o ano anterior, em parte por ter sido o primeiro ano em que Paradela funcionou em pleno regime.

Em Março de 1958 foi lançada uma emissão de 20.000 contos de obrigações; em

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da página anterior)

Julho do mesmo ano foi realizado um aumento de 75.000 contos do capital social, totalmente tomados por instituições de previdência, dentro do plano estabelecido de financiamento da sociedade.

Como vogais do Conselho de Administração demos a esta sociedade a nossa melhor colaboração.

Companhia Nacional de Electricidade — O ano de 1958 foi de trabalho intenso na ampliação e remodelação da rede.

A Subestação de Pereiros 220/150 kV entrou em serviço em Janeiro de 1958, data que marcou a ligação da Central do Picote.

Em fins de 1958 e para abastecimento da zona Norte iniciou-se a construção da Subestação de Vermoim de 220/60 kV para recepção da energia do Picote; conta-se que nos primeiros meses do segundo semestre do ano que corre esta Subestação possa entrar em exploração. As Subestações de Ermesinde e do Zêzere foram ampliadas com novos transformadores para fazer frente ao aumento do consumo.

Continuou-se a construção da rede a 220 kV, devendo ficar concluída, no princípio deste ano, a linha Picote-Vermoim; começou a montagem da linha para ligação com a Central espanhola de Saucelle, realizando-se assim a interconexão a 220 kV entre Espanha e Portugal, para reserva, socorro e aproveitamento eventual de energias sobrantes.

A rede a 150 kV foi também ampliada com a construção das linhas Zêzere-Entroncamento e Zêzere-Porto Alto, esta ultima constituindo o primeiro troço da duplicação da linha para Setubal, obra que consideramos da maior importancia, pois será a garantia do fornecimento á nossa concessão do Sul, hoje abastecida por um unico terno de condutores.

Estão em projecto as Subestações de Vila Chã, de 220/60 kV, o posto de seccionamento de Porto Alto para fornecimento á Siderurgia Portuguesa e a Subestação 150/60 kV em Ferreira do Alentejo. Encontra-se em estudo muito adiantado a Subestação de Benfica, para a recepção da tensão 220 kV em Lisboa e iniciou-se o estudo da linha a 220 kV de Coimbra a Lisboa.

Através da rede desta empresa, transitaram no ano 1740 GWh.

O financiamento desta Companhia foi assegurado por um empréstimo do Fundo de Fomento Nacional, de 47.000 contos e por uma emissão de acções de 60 000 contos.

No exercício do nosso cargo de vogais do Conselho de Administração, prestámos-lhe a nossa mais dedicada colaboração.

Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares — A nossa empresa não podia ficar alheia ao momentoso problema da utilização da energia nuclear para a produção de energia eléctrica.

Por todo o Mundo se trabalha com afã na resolução deste problema e muitas das industrias existentes se dedicam activamente ao seu estudo, constituindo e criando sociedades ou organismos que se ocupam da investigação, da preparação de técnicos e da instalação de centrais protótipos ou para a produção de energia.

O relatório final preparatório do Segundo Plano de Fomento, na sua Parte VI, electricidade, capítulo sobre «Disponibilidades energéticas nacionais», diz «que não há por enquanto em Portugal qualquer problema de escassez de recursos energéticos nacionais para a produção de electricidade». Mas diz também que se tem de ir estudando o problema da energia nuclear acompanhando «com a máxima atenção os progressos realizados para estar em condições de utilizá-los no momento oportuno».

Nesse sentido, a nossa empresa aderiu a uma iniciativa para a criação em Portugal de uma companhia denominada Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares, que tem como finalidade «estudar utilizações de energia nuclear, realizar os projectos resultantes dos estudos efectuados e bem assim fomentar, criar, desenvolver e coordenar actividades industriais relacionadas com a produção ou a aplicação da referida energia». Está contudo esclarecido que «a exploração de reactores na produção de energia eléctrica, quer directamente, quer por interposta pessoa jurídica, individual ou colectiva, fica excluída do objecto social».

O capital desta Companhia foi fixado inicialmente em 10 milhões de escudos e na sua constituição intervieram, entre outras, as principais empresas de electricidade, dado o interesse manifesto que para elas tem o estudo dos problemas de utilização de energia nuclear.

Uma vez mais a nossa empresa vai colaborar de maneira activa na resolução de importantes problemas técnico-económicos do País, intervindo de maneira directa na vida da nova companhia, como vogal do seu Conselho de Administração.

Empresa Termoeléctrica Portuguesa — Por atrasos na entrega de material dos fornecedores nacionais não foi possível que a Central da Tapada do Outeiro entrasse em serviço no fim de 1958, como estava previsto. Presentemente encontra-se muito adiantada toda a montagem, tudo fazendo prever que a Central possa entrar em ensaios no próximo mês de Março.

Estão já em funcionamento os teleféricos de S. Pedro da Cova e do Pejão, pelo que já se recebeu no parque da Central grande quantidade de carvão procedente daquelas minas.

Em cumprimento do seu programa financeiro e para fazer face aos encargos da Empresa, foi em Maio de 1958 elevado o capital social a 150.000 contos, pela emissão de 60.000 novas acções, de 1.000$00 cada uma.

Como vogais do Conselho de Administração demos a esta sociedade a nossa mais dedicada colaboração.

Hidro-Eléctrica do Zêzere — As produções verificadas nas suas Centrais foram as seguintes:

	1956	1957	1958
Castelo do Bode	373 501 MWh	325 651 MWh	185 163 MWh
Cabril	258 256 »	211 772 »	158 868 »
Bouçã	118 254 »	115 530 »	85 135 »
Total	750 011 »	652 953 »	429 166 »

Nota-se que a produção do passado ano foi inferior á de 1957 — 652 953 MWh — e esta ultima, por sua vez, já tinha sido mais baixa do que a de 1956 — 750 011 MWh. A situação verificada em 1958 deve-se á entrada em serviço da Central do Picote que permitiu terminar o ano com grandes reservas de energia armazenada nas Centrais da albufeira.

Como vogais do Conselho Fiscal desta empresa, acompanhámos a sua vida com todo o interesse.

Companhia Eléctrica das Beiras — A Central de Santa Luzia produziu em 1958 49 636 MWh, com um aumento em relação ao ano anterior de cerca de 10 000 MWh; a produção desta Central reflectiu, como era de prever, o bom ano hidrológico havido.

Continuaram muito activamente os estudos relativos ao aproveitamento integral do rio Mondego, dado o interesse considerável que esta obra pode ter para a economia do País.

No parecer da Camara Corporativa relativo ao Plano de Fomento não foi incluida qualquer verba relativa a este aproveitamento, visto que o seu estudo definitivo não se encontrava ainda concluído e por se ter verificado que neste sexénio não seria necessário contar com a sua energia.

Como Vice-Presidente do Conselho Fiscal, acompanhámos a vida desta Companhia com todo o interesse e demos a nossa melhor colaboração á Direcção cuja actuação é digna do nosso inteiro aplauso.

Eléctrica Duriense, Lda. — A energia vendida atingiu 14 267 555 kWh, em ligeira regressão sobre o ano anterior. A rede de alta tensão tem o comprimento de 430 km; á mesma estão ligados 148 postos de transformação, com uma potência de 11 587 kVA.

Empresa Industrial do Freixo — Não foi ainda possível no decorrer de 1958 iniciar os trabalhos de instalação da projectada fábrica de cloreto de polivinílico; tal situação deve-se a dificuldades imprevistas, provenientes das negociações do contrato e da necessidade de garantir a aquisição das indispensáveis matérias-primas.

Terminou porém o ano com estes assuntos práticamente resolvidos, devendo assinar-se muito em breve o contrato para a instalação da fábrica. Espera-se que os trabalhos comecem no decorrer de 1959 e que possam estar concluídos em principios de 1961.

A produção de carboneto foi ligeiramente inferior á do ano passado.

Como vogais do Conselho de Administração desta Empresa demos toda a nossa colaboração e acompanhámos a sua vida com o mais desvelado carinho.

Capital

Procedemos no decorrer do ano a uma ampliação de capital e a uma emissão de obrigações.

A ampliação de capital de 200.000 para 250.000 contos, autorizada por portaria publicada no «Diário do Governo», III Série, de 24 de Maio de 1958, foi feita nas seguintes condições:

a) — Emissão de 250 000 acções do valor nominal de 100$00 cada uma, por incorporação de reservas;
b) — Emissão de 250 000 acções do valor nominal de 100$00 cada uma, por subscrição.

Esta ampliação, reservada aos accionistas, teve o mais lisonjeiro acolhimento.

Por portaria publicada no «Diário do Governo», III Série, de 13 de Agosto, foi autorizada uma emissão de 350 000 obrigações do valor nominal de 100$00 cada uma, ao juro de 5 %, cativo de impostos, emissão que se realizou no mês de Outubro.

Gerência

Completaram vinte e cinco anos ao serviço da sociedade os nossos Gerentes, Senhores Engenheiros Mamede Fialho e Paulo de Barros.

Assinalamos este facto com a maior satisfação e devido reconhecimento, pois as suas invulgares qualidades de inteligência e de comando, de capacidade técnica e de interesse pelo pessoal, de incansável e zelosa actividade, muito têm contribuido ao longo daqueles anos para a expansão e bom nome da União Eléctrica Portuguesa.

Corpos Gerentes

Como é já do conhecimento dos senhores accionistas, a morte levou-nos, no princípio deste ano, o nosso Presidente da Assembleia Geral, Senhor Manuel Pinto de Azevedo, industrial prestigioso e figura de relevo da nossa sociedade. Aqui deixamos consignado o preito da nossa homenagem.

Terminando com este exercício o nosso mandato, bem como o do Conselho Fiscal e da Mesa da Assembleia Geral, há que proceder á eleição dos novos Corpos Gerentes, para o futuro triénio, conforme determinam os Estatutos.

Manifestamos ao Ex.mo Senhor Dr. António Gonçalves Rodrigues, ilustre Delegado do Governo, e ao nosso Conselho Fiscal os melhores agradecimentos pela dedicada colaboração que nos prestaram.

Contas

Cumprido o disposto no numero 2.º do artigo 12.º dos Estatutos, apresenta a conta de Resultados Gerais um saldo de 28.884 contos.

O aumento registado na rubrica do Balanço «Títulos de Capital em Carteira» resultou de havermos contabilizado os títulos pelo seu valor nominal, para incorporarmos o respectivo valor no capital, nos termos da operação atrás referida.

Para o saldo da conta de Resultados Gerais propomos a seguinte aplicação:

Fundo de reserva legal	1.600.000$00
Dividendo a distribuir	25.000.000$00
Gratificação a todo o pessoal	1.850.000$00
Para novo exercício	434.316$47
	28.884.316$47

Porto, 23 de Fevereiro de 1959.

PELO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O Presidente

(a) Carlos Barbosa

(Continua na página seguinte)

Antologia do conto policial — **Texto intergral do conto de FRED DICKENSON**

O crime a bordo do barco verde

QUANDO depararam com o corpo estendido na erva, junto da margem do rio Trinity, perto de Dallas, no Texas, os dois pescadores começaram a gritar por socorro. Daí a meia hora, o xerife, Smoot Schmid, e os seus auxliares compareciam no local.

—Um ferimento destes só poderia ter sido causado por uma espingarda! — comentou o xerife—. Foi apanhado em cheio na cabeça!

O homem estava bem vestido, mas não se encontraram quaisquer documentos de identificação. Enquanto procediam á autópsia, Schmid e o agente Joe Luther examinaram a margem do rio, procurando descobrir como o corpo fora ali parar. O caudal aumentara com as chuvas e a torrente poderia ter arrastado o cadáver, durante algum tempo, até ficar enleado nas ervas. Não era de excluir, também, a hipótese de haver sido atirado, de um dos barcos de pesca qué andavam naquelas paragens. Vagarosa e atentamente, os dois homens foram seguindo pela margem, em direcção ao Norte. A certa altura, detiveram-se a contemplar, interessados, o arco da ponte por onde passa a Estrada Nacional n.º 185, a três quilómetros do local onde fora encontrado o corpo.

—Podiam tê-lo atirado da ponte — sugeriu Luther — e só daí a algum tempo a água o depositaria na margem!...

—O melhor é ouvir as pessoas das redondezas! — retorquiu o xerife.

*

Não demoraram muito os resultados do inquérito. Um dos moradores de região foi dizendo, enquanto esfregava o queixo com a mão calosa:

—Haverá coisa de uma semana, ouvi, para estas bandas, um tiro de espingarda. Era de noite e, para falar a verdade, não me dei ao trabalho de ir ver do que se tratava. Mesmo o melhor é cada qual meter-se na sua vida, principalmente quando entram espingardas no caso!

—Mas é que houve morte de homem, e isso deve interessar toda a gente! — observou o xerife.

Depois de meditar durante uns segundos, o homem foi-se abrindo:

—Bem! Esteve aí ancorado, ao pé da ponte, um grande barco pintado de verde, com um homem e uma mulher a bordo. Cá para mim, penso que o tiro partiu de lá... Pelo menos, no outro dia, de manhã, o barco já lá não estava...

E era tudo quanto sabia. O xerife e o agente foram ao local por ele indicado e observaram a lama calcada num sítio onde devia ter estado um barco, do qual, porém, não havia quaisquer outros vestígios.

No regresso souberam que já tinha sido feita autópsia ao corpo, revelando coisas interessantes. O crime fora praticado havia aproximadamente uma semana, o que jogava com as informações do homem sobre o tiro e o barco. Sinais de injecções nos braços indicavam que o assassinado podia ser viciado em narcóticos. Enviaram as suas impressões digitais para a Polícia Central, prevendo a hipótese de ter sido preso alguma vez, por qualquer circunstancia, ou submetido a tratamento.

O resultado foi a Polícia Central informar que a vítima era Clement Andrews, de quarenta e quatro anos, de Dallas. Como nos seus arquivos havia um retrato dele, foram tiradas cópias dessa fotografia e os auxiliares do xerife trataram de averiguar por aqueles lugares se alguém o vira, enquanto outros investigadores se meteram pelo rio á procura do barco verde. Alguns pescadores lembravam-se dele, mas ninguém o vira na noite fatal. Encontraram-se alguns barcos de cor verde; contudo, os tripulantes não deram quaisquer explicações satisfatórias.

Todos os barcos pintados de fresco foram objecto de um inquérito especial, mas aquele barco verde tornara-se, realmente, num barco-fantasma. No entanto, os agentes que andavam pelas tabernas e restaurantes com a tal fotografia enviada pela Polícia Central tiveram mais sorte. O homem fora visto em vários sítios, pouco antes de ter sido assassinado, na companhia de uma mulher.

—Era uma tal Morton!... — recordou-se o dono de uma espelunca — ...Edith Morton!...

O interesse dos investigadores incidiu, pois, sobre essa informação. Andrews andara acompanhado por uma mulher e havia, igualmente, uma mulher a bordo do misterioso barco. Tê-lo-ia ela assassinado ali? E se cometeu o crime qual fora o móbil? Como poderia ela ter-se desfeito do cadáver e manobrar a pesada embarcação? Pediram informações á Polícia Central sobre Edith Morton e receberam, igualmente, uma fotografia do tempo em que ela também se dava ao vício dos estupefacientes e fora presa por esse motivo.

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da página anterior)

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1958

ACTIVO

1) — Disponível			
Títulos de Capital em Carteira	65.395.400$07		
Participações de Capital por Quotas	268.100$00		
Edifícios de Arrendamento	133.980$00		65.797.480$07
2) — Circulante			
a) — Fluído			
Dinheiro	2.742.885$30		
Depósitos Bancários	51.856.960$64	54.599.845$94	
b) — Créditos			
Créditos sobre Clientes	66.085.872$93		
Créditos e Débitos Gerais (Créditos)	19.246.118$74		
Accionistas	61.219$00	85.393.210$67	
c) — Permutável			
Material em Armazém	68.194.761$09		
Material a Receber	8.743.408$82		
Serviços de Oficinas (em curso)	2.843.322$90	79.781.392$81	219.774.449$42
3) — Fixo			
Móveis, Utensílios e Biblioteca	7.132.251$81		
Veículos	5.344.380$75		
Material em Instalações Alheias	11.023.014$30		
Aparelhos, Ferramentas e Inst. Acessórias	5.337.719$43		
Oficinas Gerais	1.315.688$24		
Redes de Baixa Tensão	34.147.993$14		
Centrais, Subest. e Post. de Seccionamento	118.583.463$14		
Linhas de Alta Tensão	157.892.721$57		
Edifícios de Serv. Próprio e Terrenos	27.542.599$43		368.319.834$81
4) — De Compensação			
Cauções da Administração	500.000$00		
Cauções Alheias	444.020$20		
Créditos por Cauções Prestadas	468.797$00		1.412.817$20
			655.304.581$50

PASSIVO

1) — Débitos			
a) — De Vencimento Imediato			
Ordenados e Salários	170.451$49		
Débitos por Resgate de Obrigações	758.311$15		
Juros de Obrigações	3.701.567$13		
Débitos Gerais por Aquisições e Serviços	5.532.347$40		
Créditos e Débitos Gerais (Débitos)	9.637.172$73		
Dividendos Vencidos	346.797$34		20.146.647$24
b) — De Vencimento a Curto Prazo			
Contas Transitórias	239.365$79		
Débitos por Aquisição de Energia	27.669.516$34		
Obrigações de Resgate Próximo	3.388.700$00		31.297.582$13
c) — De Vencimento a Longo Prazo			
Obrigações de Resgate Diferido	165.407.100$00		
Fundo de Reembolso de Capital (Quotas de Reversão)	28.000.000$00		193.407.100$00
2) — De Ordem			
Reinteg. de Móveis, Utensílios e Biblioteca	4.345.370$76		
Reintegração de Veículos	3.484.294$44		
Reinteg. de Material em Instal. Alheias	7.918.169$97		
Reinteg. de Apar., Ferram. e Inst. Acessórias	299.425$71		
Reintegração de Oficinas Gerais	624.433$48		
Reintegração de Redes de Baixa Tensão	10.590.427$38		
Reinteg. de Centrais, Subestações e Postos de Seccionamento	22.548.336$08		
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	39.634.775$07		
Reinteg. de Edifícios de Serviço Próprio e Terrenos	7.117.356$13		96.562.589$02
3) — De Compensação			
Débitos por Cauções da Administração	500.000$00		
Débitos por Cauções Alheias	444.020$20		
Cauções Prestadas	468.797$00		1.412.817$20
			342.826.735$59
SITUAÇÃO ACTIVA			
1) — De Constituição			
Capital			250.000.000$00
2) — Acumulada			
Fundo de Reserva	14.657.945$34		
Fundo Variável para Amortizações	6.150.000$00		
Provisões Gerais	12.785.584$10		33.593.529$44
3) — De Exercício			
Resultados Gerais			28.884.316$47
			312.477.845$91
			655.304.581$50

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

OS ENGENHEIROS GERENTES
Mamede Fialho — Paulo de Barros

RESULTADOS GERAIS

GERÊNCIA DE 1958

DÉBITO		CRÉDITO	
Exercícios Anteriores	612.681$99	**Exercícios Anteriores — Saldo proveniente de 1957**	576.432$90
Encargos Gerais de Administração	3.513.635$69	**Exploração**	48.647.182$70
Juros de Obrigações	6.644.813$03	**Rendimentos Gerais**	405.657$87
Contribuições e Impostos	9.973.826$29		49.629.273$47
Balanço	28.884.316$47		
	49.629.273$47		

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

OS ENGENHEIROS GERENTES
Mamede Fialho
Paulo de Barros

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Chamados a pronunciar-nos sobre o Relatório e as Contas apresentados pelo Conselho de Administração e referentes ao exercício de 1958, entendemos que estes documentos merecem a nossa inteira aprovação.

No que respeita ao Relatório, ele constitui um sumário elucidativo, e por vezes minucioso, da actividade desenvolvida durante o ano, nos diferentes sectores por que se reparte a Administração da Companhia.

E é também o mesmo Relatório um expoente da orientação modelar que se tem adoptado, cujos frutos estão patentes na organização eficiente dos serviços, na vasta obra realizada, nas iniciativas bem sucedidas, na harmonia saudável entre dirigentes e dirigidos, e nos lucros apurados correspondentes, sem exagero, á legítima compensação do esforço produzido e do capital investido.

A estatística reflecte uma natural, mas nem por isso menos louvável, sincronização de crescimento, quer da energia eléctrica vendida, quer das instalações executadas ou projectadas, quer dos contratos firmados, quer da assistência poliforme solícitamente prestada ao pessoal, quer dos elementos financeiros oportunamente obtidos, quer ainda da comparticipação e colaboração activa nas várias sociedades afins, em que estamos interessados.

Por tudo isso havemos de congratular-nos, e também pela circunstancia agradável de se comemorar neste exercício o 25.º aniversário do ingresso nos quadros da sociedade, além de outros colaboradores prestimosos, dos nossos dedicados e competentíssimos Gerentes, engenheiros Mamede Fialho e Paulo de Barros.

Muito nos apraz igualmente consignar que a União Eléctrica Portuguesa, fiel aos seus deveres, continuará a dar um concurso entusiástico e persistente á acção do Governo, contribuindo agora no ambito das suas possibilidades para a integral execução do novo Plano de Fomento.

Em referência ás Contas, podemos testemunhar-vos, em virtude do exame mensal a que procedemos e da análise cuidadosa que delas fizemos depois do Balanço, que se encontram em perfeita ordem e rigorosamente exactas.

Por tudo isto, somos de

PARECER:

1.º — Que se aprovem o Relatório, o Balanço e as Contas apresentados pelo Conselho de Administração;

2.º — Que se aplique o saldo da conta de Resultados Gerais conforme propõe o mesmo Conselho;

3.º — Que se preste o merecido louvor á Administração e á Gerência pela sua inteligente e zelosa actuação;

4.º — Que se reconheça com justiça a colaboração dedicada de todo o pessoal;

5.º — Que se exare na acta um voto de profundo pesar pelo falecimento do antigo e prestimoso Presidente da Assembleia Geral, Manuel Pinto de Azevedo;

6.º — Que se proceda á eleição dos Corpos Gerentes para o novo triénio.

Porto, 24 de Fevereiro de 1959.

O CONSELHO FISCAL
Raul Monteiro Pinto
Joaquim do Valle Cabral
José Nunes da Fonseca

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

(Continuação da página anterior)

O pessoal do xerife redobrou de esforços em busca tanto da mulher como das pessoas que tinham visto Andrews nos seus ultimos dias. Schmid e o agente Billy Parker conseguiram nova pista num «bar» perto da estrada.

O dono arregalou os olhos quando viu a fotografia:

—Esteve aqui, há poucos dias!— disse ele e acenou com a cabeça, a indicar um indivíduo, de pé, junto ao balcão —. Esteve até com aquele homem e discutiram como pessoas já muito conhecidas!

O xerife e o agente aguardaram serenamente que o homem saisse e seguiram-no, a distancia, no escuro. Ele, porém, não se encaminhou para o rio, mas dirigiu-se para um terreno onde estacionava um carro-caravana. Cautelosamente, os investigadores puseram-se a espreitar por uma janela e viram Edith Morton, sentada numa cadeira, a falar com o homem que acabava de entrar.

—Vamos prendê-los! — disse o xerife.

Levado ao posto policial, o homem disse chamar-se Richard Hanie e que conhecia Clement Andrews, negando, porém, que o tivesse assassinado. Interrogada, por sua vez, a mulher rompeu em soluços:

—Clement e Dick pegaram-se á pancada — contou ela —. Ambos tinham estado a beber e disputaram a posse da espingarda.

Acareados, depois dessas declarações, Hanie confessou ter disparado o tiro, mas insistiu em que fora em caso de legítima defesa.

—Diga-me uma coisa? — perguntou-lhe o xerife —. Que foi feito do barco?

—Depois de ter atirado Andrws da ponte para a água, larguei com o barco e, quando iamos já a certa distancia, deitei-lhe fogo. Ardeu até á borda e depois afundou-se. Joguei a espingarda ao rio e só mais tarde é que comprei este carro-caravana.

*

O juri não aceitou a alegação de Hanie de ter agido em legítima defesa, considerando-o culpado, embora sem premeditação. Ainda assim, o magistrado aplicou-lhe cinco anos de penitenciária.